
HARLEQUIN
HISTÓRICOS
O ANEL DE NOIVADO
DEBORAH SIMMONS

Deborah Simmons

O ANEL DE NOIVADO

Tradução
Elaine Moreira

HARLEQUIN®

Rio de Janeiro, 2023

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE DE BURGH BRIDE
Copyright © 1998 by Deborah Sieganthal

Diretor editorial:
Samuel Coto

Editora-executiva:
Alice Mello

Editora:
Julia Barreto

Adaptação de capa:
Maria Cecilia Lobo

Editoração eletrônica e conversão para e-book:
ABREU'S SYSTEM

Editora HR Ltda.
Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro — 20091-005
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Simmons, Deborah
O anel de noivado [livro eletrônico] / Deborah Simmons ; tradução Elaine Moreira. – 1. ed. – Duque de Caxias, RJ: Harlequin, 2023.
ePub (Históricos ; v. 85)

Tradução de: The De Burgh bride
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5970-296-1 (recurso eletrônico)

1. Romance histórico 2. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

23-168397 CDD-813.5

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB-8/8415

Capítulo Um



Geoffrey de Burgh olhava estarrecido para o pedaço de palha em sua mão. Ouvia a reação dos cinco irmãos, que suspiraram aliviados, murmurando-lhe condolências em seguida. Mas ele não respondeu. Só conseguia olhar para aquele pequeno talo, incapaz de acreditar que, dentre todos os De Burgh ainda solteiros, ele fora o escolhido. Agora deveria casar com a Fitzhugh. Por fim, erguendo a cabeça, Geoffrey deparou com o olhar preocupado do pai. Se o conde de Campion estava surpreso por ver que seu filho mais estudioso se casaria com uma mulher conhecida por seus desvarios, não demonstrou. Mas era evidente que compreendia o desalento do filho, mesmo sentindo-se orgulhoso por saber que Geoffrey não o desapontaria.

O rei Edward havia decretado que um De Burgh deveria casar com a jovem, e ele cumpriria seu dever, em honra ao rei e à família.

Empertigando-se, Geoffrey ocultou seus receios com cuidado.

— Muito bem. Casarei com ela — ele disse.

Não houve felicitações, pois ninguém no solar alimentava ilusões de que Geoffrey seria feliz com sua esposa. Ao menos uma vez, nenhum dos irmãos começou com as costumeiras provocações e zombarias. Todos estavam aliviados por terem escapado daquele destino e não iriam fazer pouco caso da situação.

Pedindo licença, os cinco homens, guerreiros audazes, saíram da sala, ansiosos para esquecer a covardia que os dominava quando se tratava de casamento. E - Geoffrey não podia culpá-los. Quem não recuaria diante da perspectiva de ter tal esposa? Observou todos saírem, deixando-o sozinho com Campion.

— Sente-se — o pai disse, indicando uma cadeira próxima com a cabeça. Geoffrey se acomodou para olhar de frente o rosto do homem que respeitava mais do que qualquer outro, firme diante do escrutínio do pai. Campion esfregava o queixo calma.

— Esperava que o escolhido fosse outro, talvez Simon, embora seja capaz de matá-la antes do fim da cerimônia, de tão exaltado que é — disse, olhando-o de esguelha.

Geoffrey sorriu de leve com a declaração do pai. O segundo filho de Campion, Simon, era um cavaleiro impetuoso que não dava maiores atenções às mulheres. Sem dúvida, intimidaria a Fitzhugh com facilidade, mas seu temperamento costumava bloquear-lhe o raciocínio.

Campion assentiu, como se concordasse com os pensamentos de Geoffrey.

— Bem, talvez seja melhor que você, o mais diplomata de todos, assuma essa responsabilidade. Sinto orgulho de todos os meus filhos, mas você, Geoffrey, é o que mais se parece comigo. — Geoffrey olhou o pai com surpresa. Embora Campion não escondesse a afeição que tinha pelos filhos, não costumava ser tão generoso em elogios. Na verdade, aquele reconhecimento excedia qualquer coisa que Geoffrey pudesse desejar.

— Tem a mesma força de seus irmãos, mas é sábio também. Use sua inteligência e seu coração para lidar com a mulher que será sua esposa — Campion aconselhou. — Já ouvimos muitas histórias sobre ela, mas você sabe tão bem quanto eu que tais rumores costumam ser exagerados. As pessoas nem sempre são o que parecem, por isso peço que mantenha sua mente aberta quando se casar. Só você, de todos os De Burgh, é capaz de ouvir meus conselhos.

Geoffrey assentiu silenciosamente, embora tivesse poucas esperanças de que a Fitzhugh fosse muito melhor do que diziam: um demônio com acessos de raiva, língua sórdida e comportamento selvagem. Havia matado o primeiro marido na noite de núpcias, no próprio leito, mas o rei fora indulgente por causa das circunstâncias que envolveram o matrimônio. Um ato tão cruel amedrontaria qualquer homem, especialmente diante da possibilidade de ter o mesmo destino.

Como se lesse os pensamentos do filho mais uma vez, Campion limpou a garganta, a expressão tornando-se melancólica.

— Use seu bom-senso e sua compaixão, meu filho — Campion aconselhou. — Mas não deixe de se manter sempre vigilante.

GEOFFREY COLOCOU o volume que tinha nas mãos com cuidado ao lado dos outros, no baú. Possuía mais livros do que todos os outros do castelo Campion, mesmo seu pai. Embora os De Burgh soubessem ler e escrever, só Geoffrey tinha estudado com um tutor, na ânsia de saciar sua sede por conhecimento. Por isso, expandia sua biblioteca sempre que podia.

Mal vira os irmãos durante o resto do dia. Apesar de tudo, Geoffrey os compreendia. Eram homens bravos e fortes, que se uniam frente aos desafios, mas não sabiam confrontar um inimigo como a filha de Fitzhugh. Seu iminente

casamento não era algo que pudesse ser enfrentado com espadas e machados, então, sentiam-se perdidos por não poder ajudá-lo.

Uma batida na porta o surpreendeu.

— Entre — disse, imaginando que fosse um dos criados que o ajudaria a arrumar a bagagem, mas, para sua surpresa, lá se encontrava seu irmão mais velho, Dunstan. Geoffrey não se preocupou com o olhar contrariado do alto cavaleiro, pois tinha aprendido que suas palavras e expressões rudes geralmente escondiam sentimentos mais brandos.

Naquele exato momento, Dunstan parecia desconfortável ao cumprimentá-lo com um gesto de cabeça e entrar no cômodo. Campion, maior e mais luxuoso que a maioria dos castelos, possuía muitos quartos privados. Geoffrey dividia aquele com um dos irmãos. Sorrindo um pouco embaraçado, afastou uma pilha de roupas que Stephen deixara espalhada e ofereceu a Dunstan um lugar para sentar.

Percebendo o grande baú, Dunstan o olhou com pesar.

— Preferia que outro tivesse de carregar esse fardo — ele disse. — Simon, talvez. — O eco dos sentimentos do pai incomodou Geoffrey, mas ele apenas deu de ombros.

— Vamos nos entender, espero — ele disse, dobrando uma bela túnica de lã.

— Céus, Geoff, eu... — Dunstan murmurou uma imprecação antes de continuar: — Sinto-me responsável. Fui eu quem matou o pai dela.

Geoffrey interrompeu a tarefa e encarou o irmão nos olhos.

— Porque ele estava em guerra com você. Fitzhugh era ambicioso, e nada o impediria de tentar tomar seu castelo e suas terras. Esqueceu-se de que emboscou sua comitiva, matou seus homens e o prendeu no calabouço de seu próprio castelo?

Dunstan cerrou os dentes.

— Não, mas foi meu próprio cavaleiro, Walter Avery, quem me entregou a Fitzhugh e, então, se casou com a filha dele.

— Felizmente, ela o matou antes que a guerra continuasse — Geoffrey disse rapidamente, evitando o olhar do irmão. Embora tivesse dito a verdade, não queria seguir aquela linha de pensamento, já que seria o próximo a se casar com a jovem.

— Geoffrey, eu me sinto grato por meus irmãos terem vindo em meu socorro, mas não quero que nenhum deles, ainda menos você, sofra por causa disso. Ignore as ordens do rei! — Dunstan resmungou. Geoffrey continuou a arrumar seus pertences.

— Não pode culpar Edward por querer colocar um fim nas hostilidades. Para assegurar a paz entre vizinhos, nada melhor que providenciar para que sejam irmãos.

— Sim, mas você, Geoff... — Dunstan disse, a angústia tornando-se evidente. Com um olhar cáustico, Geoffrey se conteve para não responder. Embora não fosse tão irascível quanto Simon, era capaz de lidar com uma mulher, fosse ela uma assassina ou não. Estava começando a se ressentir com aquelas insinuações. Encarou o irmão com uma expressão de desafio, mas Dunstan evitou seu olhar, como se estivesse embaraçado.

— O que mais lamento é que tenha de se unir a uma mulher sem amá-la — ele murmurou.

As mãos de Geoffrey interromperam a tarefa, o ressentimento se esvaindo com a declaração de Dunstan. Só Dunstan teria tal preocupação, pois os irmãos zombariam dessas ideias românticas. Na verdade, pouco tempo atrás, Dunstan teria zombado mais do que todos, mas agora estava casado e tinha admitido os sentimentos pela esposa.

Marion. Geoffrey tentava não comparar a mulher gentil e educada que estimava como a uma irmã com a criatura que teria de desposar, mas era inevitável. Lembrava-se bem do tempo que permaneceu no castelo de Dunstan, Wessex, onde observava o casal com certa inveja, desejando aquele tipo de ternura em sua própria vida.

Agora esse desejo lhe seria negado para sempre. Silenciosamente, Geoffrey voltou a cuidar de seus afazeres, incapaz de dizer qualquer coisa para dispensar Dunstan. Sentia a língua presa e o coração pesado. Queria que o irmão nunca tivesse tocado no assunto, deixando-o ainda mais melancólico e tornando seu futuro mais sombrio.

Subitamente, sentiu que o sacrifício que o aguardava era maior do que poderia imaginar.

O NATAL passou rapidamente. A data se tornou especial com a presença de Marion, que esperava o primeiro neto de Campion. Ela e Dunstan permaneceram no castelo depois de as celebrações terminarem, como se sua presença pudesse amenizar a triste realidade do casamento que se aproximava. As condições das estradas no inverno também contribuíram para o adiamento da cerimônia. Quando o tempo melhorou um pouco, todos, à exceção de Campion, partiram para Wessex.

Geoffrey sentiu-se aliviado por ter convencido o pai a permanecer no castelo, pois o tempo frio o deixara debilitado. Embora os irmãos não se dessem conta da idade do pai, Geoffrey notara que ele andava cada vez mais devagar e raramente saía do castelo. Por isso não queria que fizesse uma viagem com um tempo tão rigoroso. Seus temores eram razoáveis, visto que só chegaram à propriedade de Dunstan depois de quase uma semana lutando contra estradas lamacentas e chuvas. Lá deixaram Marion, sob muitos protestos, pois Dunstan não queria que ela viajasse novamente na condição em que se encontrava.

Embora ninguém falasse, Geoffrey sabia que havia outra preocupação. A infame Fitzhugh podia ser perigosa. Ninguém, nem mesmo Geoffrey, queria expor Marion a mais violência ou coisas ruins.

E assim seria sua vida em breve.

Geoffrey tentou colocar aquele sentimentalismo de lado, mas seu reconhecido otimismo diminuía à medida que passavam pela aldeia próxima ao castelo de Fitzhugh e viam o lastimável estado dos casebres. As pessoas que governaria eram muito pobres. Não era o que Geoffrey esperava, por isso ficou preocupado. Era óbvio que o pai da jovem tinha investido todos os recursos na guerra, em vez de fazer melhorias. O desprezo de Geoffrey pelo homem crescia a cada instante.

Embora ninguém comentasse sobre as míseras cabanas, Geoffrey estava ciente dos olhares críticos dos irmãos. Só Dunstan, que até pouco tempo carecia de recursos, parecia indiferente à pobreza do lugar, e Geoffrey sentiu-se grato pela presença do irmão mais velho. Nunca fora muito próximo de Dunstan, que deixara o lar muitos anos antes, embora sentisse profundo respeito pelo homem que chamavam de Lobo de Wessex. Essa proximidade tornaria sua vida mais fácil, pois Dunstan, além de ser seu irmão, seria seu suserano.

Infelizmente, Geoffrey não nutria muita esperança em relação a outros aspectos de seu futuro. Já sabia que teria muito trabalho pela frente: reconstruir tudo o que Fitzhugh negligenciara e destruíra. Ao avançarem pela muralha externa, Geoffrey avaliou com atenção os depósitos, as oficinas e os estábulos agrupados no pátio. A velha barreira de pedra precisava ser removida e ampliada, para que houvesse espaço para todos que labutavam no castelo. Aliás, tudo precisava de reparos.

Contendo um suspiro, Geoffrey olhou para a casa e sentiu-se aliviado. Era maior do que esperava. Depois de viver em Campion, não apreciaria um lugar apertado e abarrotado. Outra muralha circundava o pátio interno e protegia a entrada do castelo, mas para Geoffrey pouca serventia teria, já que estava

acostumado a um castelo impenetrável. Fez uma nota mental de que teria de melhorar as defesas também.

Foram recebidos pelo administrador, um homenzinho quase careca que parecia nervoso. Curvou-se, apresentando-se, embora nenhuma lisonja justificasse a ausência da senhora do castelo. Geoffrey sentiu o coração ainda mais pesado, pois a jovem deveria tê-los recebido nos portões, como era o costume quando da visita de pessoas de posição mais elevada. O barão de Wessex e seus irmãos mereciam tal distinção, mas não havia sinal dela no salão.

O salão era espaçoso, mas não muito limpo. Geoffrey enrugou o nariz com os odores que facilmente se acumulam nos meses de inverno. Os juncos do piso estavam velhos e deteriorados, e as paredes, cobertas de fuligem. Embora Geoffrey tivesse crescido numa casa predominantemente masculina, que também tinha sua cota de sujeira, Marion mudara tudo. Mesmo depois de sua partida, os criados continuaram com suas práticas.

Agora Geoffrey não via um salão desleixado com bons olhos, e sua opinião sobre a jovem Fitzhugh piorava cada vez mais. Com uma mulher na casa, o lugar deveria tem boa aparência e cheirar bem, pelo menos. Que tipo de castelã era ela? A pergunta trouxe outras, que envolviam a misteriosa criatura com quem deveria casar. Será que tomava banho? Imaginou uma amazona, completamente armada, alta, selvagem e imunda, com cabelo engordurado e falhas na dentição.

Geoffrey estremeceu, esperando pelo pior. Percebeu que seus irmãos olhavam para ele, esperando que, como futuro senhor daquele feudo, os recebesse de maneira apropriada. Ficou aturdido; estava acostumado a deixar que o pai e os irmãos cuidassem desse aspecto.

Sabia administrar uma casa tão bem quanto os outros, provavelmente melhor, já que os irmãos não tinham paciência para cuidar de contas e orientar criados. Dando um passo à frente, Geoffrey chamou o assustado administrador.

Traga cerveja para nós e chame a senhora do castelo, por favor.

— Trarei tudo num instante, milorde — o homem disse, se afastando enquanto se curvava. — Mas... a senhora não... pode recebê-lo no momento. Ela disse para que retornasse outro dia.

Geoffrey suspirou diante de tamanho menosprezo, o primeiro de muitos, tinha certeza. Olhando para os irmãos, percebeu que eles também não estavam aceitando a notícia muito bem. Preocupado, Geoffrey notou a expressão irada no rosto de Simon, o músculo contraído no maxilar de Dunstan e o olhar insolente no rosto de Stephen, o que indicava problemas.

Quando ouviu o ruído das cotas atrás de si, Geoffrey rapidamente se colocou entre os irmãos e o pobre administrador. Era óbvio que o homem não tinha culpa. Geoffrey franziu a testa. Sabia muito bem quem era o responsável por aquilo.

— Onde está sua senhora? — ele perguntou.

O administrador olhou nervoso para a escada nos fundos do salão e depois para os imponentes cavaleiros que flanqueavam Geoffrey. Aparentemente, o homem temia sua senhora e os visitantes com a mesma intensidade.

— Talvez ela esteja no quarto — Geoffrey disse, sem ânimo. — Tentarei convencê-la a se juntar a nós.

— Geoff, não vá lá sozinho. Ela pode estar com um arco pronto à sua espera! — Simon alertou. Embora o mesmo pensamento tivesse passado por sua mente, Geoffrey estava determinado a não tratar sua futura esposa como uma criminosa até ter a chance de julgá-la por si mesmo. Também não pretendia se sentir intimidado em sua própria casa. Ignorando o aviso, olhou para o administrador.

— Ela tem um quarto, não tem?

— Sim, milorde, subindo as escadas, à direita. — Dizendo isso, o homem fugiu.

Geoffrey manteve a mão no punho da espada enquanto subia a escada em curva. Passara por situações piores, mas sua precaução natural não permitiria que desconsiderasse uma possível armadilha. A mulher poderia estar armada, e era óbvio que não queria casar com ele.

Quando as visões do casamento anterior começaram a atormentá-lo, Geoffrey disse a si mesmo que a situação era totalmente diferente. Walter Avery fora um cavaleiro ardiloso, determinado a roubar a herança de Fitzhugh. Nenhuma mulher em sã consciência recusaria uma aliança com os De Burgh. Ou recusaria?

A resposta o aguardava mais adiante. Passando pelo que parecia ser o aposento principal, Geoffrey seguiu até a porta seguinte e bateu com delicadeza.

— Vá embora! — O grito era feroz. Uma voz de mulher, profunda e áspera. Seria a Fitzhugh? Considerando melhor não revelar sua identidade, Geoffrey simplesmente bateu na porta, gentilmente.

— Suma daqui e não me incomode mais!

Geoffrey hesitou por um instante, então insistiu mais uma vez.

— Eu avisei, Serle, está arriscando a própria vida! Expulse os malditos como mandei. E pare de me atormentar!

Geoffrey sorriu. Ela pensava estar falando com o administrador, que se apresentara como Serle. Talvez abrisse a porta se continuasse insistindo. Dessa

vez, o grito se tornou um urro que ressoou mesmo através da porta pesada, que foi aberta com estrondo. Geoffrey deu um passo adiante e fechou a porta com um chute rápido. Não apreciava o tipo de comportamento que sua futura esposa costumava ter em público, por isso pretendia ter essa primeira conversa em particular.

Ficando em frente à porta, Geoffrey impediria fugas de possíveis inimigos que pudessem estar ali. Esperava encontrar algum guarda, mas para sua surpresa se viu num pequeno quarto que mal tinha espaço para uma cama e um baú. Estava limpo e organizado, o que indicava que a Fitzhugh devia ter uma camareira que mantinha o cômodo em condições melhores que o resto do castelo. E Geoffrey suspeitava de que estivesse olhando para ela.

— Onde está sua senhora? — ele perguntou para a mulher que o encarava. A roupa de lã escura, embora de melhor qualidade que a do resto dos criados, era malfeita e muito inferior à sua rica túnica.

— Senhora? — ela repetiu imediatamente. — Não tenho senhora! Sou uma Fitzhugh e não recebo ordens de ninguém, seu patife! Agora saia daqui antes que eu arranque seu fígado! — A mão segurava o cabo de um punhal preso ao cinto, e Geoffrey olhou para a mulher com quem se casaria.

Era alta e, pelo que Geoffrey podia perceber, esbelta, mas não parecia a amazona que imaginara. A cabeleira desgrenhada descia pelo corpete e passava da altura dos quadris, impedindo uma avaliação melhor. De cor visivelmente indefinida, não recebia os cuidados de uma escova, caindo por sobre o rosto como se para esconder possíveis cicatrizes.

Olhando com cautela para a pequena arma, Geoffrey se preparou para o pior. Mas os dedos dela eram finos e limpos, as unhas, aparadas. Ela, ao menos, tomava banho. Geoffrey se sentiu um pouco reconfortado com o fato enquanto observava suas feições através da pesada massa de cabelos que as encobria.

Surpreso, respirou aliviado por não ver feridas ou marcas na pele. Na verdade, podia dizer que a Fitzhugh era um tanto... atraente. Os olhos, que pareciam lançar fogo, eram âmbar como os de um gato, mas isso era tudo que ela aparentava de selvagem. A pele parecia levemente dourada, as maçãs do rosto, um pouco salientes e a boca, pequena e benfeita, parecendo incapaz de verbalizar as imprecações que lhe eram dirigidas.

O coração de Geoffrey começou a bater agitado enquanto observava aqueles lábios. Finalmente, conseguiu observá-la de cima a baixo, assombrado. Aquela era a mulher que inspirava tanto medo e aversão? Ela não era uma criatura monstruosa, mas uma simples mulher, apesar da língua ferina.

— Quem pensa que é para ficar me olhando embasbacado, idiota? Se veio representando aquele bando de chacais asquerosos chamados De Burgh, pode ir embora! — ela gritou.

— Lobos — Geoffrey disse, distraído. Ainda estava assombrado com a descoberta de que sua esposa não parecia repulsiva. Os cabelos eram um caso à parte, claro, mas Geoffrey não se sentia enojado, apenas fascinado com eles. As mãos coçavam de vontade de tocá-los com os dedos, escová-los até eliminar todos os emaranhados e colocá-los para trás para que pudesse ver melhor naquele rosto intrigante.

A Fitzhugh o olhava como se tivesse perdido o juízo, então ele explicou, calmamente:

— O emblema dos De Burgh é um lobo, não um chacal. — Os olhos dela se estreitaram.

— Não me importa, não tenho qualquer ligação com eles. Vá e diga-lhes que os desprezo, lacaio!

— Acho que não seria uma atitude inteligente, pois alguns deles têm temperamento violento — Geoffrey aconselhou. — Venha, você é a senhora do castelo. Receba-os e logo se verá livre deles.

— Ah! — ela gritou. — Acha que me engana?

— Posso lhe assegurar que irão embora logo após o casamento — Geoffrey disse. E era verdade, pois queria se livrar de seus cautelosos irmãos tanto quanto a Fitzhugh. Cuidaria da propriedade e da esposa sozinho, sem a ajuda arrogante de seus irmãos.

— Casamento? Ah! Não casarei com ninguém, especialmente um De Burgh! — ela berrou. O desprezo o deixou incomodado.

— Sou assim tão repulsivo? — perguntou calmamente.

Ela era uma megera, uma criatura leviana cuja opinião não deveria significar nada para ele, mas Geoffrey esperava ansioso pela resposta. Não tinha os modos lisonjeiros e sedutores de seu irmão Stephen, que flertava com várias donzelas. Nem era versado no galanteio, embora sempre encontrasse mulheres inclinadas a agraciá-lo com seus favores. Subitamente, a falta dessas artes lhe pareceu uma incrível negligência. Como faria para cair nas graças de uma mulher tão singular quanto aquela?

A Fitzhugh o encarou, escondendo rapidamente o choque, e o semblante adorável se transformou em uma careta assustadora.

— Você? Você é um De Burgh?

— Geoffrey — ele disse, tomado por uma vontade absurda de ouvir seu nome saindo dos lábios dela.

Contudo, ela lançou uma série interminável de imprecações que teria impressionado até Simon.

— Eu deveria ter imaginado que era algum truque! — ela gritou, os dedos apertando com força o punhal que levava na cintura. Geoffrey franziu o cenho ao ver o rosto dela adquirir uma expressão tão agressiva, e se perguntou se a graça exterior escondia um ser sombrio e mordaz. A aparência agradável o tinha distraído, mas seria sensato lembrar da natureza da fera. A Fitzhugh não era uma donzela comum.

— Talvez tenha ouvido falar que já fui casada — ela disse, como se ecoasse seus pensamentos, os olhos brilhando perigosamente. Olhos de gato, Geoffrey pensou novamente. — Deseja o mesmo destino? — Geoffrey suspirou, meneando a cabeça diante da ameaça implícita. Ele tinha pensado em apelar para a inteligência dela, mas talvez a Fitzhugh não passasse de um animal selvagem, irracional e perigoso, apesar do semblante imaculado. Seu coração se acalmou e voltou a bater normalmente.

— Não ganhará nada com minha morte, senhora, pois há cinco homens lá embaixo que poderiam tomar meu lugar. Conforme-se. As palavras gentis, que tinham a intenção de confortá-la, tiveram apenas o efeito de deixá-la ainda mais inflamada.

— Conformar-me! Não me conformo com nada, De Burgh! Eu aviso, milorde — disse, pronunciando a palavra como se fosse uma maldição. Ela baixou o queixo para encará-lo com um olhar assustador por trás da nuvem de cabelos —, case-se comigo e lamentará a própria sorte.

Ela o empurrou de modo bruto para abrir a porta, e Geoffrey se encostou à parede. Sentia-se extenuado, como se tivesse passado toda a tarde lutando. Ela o desgastaria com sua língua afiada e modos selvagens. Mas será que tentaria mesmo matá-lo?

Suspirando profundamente, Geoffrey a observou sair, fascinado com o movimento dos fios longos e emaranhados. Eles poderiam cobrir um homem como se fossem um cobertor, refletiu, afastando-se da parede de pedra com uma imprecação. A mulher era uma assassina insana, não uma dama a ser admirada.

Mas havia algo nela, na sua maneira de se esconder sob os cabelos, na organização espartana do quarto e nos olhos âmbar, que não combinava com sua reputação. Geoffrey já tinha visto aquilo antes. Hesitou por um instante, sua mente erudita intrigada com o problema, até que ele se apressou em segui-la.

Sabendo como era perigosa e selvagem, não a deixaria entregue aos lobos que aguardavam lá embaixo.

Capítulo Dois



Elene Fitzhugh desceu as escadas, ansiosa por escapar do homem que zombava dela. Os modos agradáveis, embora lhe fossem estranhos, não a enganaram. Geoffrey de Burgh era um homem, e, como tal, não merecia confiança.

Na verdade, ela pensou, engolindo em seco, era um tipo de homem que nunca vira antes. Parecia mais alto que seu pai e mais vigoroso que Walter Avery, que era baixo e corpulento, uma massa de músculos. Mas o De Burgh demonstrava ser capaz de destroçar Walter com a mesma facilidade com que jogaria uma bola.

Maldição! Malditos fossem todos os homens! Tivera de enfrentá-los durante a vida, e agora, quando finalmente tinha algo que era só seu, tomariam tudo dela! Nunca, jurou a si mesma.

Sabia que eles estavam chegando, é claro. Por isso, trancara-se no quarto, embora devesse ter percebido que não seriam detidos tão facilmente. Não imaginara que o homem em pessoa fosse aparecer em seu quarto. Ao lembrar o fato, ficou um pouco hesitante, porque esperava que ele derrubasse a porta, mas não que batesse com suavidade e educação.

Elene piscou, recusando-se a permitir que o comportamento do De Burgh embaralhasse seus pensamentos. Seu plano inicial falhara, mas ainda não se daria por vencida. Quando acabasse com eles, a família inteira ficaria feliz por ir embora!

Confiante, Elene marchou para o salão e logo interrompeu seus passos, assustada com a visão que teve. Havia seis deles, pelas suas contas. E era impossível não associá-los ao homem que fora até seu quarto. Eram cavaleiros grandes e de cabelos escuros, alguns ainda mais altos que aquele que se dizia chamar Geoffrey. E a observavam com uma mistura de curiosidade e revolta. Elene já estava bem acostumada àquele tipo de olhar, por isso entrou em ação.

— O que estão olhando? — ela gritou. — Saiam daqui e levem o outro com vocês! Não haverá casamento algum! — Ela cuspiu no chão, ficando feliz ao ver os seis pares de olhos se voltarem para o lugar.

Quando todos os olhos voltaram a encará-la, Elene deu um passo para trás. O mais alto dos De Burgh parecia positivamente violento, como se fosse matá-la bem ali onde estava, e não era o único. Outro dos mais altos resmungava e praguejava, mas Elene permaneceu firme. O perigo era algo sempre presente; já aceitara aquilo como parte de sua vida. Então, ela os encarou, recusando-se a recuar mesmo quando sentiu uma mão sobre seu braço.

Era Geoffrey, aquele usava a voz macia e os olhos gentis com a mesma intenção com que os outros usavam os punhos: queria subjugá-la. Livrando-se do toque, Elene se afastou de costas, levando a mão ao punhal, segurando-o em posição de alerta. Estava preparada para qualquer coisa, mas, para sua surpresa, o cavaleiro ignorou sua postura de ameaça e gesticulou em direção aos outros.

— Senhora Fitzhugh, deixe-me apresentá-la a meu irmão mais velho, Dunstan, barão de Wessex — ele disse, e o mais intimidador deles deu um passo à frente.

Então, aquele era o Lobo de Wessex! Parecia um predador, Elene pensou, franzindo o cenho para o homem que fora a danação de seu pai. Em seguida, para sua surpresa, ele se curvou, embora demonstrasse que isso lhe causava desgosto.

Ele a cumprimentou por entre os dentes.

— Senhora Fitzhugh.

Elene piscou. O que significava aquilo? Por que fingiam tamanha cortesia? Ela lançou um olhar de surpresa para Geoffrey, mas ele se mantinha impassível, o que a deixou ainda mais transtornada. Seriam todos os De Burgh loucos?

Elene deu um passo para trás, reunindo todas as forças para um novo ataque.

— Não me importo em saber quem você é, De Burgh. Junte seus irmãos e saia da minha casa! — ela gritou. — Não há nada para vocês aqui, seus abutres malditos!

O Lobo grunhiu e deu mais um passo à frente, como se fosse atacá-la. Elene se manteve firme no lugar, pronta para lutar ou fugir, mas até mesmo aquele homem enorme parou com apenas uma palavra de Geoffrey.

— Dunstan — ele disse em voz baixa. — Por favor, perdoe minha futura esposa. Ela não se sente bem.

Elene se virou para ele, boquiaberta. Tinha acabado de insultá-los e ele agia como se não tivesse dito nada! Por que não se afastava com ódio? Aliás, por que nenhum deles recuava? Sentiu pânico ao ver que continuavam impassíveis, mesmo que ela praguejasse intensamente.

Era o infame decreto do rei que os mantinha ali, Elene pensou, furiosa. Eles queriam suas terras, embora estivesse além de sua compreensão o motivo pelo

qual os ricos e poderosos De Burgh se importavam com aquele castelo miserável. Como todos os homens, deviam cobiçar qualquer pedaço de terra, sem se importar com nada mais.

— Já que não quer conhecer meus irmãos, deve estar ansiosa para que a cerimônia aconteça logo. Chamarei o padre — Geoffrey disse. Ignorando as injúrias, ele estendeu o braço e Elene o observou, desnorteada. Não lembrava da última vez em que alguém a tratara com cortesia, mesmo que fingida. Ela piscou, a confusão perturbando seus sentidos. Então, balançou a cabeça, negando o engodo daquela civilidade.

Olhando para os outros, viu a raiva mal reprimida e o ódio evidente em algumas faces. Ela baixou a cabeça, olhando-os com agressividade, pois conhecia muito bem o tipo deles. Talvez tivesse sido melhor confrontar um deles do que aquele irmão mais astucioso.

Geoffrey permanecia parado, o braço estendido, enquanto Elene se perguntava por que ele insistia. Refletindo, ela o estudou com mais atenção, observando os cabelos castanhos e brilhantes, os olhos da mesma cor, provocantes e misteriosos, e o semblante mais suave e afável que o dos outros.

Surpresa, Elene concluiu que era o mais bonito do grupo. Será que... imaginavam que ela cederia à beleza dele? Teria rido da ideia se não fosse tão assustadora. As pessoas não a tratavam como mulher ou lhe atribuíam sentimentos femininos. Certamente, não queria que os De Burgh fizessem isso.

Ela se voltou para Geoffrey.

— Por que você?

Ele sorriu, exibindo dentes tão brancos que ela jamais vira igual.

— Tiramos a sorte — ele respondeu, dando de ombros, melancólico.

O alívio que sentiu com a resposta foi reprimido por seu instinto de sobrevivência, que dizia que ele era mais perigoso que os irmãos. Elene pressentiu que não havia escapatória. O tempo passava e ele aguardava, paciente, o braço estendido.

Ela olhou para o restante do grupo mais uma vez, todos magníficos cavaleiros, homens vigorosos que poderiam usar a força contra ela. E não eram tão estúpidos quanto pareciam. Não seriam afugentados tão facilmente. Já os levara ao limite da irritação, sem obter muito sucesso. Homens teimosos!

Bem, ela podia ser tão teimosa quanto eles, mas agora não tinha outra escolha, a não ser ganhar tempo para traçar um novo plano. Sentindo todos os olhos dos De Burgh sobre ela, Elene tirou a mão do punho da arma e a colocou com firmeza sobre a manga de Geoffrey.

Mas, pela primeira vez em anos, seus dedos tremeram.

GEOFFREY SENTOU-SE, vendo a futura esposa andando impaciente pelo salão. Era como observar a atividade de um alquimista, esperando que o preparado mudasse subitamente de cor, ou pegasse fogo. E para o desassossego de Geoffrey, ela estava quieta havia tempo demais.

A submissão dela o deixara surpreso e cauteloso. A Fitzhugh cedera com muita facilidade, por isso a observava como se fosse uma fera selvagem que poderia se voltar contra seu captor a qualquer momento. Normalmente o mais paciente dos irmãos, Geoffrey desejava que a cerimônia acontecesse logo, antes que ela explodisse em um novo acesso de raiva. Infelizmente, não havia qualquer chance de casamento sem padre, que ainda não chegara.

Serle revelara que havia um padre que atendia aos aldeões e à pequena capela do castelo. Geoffrey tentava relaxar, mas cada músculo estava tenso com a espera. Seus irmãos pareciam inquietos, recusando-se a olhá-lo nos olhos.

Onde estava o padre?

A situação já era difícil o suficiente sem aquele atraso, Geoffrey pensou, sendo tomado por uma súbita suspeita que o fez se voltar lentamente para a futura esposa. Ela estava de costas para ele, olhando por uma das longas janelas. Aproximou-se em silêncio até ficar próximo o suficiente para que tivessem certa privacidade. Então, ele se inclinou para perto dela, sussurrando a pergunta que o fizera se aproximar.

— O que fez com ele?

Ela girou ao som da voz dele, a mão rapidamente segurando o punhal do qual Geoffrey já havia se enfastiado. Queria tomar a arma dela, mas preferiu evitar tal confronto. Reunindo toda a paciência, ele a observou cuidadosamente enquanto ela o encarava por trás dos cabelos.

— Sobre o que está falando, De Burgh? — ela rosnou, dando um passo para trás.

— O padre. O que fez com ele?

— Não fiz nada com ele, seu bastardo imundo e piolhento!

— Se eu descobrir que machucou um padre inocente para evitar o casamento...

— O que fará? Irá me bater ou me matar, De Burgh? — ela gritou, chamando a atenção de todos. Geoffrey resmungou. Parecia que o breve período de calma chegara ao fim. — É melhor se preocupar com a própria vida, não com a do padre!

Simon deu um salto ao ouvir a ameaça que fora feita em alto e bom som, mas Geoffrey o parou com um olhar. Então, esfregou os olhos com as palmas das mãos, tentando afastar a dor de cabeça que se anunciava. O gesto não passou despercebido à Fitzhugh.

— Sente-se mal, De Burgh? — ela sibilou com malícia. — Deixe-me preparar uma poção para aliviar sua dor! Tenho muita habilidade para lidar com certas ervas.

— Tenho certeza de que sim — Geoffrey respondeu, perguntando-se como pudera considerá-la bonita. Por trás do emaranhado de cabelos, lembrava uma bruxa se vangloriando de seus conhecimentos sobre venenos! Geoffrey pensou que vivia um pesadelo.

— Isso é só o começo! Fuja enquanto pode — ela avisou, novamente. A cabeça de Geoffrey latejava, mas ele se recusava a perder a calma.

— Sua tola! Se acha que meus irmãos a tratarão melhor que eu, então faça sua escolha! — ele disse, indicando com a mão os irmãos que se alinhavam perto da mesa. As palavras saíram de sua boca antes que pudesse considerar o que dizia, e Geoffrey sentiu uma pontada estranha enquanto aguardava ansioso pela resposta.

— Prefere outro? — ele sussurrou, irritado. Fitou os irmãos, todos belos e fortes, e tentou decidir quem seria o melhor homem para ela. Nicholas era muito jovem e Dunstan já era casado. Mas, quem sabe, o despreocupado Robin? Ou o melancólico Reynold? Geoffrey encarou a futura esposa, desejando que ela respondesse logo e colocasse um fim naquilo tudo.

Em vez disso, ela prolongou a espera, como se estivesse sentindo prazer nisso. Então baixou a cabeça, com uma expressão de asco.

— Não quero nenhum deles — ela disse. Com estas palavras, Geoffrey voltou a respirar, mas ela não havia terminado. — E também não quero você! — gritou, insultando-o.

— O sentimento é mútuo! — Geoffrey disse, dando as costas para ela e cruzando os braços. Imediatamente se arrependeu da atitude infantil, pois, estando ou não com dor de cabeça, não queria se colocar no mesmo nível dela. Seu pai o criara para ser um homem honrado, um cavaleiro de valor, não uma criança birrenta. Justamente quando imaginava como deveria tratá-la, Geoffrey viu Serle entrar no salão. Finalmente! Ele se empertigou enquanto o administrador se adiantava lentamente, mas seu otimismo inicial se esvaiu quando percebeu que o homem estava sozinho... e parecendo mais assustado do que nunca.

— Onde está o padre? — Geoffrey perguntou. Serle ergueu as mãos em desespero.

Não o encontramos em lugar algum, milorde!

Geoffrey ouviu os murmúrios dos irmãos, mas os ignorou, concentrando sua atenção no administrador.

— Ele não sabia que tinha uma cerimônia para realizar?

— Sim, milorde. Todos sabem que se casará com a senhora, mas não sabíamos quando chegaria. Agora ele sumiu! Um dos criados disse que ele está em retiro, jejuando e rezando!

Geoffrey fitou-o, pasmo. Que idiota viveria nos bosques no meio do inverno? Apertou a ponte do nariz, onde a dor parecia estar concentrada, e se forçou a falar com clareza.

— E este homem não sabe para onde o padre pode ter ido?

Serle balançou a cabeça e se afastou, como se antecipasse uma retribuição. Não pela primeira vez, Geoffrey se perguntou o que aquele homem deveria ter sofrido nas mãos do antigo mestre. Era óbvio que Fitzhugh fora um homem de temperamento cruel, para deixar tal legado.

Bastava olhar para a filha para julgar o sangue de Fitzhugh, Geoffrey pensou, melancólico. Ela conseguia afugentar qualquer um... até mesmo o padre! Agora a cerimônia iria atrasar ainda mais, pois teria de enviar alguém para procurar o homem. Poderia fazer isso sozinho, claro, mas não ousaria deixar os irmãos com a Fitzhugh.

Apesar dos receios com o iminente casamento, Geoffrey não pretendia voltar e encontrar a noiva morta. Seria um escândalo indigno do nome dos De Burgh. Além disso, estava determinado a realizar logo aquela cerimônia. Sem querer examinar os motivos daquilo, olhou para os irmãos. Pensou em pedir a Dunstan que liderasse a busca, mas não podia impor tarefas a seu futuro senhor. Então, procurou por Simon, mais implacável, mas tão capaz quanto o irmão mais velho.

— Simon, poderia formar um grupo de soldados e procurar pelo padre? — Geoffrey perguntou.

Embora o segundo mais velho estivesse sempre ansioso para liderar expedições, não respondeu de imediato. Em vez disso, encarou ameaçadoramente a Fitzhugh, como se desejasse acusá-la de matar e esconder o corpo do padre. Geoffrey suspirou, não querendo perder mais tempo com as opiniões nada lisonjeiras dos irmãos relacionadas à futura esposa.

— Simon, junte alguns homens e procure o padre — Dunstan disse, auxiliando Geoffrey inesperadamente.

— Será mais rápido e fácil que voltar a Wessex para trazer Aldwin. — Lançou um olhar cheio de significado à Fitzhugh. Se ela esperava fugir ao seu destino, estava bem avisada. Existiam outros padres, e suas táticas só serviriam para adiar o inevitável.

— Certo, farei isso — Simon disse com má vontade.

— Eu ajudarei — Robin disse, erguendo-se. — Estou ansioso para conhecer suas terras, Geoff. Geoffrey viu a jovem se contrair ao ouvir tais palavras, mas permaneceu quieta enquanto Robin e o jovem Nicholas seguiam Simon.

— Os outros, fiquem aqui — Dunstan avisou, olhando para a Fitzhugh, e Geoffrey ficou tenso.

Será que o irmão o achava incapaz de lidar com uma mulher? Até o momento, tinha conseguido mais com palavras suaves e com a razão do que eles conseguiriam com o temperamento irritadiço e as espadas. Começou a ficar ressentido. Será que pretendiam protegê-lo indefinidamente? Dormiriam com ele? Cuidariam dele como se fosse um bebê, incapaz de se proteger da própria esposa?

Refreando a resposta mordaz que chegou aos lábios, Geoffrey se dirigiu a Dunstan:

— Quanto mais homens, mais rápido a tarefa será concluída — observou, esforçando-se para falar com voz moderada. Dunstan, embora parecesse inquieto, sustentou o olhar de Geoffrey.

— Não seria bom nos dividirmos. Ela pode ter preparado uma armadilha para nós — ele explicou. Uma armadilha? Geoffrey se virou lentamente na direção da Fitzhugh, e encontrou o olhar ardiloso parcialmente visível entre os cabelos.

— Não confia nos soldados daqui? — perguntou a Dunstan.

— Não confio em ninguém, Geoff, ainda menos nos homens de meu inimigo.

— Mas Fitzhugh está morto, a guerra já terminou há meses — Geoffrey disse.

Embora muitos ali tivessem lutado contra Dunstan sob as ordens de Fitzhugh, a filha tinha posto fim à contenda. Desde então, não mostrara qualquer interesse em lutar contra Wessex... a não ser que preferisse matar Dunstan e os irmãos no salão. Aquele pensamento nunca passara pela cabeça de Geoffrey, mas agora o preocupava. Tinha sido muito ingênuo por não ver que a futura esposa poderia se aproveitar daquela oportunidade.

Sentiu-se tolo. Justo ele, que se orgulhava de seu grande conhecimento, viu os irmãos desviarem o olhar quando os fitou. Até Stephen, que raramente prestava atenção em qualquer coisa que não fosse sua taça de vinho, parecia ciente do risco. Será que todos sabiam que estavam sendo emboscados?

— Acho que não sobraram homens suficientes para nos causar ameaças, Geoff — Dunstan assegurou rapidamente. — Mas é melhor sermos cuidadosos.

— Sim, claro — Geoffrey disse, engolindo o ressentimento.

Dunstan tinha aprendido a ser vigilante da pior maneira: nas mãos do amigo, que o traiu. Não podia culpá-lo por ser cauteloso. Juntando a recepção que tiveram com o desaparecimento do padre, a situação não era promissora.

Lentamente, Geoffrey voltou sua atenção para a fonte de todas as suspeitas. Ela os olhava realmente furiosa através da massa de cabelos, e ele teve vontade de afastá-los para trás. Respirando fundo, manteve as mãos junto ao corpo e andou na direção dela, perto o suficiente para que pudessem falar em particular.

— Está preparando alguma armadilha, senhora? Pretende tomar Wessex?

— Não sou tão insensata quanto meu pai — ela sibilou. — Só quero que me deixem sozinha!

— Não posso lhe conceder isso, mas tão logo o padre seja encontrado e estejamos casados, prometo que não será mais importunada.

— Não precisa tentar me enganar, De Burgh. Suas mentiras me enojam!

— Bem, então terá de aguardar até o fim da cerimônia — Geoffrey disse. Sorriu ao vê-la ficar surpresa, os olhos âmbar se arregalando quase de maneira imperceptível. Era visível que não sabia o que responder. Sua expressão era quase cômica, tornando difícil acreditar que pudesse ser a estrategista desprezível que Dunstan suspeitava.

— Vá, Simon. Traga o padre — ele disse por cima do ombro, sentindo-se mais confiante. — A senhora está aguardando, ansiosa, para se casar comigo.

A ceia tinha sido posta e a noite caía quando o grupo de busca retornou, com Nicholas à frente para anunciar as boas notícias.

— NÓS O ENCONTRAMOS, Geoff, escondido em uma caverna! — exclamou o mais jovem dos De Burgh.

— Caverna? — Geoffrey perguntou, surpreso.

Não entendia por que um homem trocaria o calor do salão por um buraco frio e úmido, mas a vida dos religiosos estava além de sua compreensão. Monges e frades costumavam fazer votos de silêncio e castidade, coisas que não conseguiria cumprir. Repentinamente, olhou para a Fitzhugh, amuada num canto. Concluiu que, possivelmente, os faria naquela mesma noite.

— Isso mesmo — Simon afirmou. — Achamos várias cavernas que adentravam pelas rochas. Acho que ele escolheu essa por causa da saliência em

cima. Parece uma cruz, se você olhar de perto. Simon resmungou, provavelmente achando a ideia esquisita.

— Venham logo — disse, voltando-se para aqueles que estavam logo atrás. Quando ele se moveu, Geoffrey viu que entre Robin e Serle, que tinha uma expressão ansiosa, estava um homem alto e magro usando o hábito de padre. Seus cabelos eram brancos e os olhos, claros.

— Este é Edred — Robin disse, observando o homem com curiosidade.

— Edred — Geoffrey repetiu, assentindo. — Parece que não escolheu uma boa hora para desfrutar da solidão, pois sua presença é necessária aqui. Quero que a cerimônia seja realizada o mais rápido possível. A ceia já está posta e estamos cansados depois da longa viagem.

— Que cerimônia, milorde? — o padre perguntou.

Geoffrey o teria considerado insolente se não fosse pela expressão serena. Talvez não fosse muito perspicaz. Caso contrário, por que um padre permaneceria com os Fitzhugh?

Geoffrey suspirou.

— O casamento — disse. — A srta. Fitzhugh e eu nos casaremos.

— Não será possível — o padre respondeu, sacudindo a cabeça solenemente. Por um momento, o silêncio reinou no lugar. Depois, as vozes irromperam como em um turbilhão, e todos os De Burgh começaram a falar ao mesmo tempo. Pelo canto dos olhos, Geoffrey viu o austero Reynold se benzer, enquanto Stephen caía na gargalhada. Fez o melhor que pôde para ignorar aquilo, pensando que Edred talvez não tivesse compreendido o que dissera.

— Desejo casar com a srta. Fitzhugh, e você realizará a cerimônia — falou com clareza, olhando nos olhos claros. Eram de um azul tão claro que pareciam quase translúcidos, dando ao homem uma aparência estranhamente sobrenatural. Talvez o ar de misticismo o tivesse salvado da brutalidade de Fitzhugh, mas Geoffrey não via qualquer utilidade naquilo agora. — Foi informado da união, espero.

O padre permaneceu imóvel.

— Não posso unir esta mulher a homem algum.

Surpreso, Geoffrey fitou a Fitzhugh, que o encarava com um cruel sorriso de vitória. Pelo menos ela possuía bons dentes, pensou distraído, antes de voltar sua atenção a Edred.

— E por que não? — perguntou, sua cabeça começando a latejar novamente.

— Por quê? Ainda pergunta? — A voz esganiçada do padre soou pelo salão, silenciando os De Burgh com sua força. — Ela é a cria de satã, será a ruína de

qualquer homem. — Geoffrey ficou boquiaberto.

— Todas as mulheres são malignas por nascimento, mas esta criatura está entre as piores. É um instrumento do demônio! Não se preocupa com o que aconteceu com o cavaleiro que a desposou? Só a intervenção de Deus poderá livrar esta mulher do pecado.

Surpreso, Geoffrey fitou a Fitzhugh, cuja expressão obstinada parecia confirmar a opinião do padre. Por um instante, imaginou que ela tivesse forçado Edred a dizer tais tolices, mas ela não parecia confortável com o próprio triunfo.

Suspirando, Geoffrey pressionou os dedos nas têmporas e jurou substituir Edred tão logo possível. Enquanto isso, no entanto, precisava do padre.

Impaciente, Dunstan deu um passo à frente.

— Como barão de Wessex e cavaleiro que jurou lealdade ao rei Edward, ordeno que presida a esta cerimônia. — Embora Edred tivesse ficado pálido, Geoffrey achou que ele ainda recusaria, até Dunstan colocar a mão na espada. Quando os outros De Burgh se postaram atrás do irmão, o padre engoliu em seco, certamente considerando que sua vida valia mais que suas crenças distorcidas.

— Muito bem, mas ouça meu aviso: este casamento está amaldiçoado, assim como sua alma será condenada, Geoffrey de Burgh, se fornicar com a filha do demônio — ele disse.

A já sofrida paciência de Geoffrey se esgotou com aquele pronunciamento. Não era de surpreender que a Fitzhugh fosse cheia de crueldade e ódio, se esses eram os costumes da casa. Geoffrey não conseguia imaginar alguém crescendo sob a tutela de um padre como aquele, somando ainda o pai, que pilhava o vizinho sem qualquer escrúpulo.

Geoffrey se adiantou e agarrou o homem pela túnica, erguendo-o do chão.

— Não, ouça você o meu aviso: religioso ou não, não quero que se dirija novamente a minha esposa desta maneira, ou me livrarei de você. Entendeu? — Geoffrey viu o homem engolir em seco e assentir, os olhos arregalados e apavorados.

— Ótimo. Agora ande logo com isso — disse, soltando a lã áspera. Então andou até a Fitzhugh, que o olhava como se tivesse perdido o juízo. Tinha de admitir que nunca ameaçara um padre antes, mas não permitiria que a tratassem assim. Ele era o novo senhor do castelo, e as coisas mudariam. Aproximando-se dela, Geoffrey respirou fundo... e hesitou, surpreso.

Por baixo de toda aquela cabeleira, ela cheirava bem. O aroma suave e limpo de mulher se erguia até ele, misturado com um toque de almíscar. Havia muito

não sentia aquela fragrância tão sedutora, e o coração de Geoffrey começou a bater rapidamente. Os grossos cachos de cabelo estavam tão próximos que ele poderia tocá-los... segurá-los entre os dedos. Não eram de um castanho qualquer, como pensara, mas entremeados por mechas mais claras e mais escuras, incluindo mechas avermelhadas, que lhe davam um toque vibrante. E Geoffrey não conseguia desviar o olhar.

Até ela se virar para encará-lo.

— O que está olhando? — ela sibilou, justo quando Edred começava a falar. Sob a luz bruxuleante das tochas, o rosto escondido assumia um ar sombrio, tornando-a tão demoníaca quanto o padre havia alegado. A momentânea fascinação de Geoffrey arrefeceu.

Os olhos claros de Edred se irritaram com a interrupção, mas ele continuou, a voz profunda e agourenta. Toda a sala parecia pulsar com a voz do homem, e quando Geoffrey olhou de relance para os irmãos, suas expressões eram sérias diante da união que testemunhavam.

Pela primeira vez, Geoffrey sentiu-se mais corajoso que todos eles, e ficou grato pela educação vasta e variada que recebera. Um olhar no salão desgastado, invadido pela escuridão da noite e cheio de sombrios presságios, era suficiente para fazer um homem corajoso tremer. Quando alguns De Burgh começaram a se benzer disfarçadamente, Geoffrey suspirou baixinho.

Nada naquela noite sugeria um casamento auspicioso.

Capítulo Três



A NOITE PASSOU bem rápido, como Elene tinha previsto. Bebeu um pouco de vinho, esperando que o líquido entorpecesse seus sentidos, mas só conseguiu ficar enjoada. Agora que a cerimônia terminara, não podia fazer nada além de observar e esperar.

Olhou com desprezo para as mesas de cavalete, onde os De Burgh permaneciam acomodados alertas e cautelosos. O que havia de errado com eles? Não bebiam a cerveja às pressas, como os outros homens. Tinha ordenado que todos fossem bem servidos, esperando que comessem e bebessem até ficarem prostrados, mas nem hospitalidade ou hostilidade os atingia. Criaturas estranhas! Pareciam guerreiros valentes, mas agiam como monges... Exceto o que chamavam de Stephen.

Bebia muito mais que os outros. Este Elene conseguia entender porque reconhecia o olhar ávido e a expressão de uma alma assombrada. Mas os outros tinham uma postura arrogante que desafiava todos os seus esforços. Em vez de caírem de sono ou apalparem as criadas, mantinham-se vigilantes, especialmente o Lobo. Elene sabia que era observada, os olhos verdes ardendo de ódio e ameaças.

No entanto, Geoffrey deixara claro que ninguém deveria caluniá-la. Elene teria achado aquilo divertido se o aviso que dera a Edred não tivesse sido tão enérgico. Para um homem que se movia com vagar e calma, parecendo cultivar a paciência de um santo, Geoffrey a surpreendera tanto com as palavras quanto com a rapidez de sua violência. Aquilo a lembrou de que ele era um homem de força desmedida, embora tentasse dissuadi-la com palavras doces e maneiras educadas.

Ele era inteligente, muito mais que os outros, pois a confundia com seu comportamento estranho. Isso devia funcionar com as damas que ele queria cortejar, sem dúvida, mas ela era imune a essas... tolices de mulher, e estava preparada para seus artifícios. Furiosa, chutou um banquinho, que saiu rodando pelo chão. *Tome isso, De Burgh, bem no meio de seus dentes perfeitos*, ela praguejou silenciosamente.

— Sra. Elene!

Erguendo os olhos rapidamente, Elene se divertiu ao ver o administrador de seu pai pulando para se desviar do banco antes de se aproximar dela, cauteloso.

— O que quer? — ela exclamou.

As sobrancelhas dele se ergueram. Embora estivesse acostumado a ser insultado por seu pai, Serle não cedia tão facilmente às suas ordens. Também não conseguia bajulá-la de maneira convincente.

— Vim implorar para que se... comporte, senhora.

Comportar-se? Aquela criatura tinha a audácia de aconselhá-la? Elene baixou a cabeça e lhe endereçou um olhar feroz que o fez recuar.

— Só temo p-por ver outra pessoa dirigir o castelo Fitzhugh — ele gaguejou.

Embora se esforçasse para parecer preocupado, Elene sabia muito bem que aquela inesperada demonstração de lealdade era resultado do medo de perder seu posto. Ela riu, menosprezando-o.

Serle ficou vermelho.

— Pense em todos nós e tenha juízo, senhora. Uma coisa é matar um cavaleiro sem terras que a desposou à força, outra, bem diferente, é matar um De Burgh enviado pelo rei. — Elene fez uma careta. Será que achava que não tinha pensado naquele dilema desde que recebera o decreto do rei? Sabia que Edward não seria condescendente outra vez; foi por isso que aceitou aquela união absurda. Embora tivesse jurado não ser usada por homem algum novamente, o que poderia fazer? Perdeu-se em pensamentos até perceber que estava sob o intenso escrutínio de Serle.

— Vá embora! — ela gritou, a mão alcançando com rapidez o punhal afiado que mantinha na cintura. Era o mesmo que usara para matar Walter Avery, e lhe dava segurança quando apertava o cabo com força. Curvando-se rapidamente, Serle se afastou, mas Elene sentiu outra presença. Por um instante, ficou paralisada, surpresa com a sensação de conforto e força. Ela a afastou, irritada. Era um mistério como o De Burgh conseguia irradiar coisas tão intangíveis.

— Algum problema, Elene? — ele perguntou com calma.

Ela piscou, odiando como ele pronunciava seu nome casualmente. Depois da cerimônia, passara a chamá-la assim, algo que não ouvia desde a morte da mãe. Ela fez uma expressão zangada, a mão apertando o punhal com força.

— Não é da sua conta, De Burgh — ela disse.

Elene pôde ver algo na expressão dele, embora não soubesse dizer o que era, mas imaginava que ele iria reivindicar seus direitos. Era seu marido, e sabia que os homens gostavam de impor seu poder sobre os outros. Mas ele apenas

suspirou, como se estivesse cansado. Ela sorriu, maliciosa, imaginando que ainda estivesse com dor de cabeça.

— É hora de nos retirarmos, Elene.

O sorriso dela se transformou numa expressão de aborrecimento.

— Se está cansado, procure a sua cama, De Burgh. Ficarei aqui.

— Não.

Elene o olhou assustada, pois a voz tinha um vigor inusitado. Estava se opondo a ela? Ela se preparou para responder, mas ele se inclinou, sussurrando:

— Continuaremos esta discussão lá em cima, longe dos outros. No momento, acredito que o melhor para nós dois seja fingir que isto é um casamento de verdade.

Ela piscou, agitada. O que ele dizia era razoável, mas seu instinto de autopreservação a alertava para não acreditar nele... em homem algum. Ele se endireitou, fazendo-a erguer a cabeça para encará-lo. Não era o maior dos sete, mas, certamente, era alto e musculoso. Ela segurou o punhal. Secretamente, os criados a olhavam, ansiosos, enquanto os De Burgh... só observavam e esperavam.

— Vamos, então! — ela disse, certa de que seria melhor tomar qualquer atitude longe dos irmãos dele.

— Primeiro, entregue-me o punhal. Ele não tem serventia, Elene — Geoffrey disse calmamente, naquele tom de voz lisonjeiro que um homem inteligente usaria para domar uma fera. Mas Elene não se deixaria enganar. Riu, menosprezando-o.

— O punhal, Elene. — Geoffrey estendeu a mão, com a palma para cima.

Ela sentiu uma vontade irascível de cortá-la com a lâmina. Estremeceu com o pensamento tão violento. O que estava acontecendo com ela? Estava se tornando como o pai? Sua mente se rebelava, ao mesmo tempo que seu corpo ardia em chamas, tomado por sensações fora de controle: uma necessidade urgente de se libertar, se proteger antes que fosse tarde demais. Ela hesitou, suas emoções em precário equilíbrio, até que ele se inclinou mais uma vez.

— Mostre que está se rendendo — ele sussurrou. — Do contrário, meus irmãos nos seguirão até o quarto.

Elene piscou. Por um momento, imaginou que os demônios sobre os quais Edred falava a tinham realmente possuído, mas a sensação logo passou. Ela respirou fundo e deu um passo para trás.

— Tome, então! Não preciso de armas para lidar com homens como você! — Ela carregava outros punhais escondidos para o caso de precisar, então deixaria

aquele tolo achar que tinha levado a melhor!

Tirando a arma da bainha, ela a jogou no chão. O punhal deslizou para longe de Geoffrey, que, em vez de retrucar ou chamar um criado, simplesmente foi buscar a arma ele mesmo. Depois de entregar a arma a um dos irmãos, voltou-se para ela, estendendo a mão novamente, como se nada tivesse acontecido.

— Venha — ele disse.

Elene respirou fundo. Por um longo tempo, simplesmente olhou para a mão grande e calejada que irradiava calor. Ele aguardou, com extrema paciência, até Elene finalmente se render, com um resmungo irritado. Era melhor aceitar, do contrário ficariam ali até o dia seguinte! Colocando a mão sobre a dele, Elene se deixou guiar até as escadas. Ele a segurava com gentileza, deixando-a tão impressionada que o seguiu até o fim dos degraus.

Quando abriu a porta do quarto principal, ela parou.

— Este não é o meu quarto! Solte-me, De Burgh.

Ele a soltou no mesmo instante, e Elene teria caído para trás se ele não a tivesse segurado pelos ombros. Furiosa, livrou-se do toque dele.

— Mandei os criados prepararem este quarto — ele sussurrou.

— Não!

Ele suspirou, levando o dedo até a ponta do nariz.

— Entre. Assim poderemos conversar.

Mentiroso! Achava que ela acreditava que só iriam conversar amavelmente naquela noite? Ela riu alto, mas entrou no quarto que fora de seu pai, lembrando do punhal preso na perna.

Ele a seguiu, fechando a porta em seguida, enquanto Elene ficava perto da parede, preparada para lutar se necessário. Mas, para sua surpresa, o homem a ignorou totalmente, andando até um baú pesado, onde se sentou e esfregou os olhos com as mãos.

O silêncio reinou por um longo tempo no quarto, enquanto ela aguardava pelo menor movimento dele, que permanecia quieto e em silêncio. Finalmente, sem nem mesmo encará-la, ele falou:

— Imagino que tenha outras armas escondidas. — Ela se surpreendeu com aquela afirmação. — Acho que foi por isso que me entregou a outra tão facilmente.

Será que a revistaria? Colocaria as mãos nela? Raiva e outras emoções mais fortes a dominaram, mas ele não fez qualquer gesto ameaçador. Apenas ergueu a cabeça, livrando o rosto dos cabelos escuros e sorrindo melancólico.

— Pode ficar com elas. Dormirei perto da lareira. Em troca, espero que não tente nenhum truque, nem nesta noite, nem nas próximas. — Ele ergueu os olhos, e Elene imaginou que poderia se afogar naqueles olhos castanhos. Andou para trás e deu com a parede áspera, incapaz de acreditar na paciência que ele demonstrava. Era uma ilusão, sem dúvida. Talvez aquele De Burgh fosse o feiticeiro da família.

— Não sei o que a levou a matar Walter Avery — ele disse. — Mas sei que ele foi um homem capaz de trair seu próprio senhor e sua honra por dinheiro. Embora eu não possa perdoar a maneira pela qual foi morto, não a julgarei por isso.

Julgá-la? Do que ele estava falando?

— Deixe-me avisá-la que o rei não aceitará mais sangue derramado por suas mãos. Você pode ter temperamento forte, mas não creio que seja estúpida, Elene. Não deixe que sua insatisfação com o casamento a leve a cometer uma tolice.

Ela fitou, pasma, aquele homem com cerca de 1,80m se erguer e fazer a cama no chão. Ele se deitou, completamente vestido, e cruzou os braços sob a cabeça como se não tivesse qualquer preocupação. Então, fechou os olhos, como se fosse dormir.

Que truque seria aquele? Achava mesmo que a enganaria com toda aquela docilidade? Ah! Ele não a conhecia! Embora fosse se deitar na cama, Elene não tinha a intenção de dormir. Se o fizesse, acordaria sem seu punhal e com aquele patife sobre ela. Estremecendo ao pensar nisso, ela lhe endereçou um olhar furioso.

Se ele percebeu, não o demonstrou. Bem, dois podiam brincar naquele jogo, Elene refletiu. Sem remover uma peça de roupa, deitou-se no colchão e se cobriu com uma grossa manta de pele. Ficando de lado, para melhor vigiá-lo, procurou pelo punhal escondido sob o vestido.

E aguardou.

GEOFFREY ACORDOU assustado, mas permaneceu parado enquanto olhava por entre os cílios, já totalmente alerta. Tinha dormido! Era uma sorte estar inteiro, pensou, melancólico. Embora a luz da manhã entrasse pela janela estreita, o quarto ainda estava quieto e silencioso, exceto pelo som suave de respiração que vinha do outro lado do quarto.

Será que ela havia dormido também?

Sentou-se vagarosamente e olhou para a cama. Não viu qualquer movimento, então, ergueu-se silenciosamente, esticando os músculos doloridos por causa do

leito duro, e foi em direção à esposa, que dormia completamente vestida sob as cobertas.

Que noite de núpcias!

Reclinando-se, Geoffrey percebeu que ela ainda dormia, então aproveitou a chance para observá-la livremente. O cabelo estava espalhado ao redor dela e pela manta que a cobria. O exótico tom de canela o fazia lembrar-se das caras especiarias.

Dominando a vontade de tocar os tentadores fios longos, Geoffrey contemplava seu rosto, admirado. Como os cabelos estavam afastados, ficou satisfeito por ver que não se enganara com a primeira impressão que tivera: ela era adorável.

Os cílios também cor de canela repousavam suavemente sobre as bochechas. O queixo lhe dava uma aparência de teimosia, o nariz era reto e atrevido, e a pele, imaculada e clara. O coração de Geoffrey começou a bater depressa enquanto a observava, atraído pela pele suave. Seria macia ao toque? Seus dedos ansiavam por descobrir a resposta, e teria sucumbido à tentação se ela não tivesse se erguido subitamente. No mesmo instante, Geoffrey sentiu a ponta do punhal contra seu pescoço.

— Saia de cima de mim, De Burgh! — sua esposa gritou. O rosto que achara tão intrigante estava distorcido por uma expressão assustadora, fazendo Geoffrey se perguntar se havia sonhado com o que queria ver na esposa, em vez da feia realidade.

— Não estou em cima de você, Elene — ele disse, cansado. A vida se descortinava como uma interminável batalha, cheia de ameaças e brigas em público. Suspirando, ele se afastou, enquanto ela corria para perto da parede, proferindo violentas injúrias contra ele.

Sem nem mesmo ouvi-la, ele marchou em direção à porta e saiu. Paz e tranquilidade nunca pareceram algo tão desejável e tão fora de alcance. Mas antes de ter um pouco de solidão, precisava se despedir dos irmãos, tarefa que não lhe agradava.

Geoffrey já estava quase no fim da escada quando ouviu Simon falar seu nome em voz alta, então hesitou. Desconfortável com a ideia de ouvir sem ser visto, mas não querendo aparecer no meio da conversa deles, aguardou.

— Estou dizendo, se ele não descer logo, devemos subir para vê-lo! É possível que ela tenha lhe cortado a garganta e fugido pela janela.

Impossível — disse Dunstan. — Coloquei um soldado junto à janela.

Aquela simples declaração fez Geoffrey se retesar, ofendido.

— Vigiei a porta durante a noite toda, como mandou — Nicholas disse. — Não ouvi nem gritos, nem qualquer outro ruído. — Stephen bufou.

— Bem, o que esperava? Achava mesmo que o pobre Geoffrey fosse consumar o casamento? Aquela mulher é a criatura mais horrenda que já vi. Nem mesmo um cego...

— Basta! — Dunstan disse, enquanto Geoffrey fervilhava em silêncio, furioso com aquela intervenção e com os insultos de Stephen. Por Deus, Elene não era tão desagradável aos olhos!

— Pobre Geoff — Robin murmurou.

— Aquele cabelo! — Um coro de suspiros e concordância fez eco à declaração de Stephen, e Geoffrey ficou ainda mais tenso. Embora ela não tivesse uma beleza clássica, suas feições eram adoráveis e os olhos de um incomum tom de âmbar.

Será que não viam além do próprio nariz? Geoffrey ficou indignado. Como ousavam difamar sua esposa se nem a conheciam? Subitamente, seus irmãos lhe pareceram imbecis e intrometidos. Empertigando-se, Geoffrey entrou no salão, pronto para apressar a partida deles.

Imediatamente virou objeto dos olhares do irmãos, que, obviamente, imaginavam o que ele tinha ouvido, mas procurando por sinais de ataque... como se fosse permanecer deitado, assustado com a mera visão dela! Ele forçou um sorriso.

— Como podem ver, estou vivo, não preciso mais ser vigiado — disse, contemplando o pão e a cerveja sobre a mesa. — Fico feliz em saber que já comeram, assim poderão seguir caminho sem mais demora. — Todos o fitaram, surpresos, os mais jovens, porém, encararam Dunstan logo em seguida. Geoffrey também se voltou para o Lobo com as sobrancelhas erguidas.

— Geoff — Dunstan disse, um pouco inquieto —, você viu as acomodações daqui. Embora Wessex não seja luxuoso, é maior... e mais limpo. Imaginei que preferisse ficar conosco.

— E quanto à minha esposa? — Geoffrey perguntou, permanecendo firme. Apesar de seu orgulho humilhado, ainda tinha sua honra. Sabia o que devia fazer. Dunstan parecia desconfortável. Todos esperavam que ele a deixasse e fosse viver com o irmão! A dura expressão de Geoffrey devia ter indicado quais eram seus pensamentos, pois Dunstan falou, rapidamente:

— É muito comum, Geoff! Mesmo aqueles que não têm título são chamados para viver com seus senhores, e como meu irmão, é mais que bem-vindo.

Geoffrey não tinha dúvida quanto a isso, mas também sabia que sua esposa não seria bem acolhida.

No entanto, uma noite de sono tinha alterado o ponto de vista de Geoffrey. Até o momento, Elene não fizera nada além de gritar, praguejar e não pentear o cabelo. Não a deixaria escondida, nem abandonaria o castelo. Podia não parecer muito para os irmãos, mas era seu.

Será que ninguém, além de Dunstan, poderia ter essa pretensão?

Campion esperava que ele cumprisse seu dever, por isso ficaria ali, consertando o que Fitzhugh fizera com seu povo e tentando viver em paz com sua irascível esposa. Nenhum deles daria as costas para um desafio. Por que esperavam menos dele?

Como se para confirmar sua decisão, Elene veio correndo pelas escadas. O cabelo parecia ainda mais desarrumado do que quando dormia, fazendo Geoffrey se perguntar se ela fizera alguma coisa para deixá-lo com uma aparência ainda pior. Depois de escutar a opinião dos irmãos, Geoffrey se sentiu enternecido pelo queixo teimoso e pela expressão feroz. Foi tomado pela vontade de protegê-la, por isso limpou a garganta com desalento. Como se sua esposa fosse uma pessoa que precisasse de proteção! No entanto...

Ele se voltou para Dunstan.

— Não. Preciso colocar o castelo em ordem primeiro.

Elene, parada perto o suficiente para ouvir, mas se mantendo longe do grupo, vociferou seu desagrado.

— Não precisa ficar aqui, De Burgh! — ela disse, com violência. — Posso cuidar do feudo para você.

— A propriedade agora é minha, e quero deixar tudo em ordem — Geoffrey respondeu. Sem dar chance a Elene de irritar ainda mais seus irmãos, ele se dirigiu a Dunstan:

— Avise-nos quando a criança nascer para que possamos prestar nossas honras. — O Lobo parecia incerto enquanto lançava um olhar para Elene.

— É sempre bem-vindo, Geoff. Espero que saiba disso — ele respondeu bruscamente.

— Eu sei — Geoffrey disse, sorrindo daquela rara demonstração de afeição do irmão. Dunstan começara a apreciar a companhia dos irmãos recentemente, mas Geoffrey sabia que era hora de declarar sua independência. Ele aguardou, sabendo que, como seu senhor, Dunstan poderia insistir na questão, mas esperando que, como seu irmão, o Lobo não o fizesse.

— Muito bem — Dunstan assentiu, o descontentamento evidente. — Que assim seja. — Então, passando por Geoffrey, parou diante de Elene com expressão fria. — Estou avisando, mulher, se alguma coisa acontecer com meu irmão, se arrependerá tanto que desejará morrer.

Antes que Elene pudesse explodir de raiva, Geoffrey se aproximou.

— Dunstan, não ameace minha esposa — ele disse com calma. Ficou ao lado dela, defendendo-a de seus irmãos.

Os seis o observaram, surpresos. Ninguém repreendia Dunstan, o mais velho, forte e poderoso dos De Burgh, mas Geoffrey se manteve firme. Era melhor deixar sua posição bem clara desde o princípio. O silêncio reinou por um instante, a tensão tão palpável que até Elene ficou quieta, mas Dunstan apenas aquiesceu bruscamente. Geoffrey suspirou aliviado enquanto os irmãos passavam por ele, murmurando despedidas de maneira estranhamente branda.

Enquanto Geoffrey os observava partir, notou que os criados o olhavam furtivamente, parecendo descontentes. Perto da porta, vários dos antigos cavaleiros de Fitzhugh se encostavam na parede, as faces sombrias e a postura vagamente ameaçadora. Mesmo Serle, que parecia estar sempre rastejando, lançou um olhar agourento a Geoffrey. Ao seu lado, Elene, obviamente descontente com sua decisão, murmurava uma série de pragas por trás dos cabelos desarranjados.

De repente, Geoffrey percebeu que a partida dos De Burgh o deixava cercado de inimigos, o pior deles sendo sua esposa.

Capítulo Quatro



Deixando as próprias dúvidas de lado, Geoffrey se voltou para o administrador.

— Serle, gostaria de conhecer o castelo, as cozinhas e as construções do pátio. Depois, reúna os que vivem aqui para que eu possa falar com todos. — Sem esperar pela resposta do criado, Geoffrey se voltou para Elene: — Gostaria de me acompanhar?

Em vez de agradecer pelo pedido, sua esposa o encarou com ferocidade e caminhou na frente. Geoffrey suspirou enquanto a seguia. Embora não considerasse Elene particularmente perigosa, não queria que suas costas se tornassem alvo para lâminas afiadas.

Observando-a detidamente, Geoffrey se perguntou se ela seria uma boa castelã. Os criados mantinham distância de Elene, mas tratavam Geoffrey um pouco melhor, observando-o com expressões cautelosas que o deixavam inquieto. Estava acostumado a desfrutar de um bom relacionamento com os criados de Campion. Aqui, sentia-se como um inimigo. Fitzhugh devia dirigi-los com mão de ferro; demandaria tempo e esforço para mudar as coisas.

A determinação de Geoffrey em se manter paciente durou até ver os depósitos. Olhando as parcas provisões, praguejou em voz alta.

— Isso é tudo? — perguntou, dirigindo-se ao administrador. — Quem está cuidando do castelo?

— Eu, milorde — Serle disse, afastando-se e encolhendo-se.

— Mas ainda estamos no inverno! Como alimentaremos a todos?

— Sinto muito, milorde. A guerra esgotou nossas provisões — Serle explicou. — E o resgate dos cavaleiros esvaziou nossos cofres.

Geoffrey refreou outra imprecação. As batalhas contra Wessex tinham causado mais danos do que pensara. Seus planos para recuperar a prosperidade do lugar teriam de começar pelo mais básico. Deixando escapar um longo suspiro, concluiu que era melhor pedir ajuda ao pai. Embora descontente com a ideia, sabia que Wessex, ainda que mais próximo, não tinha muitos suprimentos de reserva.

— Precisarei de uma relação do que temos, além de uma lista de todos que vivem no castelo. — Serle pareceu frustrado com a tarefa, mas então curvou a cabeça em assentimento. A relutância do homem fez Geoffrey se perguntar sobre as condições dos registros do castelo.

— E, Serle — ele acrescentou —, amanhã quero ver as contas.

O administrador abaixou a cabeça numa pequena reverência e então se encaminhou para a saída.

ELENE MEDITAVA a um canto, observando o marido, como geralmente fazia nos últimos dias. Embora falasse pouco com ela, sentia que a olhava com frequência, como se quisesse se certificar da presença dela. Sem dúvida, cuidava para não terminar com um punhal cravado repentinamente em suas costas, ela pensou, sorrindo maldosamente. Mas seu sorriso logo morreu, assim como sua sede de sangue.

As coisas já não eram tão simples.

Geoffrey de Burgh a deixara ainda mais confusa na semana que se passara desde o casamento. Esperava que ele se fosse junto com os irmãos, e ficara seriamente aflita quando ele decidira ficar, deixando-a intrigada. Talvez tivesse os mesmos planos de seu pai e desejasse guerrear contra o Lobo; outros homens tinham lutado contra os irmãos por menos.

No entanto, ele demonstrava pouco interesse pelo exército. Na verdade, parecia mais preocupado com comida! Diferente de qualquer homem que já conhecera, fingia cuidar do bem-estar do povo e das condições do castelo. Devia ser algum tipo de manobra para desviar sua atenção, mas do quê? O homem pedira para ver as contas dias atrás e agora parecia profundamente absorvido por elas.

Aquilo também a surpreendia, pois seu pai nunca olhara os registros. Como não queria se preocupar com essas tarefas mundanas, deixara tudo a cargo do administrador, ou, ao menos, era o que dizia. Elene suspeitava que ele não sabia ler muito bem e por isso não sabia cuidar dos registros. Olhou novamente para o marido, perguntando-se se ele conseguia decifrar direito os garranchos de Serle. Ainda estava inclinado sobre os livros, tão concentrado que nem notava o cacho de cabelo que lhe caía sobre o rosto.

Elene se remexeu na cadeira, fitando-o. Ao menos compreendera o pai. A ganância e a ambição moviam Fitzhugh. Casara-se com a rica mãe de Elene só para adquirir seus bens e terras, mas isso nunca pareceu ser o suficiente. De

maneira justa ou não, ganhara as propriedades vizinhas, e, ainda assim, ambicionava Wessex.

Geoffrey, em comparação, vivia como um monge. Não bebia cerveja em grandes goles nem devorava a comida feito um glutão. Não falava de modo grosseiro e raramente praguejava. Tratava a todos, até o pior dos servos, com respeito. Não arrotava de maneira detestável, como os homens de seu pai costumavam fazer, nem agarrava as mulheres.

Entretanto, o mais estranho fora o que o viu fazendo na noite anterior: acordando assustada com o brilho de uma vela acesa, procurou pelo punhal e viu o marido deitado de lado, segurando um livro! Primeiro pensou que se tratava de um daqueles volumes cheios de desenhos, mas quando viu o livro perto da janela, naquela manhã, examinou-o sem perder tempo e descobriu que era um livro de verdade. Era o primeiro que via, além dos volumes religiosos que Edred brandia para enfatizar seus sermões.

Será que ele lia tão bem assim?

A descoberta a fez se indagar sobre o que estava guardado nos baús que ele trouxera. Erguendo-se em silêncio, Elene subiu para o aposento principal. Ajoelhou-se diante do baú maior e ergueu a tampa. Sentiu o perfume que começara a associar ao marido. Parecia perturbar profundamente seus sentidos, e por um momento ela hesitou em invadir a privacidade dele.

Ignorando a vontade de rir de tais pensamentos, Elene viu uma pilha de vestimentas e ficou sem fôlego. Havia uma incrível quantidade de roupas, nos mais valiosos tecidos, todas bem dobradas. Elene sentiu uma ponta de inveja ao comparar toda aquela ostentação de cores com os vestidos de lã escura que vestia, ano após ano. Tocando o material suave de uma túnica de linho verde, tentou se imaginar vestida com tanta elegância.

Era chamada de lady De Burgh agora, mas o que seria exatamente ser uma dama? Sonhos perdidos havia muito tempo, à beira da cama de sua mãe, voltaram a assombrá-la. Elene sentiu uma dor tão intensa que quase se curvou. Franzindo a testa, rapidamente enterrou aquelas lembranças e empurrou as roupas para o lado. Ergueu uma elegante manta de pele e olhou o que havia embaixo. O fundo do baú estava repleto de livros, grossos, finos, pequenos... mais volumes do que já vira em toda a sua vida.

Ele sabia ler.

Além de decifrar aquelas contas e o livro que vira pela manhã, Geoffrey podia ler muito mais coisas. Podia ler melhor que Edred, melhor que qualquer um. Geoffrey era erudito.

Elene se ergueu, aborrecida e ameaçada com a descoberta. Cerrou os punhos à medida que seu ressentimento aumentava e, sem se preocupar em arrumar as coisas, fechou o baú com estrondo.

Geoffrey apenas lhe dera mais um motivo para odiá-lo.

Elene mandou que a ceia lhe fosse servida no quarto. Geralmente, comia sozinha, na tentativa de escapar da barulhenta bebedeira dos homens no salão. Agora iria manter distância do homem que tornara o lugar ordenado e calmo.

Tinha acabado de se servir do cozido ralo quando a porta foi aberta. Incomodada com a interrupção, viu Geoffrey parado na soleira, preenchendo o espaço com seu corpo, e quase engasgou com a comida. Maldito! Por que não ia embora de uma vez por todas? Torcendo o pulso para que a faca que usava para comer ficasse apontada para ele, ela aguardou, preparada para lutar.

— O que está fazendo, Elene? — ele perguntou, com voz baixa e lisonjeira, que a atraía e irritava ao mesmo tempo.

— Estava comendo, mas algo repulsivo tirou meu apetite. Saia! — ela gritou.

— Sente-se mal?

Agora sim. Sua presença me deixa doente!

— Seu lugar é no salão — ele disse com suavidade.

O lugar dela? Ela não tinha lugar ali. Nunca tivera nada além das sobras de que precisava para sobreviver! O desprezo de seu pai pelas mulheres impedira sua mãe e ela de serem castelãs. Fitzhugh havia casado com sua mãe pelo dinheiro e por seus bens, e roubara tudo da vida dela.

Assim como ele agora a privaria de tudo.

Abalada, Elene se ergueu. A lâmina estava pronta em sua mão, mas ela terminou jogando a comida nele. Para sua surpresa, ele se desviou tão rápido que o pão que deveria acertar o peito só tocou o braço de leve. Caiu no chão, deixando uma grossa trilha de cozido escorrendo pela manga de sua camisa. Olhando para a sujeira, Elene acreditou que tinha passado dos limites. Embora não tivesse sido sua intenção, queria vê-lo explodir. Então, teria a prova de que não era nada mais que um homem, que não era melhor que seu pai e outros de sua laia.

Mas ele não perdeu a calma. Simplesmente, suspirou e deu as costas, deixando Elene sozinha com sua fúria. Erguendo-se, ela correu para a porta e gritou em direção às escadas.

— Está oferecendo a outra face, milorde? Acha que é algum tipo de santo? Talvez Edred possa canonizá-lo, são Geoffrey — ela caçoou, e ouviu a risadinha de algum criado no andar de baixo. Ficou paralisada por um instante,

desacostumada à experiência de dividir um gracejo com outra pessoa. Então sorriu, aproveitando a estranha sensação até se lembrar da comida espalhada pelo chão do quarto. Não tinha mais o que comer. Entrando no cômodo, Elene bateu a porta com estrondo e foi para a cama com fome, amaldiçoando os De Burgh com o ódio de toda uma vida.

ELA AINDA estava acordada quando Geoffrey voltou para preparar seu leito no chão. Podia agir como um santo, mas Elene não confiava nele, e nunca relaxava antes de ouvir a respiração regular que pontuava seu sono. Naquela noite, porém, por estar irritada, ele parecia ter subido mais tarde e fazer muito mais barulho.

No chão, Geoffrey se remexia entre os lençóis, deixando-a com vontade de gritar. Então ela o ouviu sentar-se e se movimentar. O aborrecimento deu lugar à cautela, fazendo-a abrir os olhos. Ela o viu mexendo no fogo que já se extinguia para acender uma vela. Enquanto o observava, curiosa, ele pegou o livro que ela vira mais cedo. Então, deitou-se outra vez, colocando um dos braços fortes sob a cabeça e concentrando toda a atenção na leitura.

O ressentimento a dominou, enquanto o observava. Ele segurava o volume com facilidade em suas mãos grandes, um cacho de cabelo caindo em sua testa enquanto lia. Ele ainda estava vestido, assim como ela, mas havia algo na maneira dele que atormentava seus sentidos.

Elene franziu a testa. O quarto estava completamente claro agora. Como poderia descansar? Sentou-se abruptamente, odiando-o por tudo o que possuía, pela postura relaxada que tinha ao se deitar, coisa que nunca vira um homem fazer. Por que não se encolhia de medo ou fugia enojado, como os outros?

— O que pensa estar fazendo, De Burgh? — ela gritou. — Já não basta me incomodar o dia inteiro? Agora quer me manter acordada a noite toda também?

Ele nem mesmo se preocupou em olhá-la.

— É só uma vela, Elene. Vá dormir.

— Não! Apague isso ou se arrependerá, De Burgh!

— Elene... — ele começou a dizer, mas a voz baixa e gentil a ofendia. Enraivecida, ela se aproximou da beirada da cama e soprou, apagando a vela. A semiescuridão lhe deu uma sensação de triunfo que durou pouco. Antes que pudesse se afastar, sentiu as mãos de Geoffrey puxando-a. No mesmo instante, estava por baixo dele, os punhos presos com força por cima da cabeça.

Rapidamente, Elene se lembrou de que o homem que insultara era puro músculo. A agilidade de movimentos daquele corpo a surpreendeu tanto que nem tentou lutar quando percebeu que ele a prendia. Sentia-se perturbada com o calor

do corpo dele, tão penetrante e surpreendente que seus instintos ficaram momentaneamente atordoados.

Algo se incendiou dentro dela quando percebeu a atenção que ele concentrava em sua boca, um ardor que a fazia querer esquecer que o corpo dele estava sobre o dela, pesado e musculoso, prendendo-a no chão. A sensação se espalhou por um breve instante, antes de ser substituída pelo pânico que a obrigou a empurrá-lo, enfurecida, jogando aquele peso para longe.

Então, viu-se lutando para respirar normalmente. Por um instante, Elene apenas o observou, deitado ao lado dela.

— Apenas um aviso, Elene — ele sussurrou, os olhos escuros e intensos. — Não tente me surpreender no escuro, pois saberei me defender.

As palavras a fizeram ficar de pé e se jogar na cama, incapaz de responder às ameaças dele. Em silêncio, procurou pelo punhal, mas pela primeira vez não se sentiu reconfortada. Percebeu que durante todos aqueles longos minutos em que esteve à mercê dele nem mesmo se lembrara da arma.

Pior, suspeitava de que isso já não importava, pois Geoffrey representava um tipo de ameaça que não podia enfrentar apenas com uma lâmina afiada. Uma desanimadora inquietação envolveu Elene enquanto considerava a força de suas defesas contra uma arma tão incomum quanto a atração que sentia pelo marido.

GEOFFREY APERTOU a ponta do nariz, lutando contra outra dor de cabeça, enquanto analisava as contas novamente, tentando compreendê-las. Poderia até suspeitar de que a esposa estivesse querendo envenená-lo, se não soubesse que seu mal se devia ao comportamento dela.

Habituara-se a deixar o quarto antes que ela acordasse. Do contrário, ouviria gritos ao menor movimento que fizesse. Como se quisesse se deitar com ela!

Lembranças da noite em que descobrira que por baixo daquelas roupas disformes havia um corpo de mulher, agradável e de curvas suaves, ocuparam sua mente. Com um gemido, Geoffrey jogou a cabeça para trás. A última coisa de que precisava era começar a olhar para a esposa como uma mulher!

Geoffrey franziu a testa. Estava permitindo que ela comprometesse seu comportamento, e havia jurado que isso não aconteceria. Até o momento, respondera com cortesia a todos os seus insultos, mantivera-se calmo diante de todas as pragas que ouvia, tentando sempre imitar a figura paterna. Mas sua paciência estava se esgotando, especialmente depois de ouvir os criados chamando-o de são Geoffrey pelas costas.

Sim, como se sua situação não fosse ruim o suficiente, ainda tinha de se preocupar com os criados. Apesar de seu comportamento benevolente, continuavam a observá-lo com cautela. Além disso, mais cedo ou mais tarde teria de lidar com os soldados, cuja lealdade era questionável. Embora quisesse desfrutar da nova casa, estava sempre alerta, suspeitando de todos, com exceção de Serle e do padre. Mas até mesmo o religioso lhe lançava olhares estranhos, às vezes!

Estava ficando louco, Geoffrey pensou, pressionando a mão contra os olhos. Via ameaças em qualquer um e em qualquer lugar. Embora soubesse que nunca conquistaria a confiança de seu povo se os De Burgh permanecessem ali, desejava não ter sido tão afoito ao dispensar os irmãos.

Colocar o legado de Fitzhugh em ordem parecia uma tarefa impossível de ser realizada sozinho. Geoffrey sempre se imaginara mais capaz e inteligente que a maioria, mas nem mesmo ele conseguia compreender as várias discrepâncias nas contas do castelo. Enquanto isso, as provisões de inverno minguavam. Tinha enviado um homem a Campion a fim de pedir mantimentos e rezava para que a primavera não demorasse a chegar.

Olhando desanimado para as páginas, Geoffrey inclinou a cabeça para trás e massageou o pescoço. Estava cansado e tenso, precisava de um pouco de ar fresco para clarear a mente. Levantando-se, alongou os músculos e colocou a capa para caminhar pelo pátio.

O ar frio lhe pareceu revigorante, mas a pouca familiaridade com o local o abalava como sempre. Caminhando até os estábulos, entrou na construção escura para ver o cavalo que trouxera de Campion. Geoffrey se dirigia à baia do animal quando percebeu que não estava sozinho. Primeiro pensou que fosse um cavalariço, mas a espessa cabeleira revelava que era Elene.

Geoffrey a ouviu falar com um dos cavalos, não com seus costumeiros gritos estridentes, mas com um tom suave e rouco que fez seu pulso acelerar. Seria mesmo sua esposa?

A luz do sol de inverno entrava pelas frestas, iluminando seu cabelo, acentuando as mechas avermelhadas. Parecia mais baixa e delicada no grande estábulo, e quando Geoffrey a viu acariciar gentilmente a cabeça do animal, percebeu que nunca a vira usar as mãos com tanta graça. Eram menores do que pensara, então perguntou-se como seria sentir aquelas mãos em sua pele, descendo por seus braços, tocando seu peito, acariciando sua masculinidade... Ele devia ter feito algum som porque ela virou o rosto para ele e o encanto logo

foi quebrado. As feições que pareciam tão angelicais sob a pouca luz agora se contorciam furiosamente.

— O que quer, De Burgh? — ela gritou. — Não posso ficar um pouco sozinha sem você nos meus calcanhares, sempre à espreita? — A voz atingira um abominável tom agudo e Geoffrey percebeu que o cavalo ficara agitado. O animal bufou em aviso, mas Elene estava muito ocupada com seus insultos para perceber.

— Pare de gritar, Elene! — Geoffrey alertou, mas ela não lhe deu atenção.

O animal, que batia as patas no chão, então se lançou para a frente. No mesmo instante, Geoffrey se jogou na direção da esposa, puxando-a para o junco que cobria o chão sujo do estábulo e rolando para longe dos cascos do animal. Por um longo tempo, ambos ficaram abraçados, ofegantes por causa do incidente.

Perturbado, Geoffrey ergueu o corpo, preparando-se para lhe dar a reprimenda que merecia, mas ela parecia tão abalada que ele não disse nada. Seus olhos estavam arregalados, os lábios, entreabertos, enquanto ela tentava recuperar o fôlego. Ela parecia... vulnerável.

Pela primeira vez, suas feições não estavam escondidas. Suave e gentilmente, como se persuadindo uma trêmula corça a se aproximar, Geoffrey deslizou as costas das mãos por sua bochecha. A pele era delicada como seda. Ela deixou escapar uma expressão de surpresa com o toque.

A sensação era sedutora e exótica. Ele queria prová-la, só uma vez. Baixando a cabeça, Geoffrey beijou-lhe os lábios. Não podendo evitar, deixou a língua desenhar os contornos delicados da boca de Elene. Ela parecia surpresa. O corpo era firme e suavemente curvilíneo, os seios pressionavam contra seu peito, surpreendendo-o com seu calor. Sentiu uma estranha urgência de tocá-los, rolar com ela e se envolver naqueles cabelos.

Erguendo a cabeça, Geoffrey a fitou novamente. Os lábios estavam úmidos e macios, fazendo-o aprofundar o contato com a língua. Uma pequena parte de seu cérebro o avisava do risco. Ela poderia causar muitos estragos se decidisse mordê-lo, mas decidiu se arriscar. Pelo menos desta vez. Afundando a mão nos grossos cachos, Geoffrey a beijou novamente, obrigando-a a abrir a boca. Quando ela ofegou levemente, ele aproveitou para mover sua língua.

O sabor dela parecia o de canela. O calor úmido era tão erótico que o fez ficar excitado no mesmo instante. Geoffrey lambeu os dentes, deslizou a língua pelos recessos escondidos daquela boca e gemeu de prazer. Esqueceu-se de onde estavam, quem era ela e sua própria identidade, envolvido pela onda quente de desejo que nunca experimentara. Incapaz de se conter, Geoffrey se moveu

ligeiramente, pressionado a virilha entre as coxas dela, precisando daquele contato com tanto desespero que estremeceu.

Foi um erro.

Impetuosa, ela o empurrou, rolando para longe dele e lutando para ficar de pé. Tonto, Geoffrey ficou deitado de lado, observando-a. Por um breve instante, ela o encarou, com fúria nos olhos. Ele esperou pelos insultos que viriam, mas Elene apenas limpou a boca e cuspiu no chão, bem ao lado dele. Quando Geoffrey se sentou, ela deu as costas e fugiu. Erguendo a mão para afastar uma mecha de cabelo da testa, Geoffrey deixou escapar um fraco suspiro enquanto tentava compreender o que acontecera.

Com um sorriso melancólico, concluiu que ao menos descobrira uma maneira de impedir os constantes gritos da esposa.

Capítulo Cinco



ELENE ESTAVA perto da janela, observando o marido trabalhar com seus soldados num pequeno espaço do pátio. Depois de um começo bravio, março se tornara, de modo surpreendente, quente, e Geoffrey se aproveitara da temperatura branda para exercitar o que sobrara do exército do pai dela. Tinha concentrado toda a sua atenção nisso, assim como havia feito com os registros do castelo, e Elene o fitava admirada por vê-lo dirigir os soldados tão bem quanto dirigia todas as coisas. Em vão se perguntou como seria se tornar objeto de tamanho interesse dele.

— Parece que o tempo firmará.

Elene quase se sobressaltou com o som da voz de Serle, baixa e grosseira, ao lado dela. Estivera tão entretida com Geoffrey que não ouvira o administrador se aproximar, e agora franzia a testa, perturbada com a própria vulnerabilidade. Era apenas outro exemplo de como seu marido conseguia afetá-la, e não gostava disso.

— Parece que a primavera que são Geoffrey tanto deseja chegará logo — Serle disse.

Elene, absurdamente incomodada com o uso daquele apelido do marido, observou o administrador por entre os olhos semicerrados. Ficou intrigada com os motivos para o desprezo que ouvia na voz dele. Embora ela tivesse boas justificativas para desprezar Geoffrey, não entendia por que os outros que habitavam o castelo não o aceitavam. A inimizade, além de injustificada, era injusta, ela pensou, antes de ficar surpresa consigo mesma.

Injusta? Sua vida nunca fora justa. Desde a morte de sua mãe, ficara sozinha, numa casa assustadora. Então, por que se importar se Geoffrey era insultado pelas pessoas que se esforçava para conquistar? Dizendo a si mesma que não se importava com o que pensavam do marido, Elene voltou a olhar pela janela.

— Talvez nosso bom santo possa influenciar as estações — ela disse, sem fazer exatamente um gracejo. Embora ainda tivesse de conquistar seu povo, o marido parecia possuir habilidades assustadoras.

— Blasfemando, milady? Edred não ficaria contente com isso.

Elene riu um pouco com o gracejo de Serle. O padre sempre ralhava por alguma coisa. Por causa dela, na maioria das vezes, mas aprendera a ignorar os seus sermões. Embora Elene não tivesse ilusões a respeito de si mesma, sabia que sua mãe, gentil e inocente, não fora a criatura demoníaca que Edred proclamava que todas as mulheres eram.

Elene se concentrou novamente no pátio, onde Geoffrey e o mais notável dos cavaleiros de seu pai se enfrentavam com bastões. Já vira aquela prática antes, mas nunca com seu marido. Para sua surpresa, Geoffrey parecia diferente, mais forte, mais perigoso...

— Talvez Montgomery o mate — Serle disse, com um desagradável tom de satisfação. — Seria viúva novamente, milady. — Ela sentiu uma pontada de apreensão. O que Serle queria dizer? Será que alguém no castelo planejava matá-lo? Embora Elene não gostasse do marido, sabia que se ele morresse logo seria entregue a outro homem. A onda de pânico que a invadiu a fez se voltar para Serle, a mão sobre o punhal.

— Sou a única que fará matanças por aqui, e se não tomar cuidado com sua língua, será o primeiro — ela sibilou.

Curvando-se insolentemente, Serle se afastou. Elene se voltou mais uma vez para a janela. Comparado a alguma ameaça nova e desconhecida, Geoffrey parecia subitamente muito melhor.

Em vários aspectos.

Enquanto observava, Elene concluiu que nunca notara as linhas firmes e bem-proporcionadas do torso dele. Embora seu oponente o excedesse em peso, os braços de Geoffrey manejavam o bastão com agilidade e destreza, mantendo o controle sobre a arma. Elene raramente prestava atenção nos cavaleiros, mas havia algo de fascinante na maneira com que Geoffrey investia e se esquivava. À medida que a luta se intensificava, a túnica ficava mais colada à pele, e Elene podia ver os músculos delineados pelo tecido.

Desde que a deixara em paz naquela primeira noite, Geoffrey parecia cada vez menos intimidador, a ponto de zombar dele como santo, mas agora, vendo-o junto aos robustos soldados, percebia o quanto ele era viril e másculo. Ele se destacava não só por sua descendência nobre, mas pela excelência de suas habilidades, agilidade e inteligência.

De repente, a cena que Elene tentava evitar havia duas semanas voltou à sua mente em vívidos detalhes: viu-se mais uma vez deitada por baixo de Geoffrey nos estábulos, sentindo o peso dele sobre seu corpo. Ele não a esmagara, mas a

aconchegara em seus braços de maneira protetora, acalentando-a, enquanto dirigia os lábios aos dela.

Ele possuía um sabor que nunca experimentara antes: inebriante, quente e maravilhoso...

Praguejando em voz alta, Elene se afastou da janela e levou as mãos ao rosto. O que acontecia com ela? Sentia-se inteiramente diferente, como se estivesse se transformando em outra pessoa. Isso a amedrontava mais do que qualquer coisa. Ela se virou, determinada a se afastar da perturbadora visão do marido, mas um grito a atraiu novamente para a janela.

Elene viu imediatamente a razão de toda a agitação. A luta se tornava cada vez mais brutal. Os olhos de Elene se estreitaram quando ela viu Geoffrey quase cair ao ser enganado por seu oponente.

Ela murmurou uma injúria pela deslealdade de Montgomery, que fora um dos cavaleiros mais proeminentes de seu pai e sobrevivera à batalha com Wessex.

Agora, parecia que Montgomery estava ansioso por derrotar seu novo senhor, pois o que começara como um exercício se tornara uma verdadeira disputa. Enquanto Elene observava, o cavaleiro louro caiu, apenas para se erguer numa investida contra o pescoço de Geoffrey.

Elene ouviu um grito abafado, e se surpreendeu ao perceber que fora ela quem se agitara enquanto Geoffrey simplesmente se esquivava da arma. Ele se recuperou rapidamente, colocando o bastão no peito de Montgomery e pondo um fim ao exercício. Por um instante, Elene temeu que o cavaleiro desobedecesse, portanto segurou o punhal com firmeza. Não deixaria Montgomery matar seu marido! Ela estremeceu quando o cavaleiro vencido finalmente assentiu, lançando a Geoffrey um olhar carregado de ódio.

Ela ainda aguardou, os olhos fixos em Montgomery e os dedos sobre a arma. Só relaxou quando viu o patife se erguer e se afastar, mas permaneceu vigilante enquanto Geoffrey dispensava os soldados e voltava para o castelo. Seu coração continuava batendo freneticamente enquanto ele caminhava pelo pátio apinhado de gente que parara para assistir à luta. Qualquer um poderia cravar uma faca em suas costelas, Elene pensou, enquanto corria desvairadamente para a porta.

Ao vê-lo se aproximando, Elene disse a si mesma que o protegia em seu próprio interesse. Era melhor ficar casada com ele do que com um desconhecido.

Ele caminhava a passos largos pelo salão, e ela se adiantou para repreendê-lo por sua insensatez. Mas quando ele pegou um pedaço de linho de um criado e secou o suor do rosto, Elene sentiu a língua presa na boca seca, enquanto ele pedia que lhe preparassem um banho. Andou em direção às escadas, parecendo

alheio à presença dela. Elene foi obrigada a segui-lo até o quarto principal, mas parou na porta enquanto ele erguia os braços e tirava a túnica ensopada de suor.

Elene prendeu o fôlego ao contemplar os reluzentes músculos das costas de Geoffrey, sua pele firme e dourada. Ele era tão bonito que Elene não conseguia desviar o olhar. Sentia-se febril, como se sofresse de uma estranha enfermidade. Seus olhos começaram a lacrimejar quando o medo a dominou, junto com algo tão perigoso quanto convidativo.

Ele se virou e Elene se sentiu fraca ao ver o peito nu, coberto de pelos escuros. Eram espessos no centro, espalhando-se até os mamilos, dando-lhe uma estranha vontade de correr os dedos por eles. Respirando fundo, ela conseguiu encará-lo.

— Elene? — Os olhos escuros, profundos e acolhedores a observavam.

Quando ele passou a mão pelo peito, distraído, ela se concentrou no movimento do dedos, compelida a fazer o mesmo. Ela se esforçou para repelir a sensação, junto com a estranha letargia que parecia dominá-la.

— Montgomery o matará — ela disse bruscamente. Ficou aliviada quando ele deixou a mão cair para o lado, mas continuou observando os dedos finos, longos e quentes.

— Acha que ele conseguirá?

A pergunta suave, dita com típica arrogância masculina, arrancou Elene de seu torpor.

— Você é um homem tão vulnerável quanto qualquer outro.

Ele pareceu considerar a afirmação.

— Tem motivos para desconfiar de Montgomery?

Motivos? Desde quando precisava de motivos para desconfiar de um homem?

— Ele quer matá-lo. Posso ver nos olhos dele.

Um ruído fez Elene procurar pelo punhal. Ela se voltou, vendo os criados carregando a velha tina de madeira.

Elene olhou para a tina, depois para Geoffrey, que encontrou seu olhar e o sustentou como se tivesse o mesmo pensamento. Como sua esposa e senhora do castelo, deveria banhá-lo, mas ela não se ocupava de tais afazeres. Além de continuarem dormindo separados, eles permaneciam completamente vestidos a noite inteira. Na verdade, era a primeira vez que Elene o via sem seus trajes. Ela ficou corada, perguntando-se como ele deveria ser sem qualquer vestimenta. Até onde iam aqueles pelos escuros? Seriam as pernas musculosas também? Será que as nádegas tinham o mesmo tom dourado do resto do corpo e... Chocada com os próprios pensamentos, Elene deixou escapar um resmungo, rejeitando a ideia.

Ele aguardava pacientemente, como se esperasse que ela tomasse uma decisão, e vê-lo, tão bonito e seguro, qualidades que nunca possuíra, a faziam querer gritar. Indo de encontro à porta, Elene abriu a boca para lançar mais pragas, porém, para seu horror, não conseguiu dizer nada. Sua voz a abandonara. Finalmente, ela simplesmente engoliu suas injúrias, deu as costas e saiu, irritada.

GEOFFREY A observou sair, curioso. Estava imaginando coisas ou vira sua esposa olhá-lo com certo... interesse? Mas por quê? Desde o malfadado beijo nos estábulos, Elene raramente o tratava bem. Embora a visse menos, ela sempre parecia mais rabugenta do que antes.

Mas, e quanto ao aviso sobre Montgomery? Não havia dúvida de que aquilo por si só era incomum, pois Elene raramente falava dos assuntos da casa, quanto mais sobre a lealdade de seus moradores. E por que alertá-lo se ela mesma o ameaçava?

Por mais que seu comportamento fosse confuso, Geoffrey não rejeitou o aviso tão facilmente. Não confiara em Montgomery desde o princípio, embora não tivesse certeza do motivo de o cavaleiro ser tão carrancudo. Será que Montgomery planejava tomar o lugar do próprio Avery? Geoffrey cerrou o punho ao pensar em Elene com outro. Raramente via o primeiro casamento de Elene como algo além de um exemplo de cautela, mas agora que a beijara e a tivera entre os braços, sentia uma fúria violenta e possessiva. Estava feliz por Avery ter sido morto pelas próprias mãos de Elene. Surpreso com tais pensamentos nada civilizados, Geoffrey balançou a cabeça, como se para eliminá-los.

Será que Montgomery representava realmente uma ameaça? Era fácil ver sombras por todos os lados quando se estava sozinho na casa do inimigo.

Mas ele lembrava bem do olhar de ódio no rosto de Montgomery quando lutaram. Embora um homem pudesse se deixar levar durante os exercícios, e ferimentos fossem frequentes, o golpe repentino fora proposital. Geoffrey suspirou. Melhor se precaver do que lamentar depois, pensou. Além disso, Elene tinha razão. Não gostara do olhar de Montgomery.

Mas e quanto ao olhar da própria esposa?

GEOFFREY SE levantou antes do amanhecer, os próprios instintos acordando-o com a mesma eficiência de um criado. Andando em silêncio para não acordar a esposa, saiu. Chamando pelo garoto que lhe servia de escudeiro, ordenou que o

rapaz preparasse os cavalos de Montgomery e ajudasse o escudeiro dele a juntar seus pertences.

O rapaz o encarou com olhos arregalados, mas engoliu em seco e assentiu antes de correr pelo corredor escuro. Geoffrey o observou ir e se preparou para o confronto que aconteceria. Era melhor enfrentar o inimigo quando ele estava vulnerável, por isso decidira abordar Montgomery enquanto estivesse dormindo. Passando pelos criados que dormiam pelo corredor, Geoffrey desceu as escadas até o andar inferior, onde os cavaleiros se alojavam num cômodo do subsolo. Encontrando Montgomery na escuridão, ele o cutucou com o pé.

O cavaleiro se ergueu rapidamente, falando de modo confuso. Não usava nada além das roupas de baixo, mas Geoffrey não lhe deu chance de se vestir. Silenciosamente, indicou para Montgomery que subisse até o salão onde as pessoas começavam a acordar.

— Seus cavalos estão prontos. Acorde seu escudeiro, mande-o empacotar seus pertences e vá embora assim que amanhecer.

Montgomery encarou-o, incrédulo.

— Isso é alguma brincadeira?

Ao seu redor, Geoffrey viu alguns homens se erguerem e olharem de esguelha para o cavaleiro quase nu. O salão estava frio, e, sem as armas e a cota de malha, Montgomery parecia vulnerável e enregelado.

— Não preciso de seus serviços. Deixe meu castelo, minhas terras e as de meu irmão, o barão de Wessex.

A boca de Montgomery se contorceu num rosnado.

— Não pode se livrar de mim, seu tolo! Quem guardará seus portões e liderará sua gente?

— Não seja insolente — Geoffrey disse, colocando a mão no punho da espada. — Como senhor deste castelo, eu guardarei os portões e liderarei os que me jurarem lealdade.

Se Montgomery estivesse armado, teria sacado sua espada naquele instante, tão grande era sua raiva. Geoffrey o viu olhar rapidamente ao redor do salão, onde os criados observavam sua quase nudez.

Quando os escudeiros chegaram, colocando sacolas e roupas aos pés de Montgomery, este rapidamente procurou pela espada.

— Não precisará disso agora — Geoffrey disse calmamente. O rosto de Montgomery ficou vermelho de raiva e frustração.

— Pensa que não posso conseguir algo melhor que este castelo decadente? — ele zombou, enquanto vestia apressado a túnica e as botas. — Acharei um senhor

mais rico para servir, talvez um de seus inimigos, então... Então nos veremos novamente — prometeu. Gritando para que o escudeiro o seguisse, andou a passos largos para fora do salão enquanto os silenciosos criados observavam. Determinado a ver Montgomery fora do feudo, Geoffrey o seguia quando um grito vindo de suas costas o fez parar. Virou-se e viu Elene ali perto, o rosto pálido por baixo da nuvem de cabelos emaranhados.

— Está louco? — ela gritou. — O que está fazendo?

— Estou expulsando Montgomery, como sugeriu — Geoffrey respondeu calmamente. Ela ficou pasma, e Geoffrey sorriu daquela visão inusitada. Vendo o sorriso, ela o encarou como se tivesse perdido o juízo.

— Tolo, poderia ser morto! Só vejo criados... não há cavaleiros ou soldados para protegê-lo!

Geoffrey não costumava prestar atenção em seu falatório, mas dessa vez algo na voz dela o intrigou. Ele a observou com atenção, surpreso por ver que seus dedos tremiam ao procurar pelo cabo da arma em seu costumeiro gesto de ameaça.

— Deseja morrer? — ela gritou.

— Se importaria caso eu morresse? — Geoffrey perguntou, com voz suave.

As palavras deixaram a esposa paralisada, olhando furiosa para a audiência que os cercava.

— Não, eu me alegraria!

— Então por que está tão preocupada comigo? — Geoffrey perguntou. Embora seu tom fosse despreocupado, sentia uma estranha alegria por saber que ela se importava com sua vida... que alguma coisa importava para sua selvagem esposa.

Mas seu otimismo foi logo desfeito. Estreitando os olhos, Elene o encarou com desdém e baixou a cabeça.

— Não quero que ninguém me roube o prazer de matá-lo, De Burgh! — ela gritou. — É só isso! — Então ela se virou e saiu a passos firmes, os longos cachos embaraçados ondulando adoravelmente a cada movimento.

Embora desapontado com aquela resposta, Geoffrey riu alto da ameaça vazia, pois, desde que chegara, o pior que ela fizera havia sido atirar comida. Na verdade, se um homem conseguisse ignorar seus gritos e acessos de cólera, podia lidar muito bem com aquele demônio.

Ou talvez não, pensou Geoffrey, ao se desviar rapidamente de um punhal. Aparentemente irada com a gargalhada, Elene, num piscar de olhos, se voltara e atirara a arma na parede bem ao seu lado. Era óbvio que não pretendia acertá-lo,

só queria demonstrar suas alardeadas habilidades, mas agora o silêncio se abatera sobre o salão enquanto todos aguardavam o desfecho da cena.

Sem pressa, ele se voltou em direção à lâmina. Então, tirou a arma da parede e andou em direção à esposa. Embora Elene não se movesse, Geoffrey viu certa vulnerabilidade por trás daquele gesto de desafio.

— Acho que deixou isto cair — ele disse, simplesmente, entregando-lhe o punhal pelo cabo.

Só Geoffrey percebeu o leve tremor na mão que pegou a arma e a onda de calor que surgiu quando suas mãos se tocaram. Ela se afastou, desviando o olhar do dele, como se estivesse aterrorizada. Os suspiros de alívio das pessoas que se aglomeravam no salão chamou sua atenção, pois todos sabiam que não haveria derramamento de sangue entre o senhor e a senhora do castelo.

Pelo menos não desta vez.

Capítulo Seis



Em abril, Geoffrey recebeu a notícia de que Marion dera à luz um menino, o primeiro herdeiro De Burgh. Embora se sentisse feliz por ambos estarem bem, Geoffrey ficou ressentido com a sorte de Dunstan. Sentia-se um pouco envergonhado por invejar a felicidade que o irmão encontrara no casamento e com sua nova família.

Olhando para a esposa do outro lado do salão, Geoffrey concluiu que jamais teria filhos, e foi tomado por uma inexplicável sensação de perda. Não era o tipo de homem obcecado em dar continuidade à sua linhagem, nem tivera qualquer experiência com bebês. Mesmo assim, sentia-se frustrado, o que o intrigava e irritava. De repente, começou a estudar Elene, os olhos vagando pela figura esbelta que ele sabia estar escondida sob as feias roupas.

Ele poderia se deitar com ela.

O pensamento surgiu de repente, seduzindo-o inteiro. Na verdade, quanto mais pensava no assunto, menos desagradáveis pareciam suas obrigações de marido. Se ao menos conseguisse manter aquela boca ocupada tempo suficiente para não gritar injúrias, e as mãos longe daquele punhal...

Sacudindo a cabeça, Geoffrey tentou acalmar as batidas do coração. Casada ou não, Elene nunca concordaria. Apesar dos votos de casamento, ainda continuavam a dormir separados, completamente vestidos, com o máximo de cautela. Mesmo que conseguisse sair ileso daquela união, como poderia sentir prazer com aquilo? Nunca obrigaria uma mulher a aceitá-lo, e mesmo que Elene tivesse cedido ao beijo nos estábulos, deixara bem claro o que sentia.

Ela era selvagem, não contribuía em nada com a casa, não se importava com o próprio povo, e só lhe causava problemas. Geoffrey desprezava tudo nela! Erguendo-se abruptamente, ele a fitou com firmeza.

— O filho do meu irmão nasceu. Prepare-se para viajarmos para Wessex. Temos de prestar nossas honras ao herdeiro.

Elene piscou surpresa e baixou o queixo, encarando-o por trás dos cabelos, que ele nunca sabia se queria afastar do rosto ou envolver nas mãos.

— Vá aonde quiser. Eu ficarei aqui!

Geoffrey não sabia dizer se eram os desejos frustrados ou o cansaço com tais discussões que desencadearam seu mau humor. Mas sabia que não cederia aos caprichos dela desta vez. Não a deixaria ali para criar problemas em sua ausência, e devia uma visita ao irmão.

— Você irá, Elene. Não tente me desafiar desta vez, porque não cederei. — Elene gargalhou cruelmente.

— São Geoffrey sabe se impor! Estou tremendo de medo!

— Estou avisando, Elene... — ele começou a dizer, dando um passo à frente.

— Não me ameace, meu marido, ou encontrará sua morte!

Suspirando, Geoffrey simplesmente deu as costas. Embora não tivesse atitudes assim, aquela mulher o incitava a ser violento, com seus insultos persistentes!

— Prepare-se — ele disse por cima do ombro enquanto se dirigia ao pátio, à procura de um pouco de paz.

— Não irei! — ela gritou.

Por um instante Geoffrey pôde jurar que ouvira um traço de medo na voz dela. Balançou a cabeça enquanto se afastava. Aquela mulher o enlouquecia, era óbvio. Só podia estar imaginando coisas.

Nada assustava Elene.

E SE ALGO acontecesse enquanto ele estivesse fora?

Elene ouvira as ameaças de Montgomery. Amargurado e violento, ele poderia estar esperando por Geoffrey e atacá-lo de maneira covarde. Embora Elene soubesse que o marido tinha habilidade suficiente para se sair bem numa luta justa, Montgomery já havia provado que era um canalha traiçoeiro. E Geoffrey não tinha quem o protegesse.

Exceto ela.

Desde a manhã em que o vira no salão, enfrentando sozinho o perigoso cavaleiro, Elene se encarregara daquela tarefa. Em vez de evitar o marido, sempre o mantinha à vista na maior parte do dia. Quando ele estava absorto demais com os livros ou com as contas para prestar atenção em qualquer outra coisa, ela o vigiava. Geoffrey ignorava sua atitude, é claro, pois acharia graça de seus esforços e talvez a proibisse de agir assim.

Ou interpretaria suas intenções de outra maneira.

Ela só protegia os próprios interesses, porque não queria ter um novo marido, alguém menos afável, em sua casa. Por isso estava ali, segurando as rédeas do palafrém com força enquanto o castelo desaparecia por trás de uma colina.

Quando as terras que lhe eram familiares deram lugar a novos pastos e florestas, Elene lutou contra o pânico. Estava em um lugar estranho, sozinha com Geoffrey e alguns homens, sentindo-se nua e vulnerável, como se o castelo lhe servisse de escudo. No seu mundo de constantes mudanças, aquela construção era a única coisa permanente.

E se Geoffrey a estivesse levando para um lugar ermo para abandoná-la, ou, pior, matá-la? Não havia ninguém para impedi-lo. Elene sabia que os soldados de seu pai tinham jurado lealdade a Geoffrey e que não gostavam dela. Sentiu-se mais sozinha do que nunca, compelida a protegê-lo, embora não confiasse nele.

Ao cair da noite, Elene estava cansada e ansiosa, e a perspectiva de dormir no chão duro, mesmo sob uma tenda, não ajudava a animar seu espírito. Ela comeu pouco, alerta a tudo que acontecia à sua volta, mas os homens apenas pareciam ansiosos para descansar. Finalmente, sentindo a exaustão e as dores no corpo desacostumado a longas cavalgadas, Elene foi para a tenda e preparou uma cama com cobertores e mantas.

De repente, a tenda foi aberta e uma figura alta e de ombros largos entrou. A luz do fogo iluminou o semblante benfeito e a deixou aliviada antes que a tenda ficasse escura novamente. Por um breve instante, o coração de Elene palpitou forte ao ver o marido. Mas ela rapidamente negou a ansiedade pela companhia de Geoffrey assim que percebeu as implicações da presença dele ali dentro.

— O que está fazendo? — ela gritou.

— Irei dormir aqui, Elene.

Elene se sentou. Embora vestida, segurou a manta na altura do queixo enquanto os dedos seguravam o punhal com mais firmeza. Logo tudo ficou claro: ele a trouxera para consumar o casamento, pois ali só os que estavam ao redor do fogo poderiam ouvi-la gritar. Qual deles viria em seu socorro?

— Saia, De Burgh! Procure outra tenda! — Ele deu um profundo suspiro na escuridão.

— Só temos esta tenda, Elene. Estou cansado e dormirei aqui. Se não deseja minha companhia, está livre para procurar outro lugar! — Elene ouviu o cansaço na voz dele, o som irritado que revelava que era apenas um homem, não um santo. Relaxando um pouco, ela moveu sua cama mais para um dos lados da tenda.

— Fique longe de mim, De Burgh! Se pensar em fazer qualquer coisa que não for dormir, prepare-se para morrer — ela alertou. Ele bufou.

— Claro, Elene, podendo usar a cama confortável de nosso quarto, cavalguei quilômetros desde o castelo só para me deitar com você no chão frio.

Ela ouviu os ruídos que ele fazia enquanto se acomodava.

Ficou abalada com o comentário sarcástico. Era claro que ele não a queria! Mas tinha de se proteger mesmo assim. Elene tentou não pensar no corpo que estava tão próximo ao dela. Sentiu a boca repentinamente seca enquanto o imaginava, viril e quente.

— Não estou brincando, De Burgh — ela sussurrou. — Corto sua garganta se fizer qualquer movimento.

— Se não ficar quieta, eu a farei calar a boca! — ele avisou.

— E como pretende fazer isso? — ela perguntou, cheia de desprezo.

— Com um beijo.

Elene ficou atônita com aquela ameaça, mas em vez de choque ou horror sentiu um calor invadir seu corpo aos poucos. Entreabriu os lábios para amaldiçoá-lo, mas desistiu, pois não queria testar a paciência dele e não confiava em si mesma.

SEU PAI morrera por causa daquele castelo velho e feio? Era maior que o deles e mais fortificado, no entanto era frio, sem graça e desagradável aos olhos.

— Que lugar horrível! — ela gritou. — Estou surpresa por ainda não ter caído na cabeça do Lobo! — Ela riu alto, para o caso de Geoffrey também ambicionar aquele lugar.

— Comporte-se, Elene — ele disse num tom suave.

Rapidamente, Elene percebeu que o santo estava de volta e franziu a testa, pois parte dela preferia o Geoffrey da noite anterior, de língua afiada, mais humano.

Lambendo os lábios secos, Elene olhou feroz para o marido, com se para desfazer aquela fascinação. Embora aliviada com a perspectiva de um abrigo decente e uma cama macia, Elene não queria ficar em Wessex, e não pretendia voltar ali novamente. Visitantes indesejáveis costumavam ser convidados a partir mais cedo, ela refletiu, um sorriso curvando seus lábios bem no instante em que o próprio Lobo cavalgava até eles para cumprimentá-los.

Ficou surpreso ao vê-la, mas soube disfarçar muito bem. O desagrado era aparente, mas Elene sabia lidar muito bem com aquilo. Baixando o queixo, encarou-o com hostilidade, até o Lobo desviar os olhos, desconfortável. Com um grito brusco de boas-vindas ao irmão, acompanhou-os até a casa.

O salão era enorme comparado ao de seu castelo, e Elene ficou atônita. Pessoas andavam de um lado para o outro, por vezes parando para observar os visitantes. Toda aquela curiosidade a deixou desconfortável, mas ela pôs tal

sensação de lado. Será que sabiam quem ela era? Caso contrário, saberiam dentro em breve!

Uma mulher saiu do pequeno grupo que se formava, e Elene a observou com interesse. Era pequena, e cachos escuros saltavam do adorno de cabelo que combinava com o mais belo vestido que Elene já vira. Era de um azul brilhante, entremeado com fios de ouro, lembrando as finas roupas de seu pai. Elene reprimiu uma ponta de inveja. Não precisava de tecidos bonitos e ornamentos caros.

Enquanto Elene observava, o Lobo se aproximou da mulher e a envolveu com um dos braços, uma expressão de posse no rosto. Piscando surpresa, Elene sentiu admiração pela dama, que nem mesmo se encolheu com a proximidade daquele bruto. Na verdade, olhava-o com verdadeira adoração.

Devia ser a amante, Elene pensou.

Como se lesse sua mente, a mulher pequena e elegante falou.

— Seja bem-vinda a nosso lar, lady De Burgh. Sou lady Wessex, mas já que somos irmãs agora, chame-me de Marion. — Ela sorriu, revelando os bonitos dentes brancos e exibindo covinhas nas bochechas.

Ela era a esposa! E se utilizava dos mesmos artifícios que Geoffrey. Mas Elene tinha prática em afastar demonstrações de falsa amizade e sabia muito bem que não era bem-vinda. Baixando a cabeça, cuspiu aos pés da mulher. O salão ficou em silêncio. Então o Lobo se adiantou, como se fosse atacá-la, mas foi impedido pela pequena mão da esposa que lhe tocava o braço. A mulher era muito corajosa! Sem dúvida, o Lobo bateria nela mais tarde, por causa daquela insolência. Era uma pobre coitada.

Embora não tivesse feito outro movimento contra ela, o Lobo resmungou seu descontentamento.

— Comporte-se em minha casa, Fitzhugh, ou se arrependerá do dia em que cruzou essas portas.

— É De Burgh agora, Dunstan — Geoffrey disse com suavidade. — Lady de Burgh. Com sua habitual habilidade, o marido tinha se colocado entre ela e o irmão. Sem dúvida, pretendia proteger o irmão de sua língua ferina e de seu punhal mais afiado ainda, pensou, aborrecida.

— Tenho certeza de que Elene pretende se comportar civilizadamente — Geoffrey disse, fitando-a com uma expressão irritada.

Elene o encarou por um instante, surpresa por se sentir magoada com a reprimenda. Franziu a testa e sustentou o olhar dele, os dedos segurando o punhal.

Só Marion ainda mantinha a compostura.

— Venha — a dama disse, obviamente tentando salvar a situação. — Deve conhecer o mais novo membro de nossa família! Gostaria de ver o bebê? — Ela fixou os olhos grandes como os de uma corça em Elene, como se implorasse por paz, mas ela tratou de ignorar o pedido.

— Não acho que... — o Lobo começou a falar, visivelmente contrafeito por apresentar seu filho ao inimigo. Achando a situação divertida, Elene se preparou para zombar do herdeiro, mas Geoffrey interveio antes que pudesse falar:

— Eu adoraria, mas primeiro gostaria de acomodar Elene no quarto. — Talvez devesse desarmar sua esposa também — disse o Lobo, observando o punhal.

Elene fitou Geoffrey, desalentada. Esperava ser banida, mas não perder sua arma. Os olhos escuros encontraram os dela, e por um instante ela podia jurar ter visto tristeza. Ou seria um pedido de desculpas? Será que pretendia tomar o partido dela contra seu irmão e suserano? Ah! Elene não acreditava que ele chegasse a tanto.

Quando o silêncio começou a se tornar desconfortável, o Lobo falou novamente, incitando Geoffrey:

— O pai dela quase me matou neste salão. Não quero que a filha cause danos às pessoas que vivem aqui.

Contente com a cautela do grande guerreiro, Elene riu alto.

— Está com medo de mim, uma pobre mulher? — Ela esperava atormentar o Lobo a ponto de ser expulsa dali, mas ele foi novamente contido pela esposa. Elene piscou. Como aquela Marion podia controlar um valente cavaleiro que era duas vezes maior que ela? Irritada com a interferência dela, Elene ia zombar do Lobo novamente, mas Geoffrey se voltou para ela, decidido, segurando-lhe a língua com uma expressão furiosa.

Elene quase recuou. Ele lembrava o irmão, e ela se repreendeu por esquecer que era um De Burgh também. Não era um santo, só um homem que não pararia por nada até obter o que queria. Como se para provar o que pensava, usou um tom de suave ameaça que raramente usava.

— Entregue-me a arma, Elene.

Depois de muito esbravejar e gritar injúrias, Elene não teve outra alternativa senão se desarmar, entregando inclusive os punhais que escondia por baixo das roupas.

— Se nos dão licença — Geoffrey disse, e embora o Lobo tivesse o cenho franzido, Marion assentiu amavelmente.

— É o mesmo quarto onde ficou antes, Geoffrey — ela disse enquanto se afastavam, e Elene a encarou. Não gostou de ouvir o nome do marido vindo dos lábios daquela mulher, ou do sorriso constante dela.

Mas tinha preocupações maiores agora: estava presa em Wessex, sem qualquer arma. A gravidade da situação fez as mãos de Elene tremerem. Sentia-se desorientada naquele lugar estranho, com pessoas aparecendo em todos os corredores e sussurrando sobre ela. Procurou o punhal, mas, não sentindo nada, apenas segurou o cinto vazio. As escuras paredes de pedra pareciam frias e assustadoras, e ela se sentia vulnerável, sem nada para protegê-la.

Talvez aquele fosse o plano de Geoffrey! Ele sabia que os sorrisos e olhares gentis não passavam de um ardil que praticara com muitas donzelas. Agora que estava indefesa, poderia fazer o que bem entendesse com ela. Até jogá-la no calabouço!

Quando começaram a subir os degraus, os olhos de Elene se iluminaram ao ver a espada de Geoffrey, balançando a cada movimento das longas pernas. Baixando a cabeça, ela deixou o cabelo esconder seu rosto enquanto se deixava ficar um passo atrás dele. Lambendo os lábios secos, Elene desviou o olhar dos músculos firmes de Geoffrey e se concentrou no punho da arma que estava bem ao seu alcance. O marido era inteligente e ágil, mas ela também sabia agir com rapidez.

A surpresa era uma arma poderosa, na verdade.

Capítulo Sete



GEOFFREY MARCHOU escada acima, os passos ruidosos revelando sua agitação. Não deveria ter vindo! Ficara habituado com o mau temperamento da esposa nos últimos meses, mas agora a via como realmente era: um monstro maléfico, mordaz e ingrato.

Em resumo, sua esposa era tudo que abominava.

Irritado, abriu a porta de seu antigo quarto, e Elene passou por ele correndo. O que estaria planejando agora? Fechou a porta depressa para garantir que tivessem privacidade antes que ela começasse a gritar com ele. Seu comportamento no salão já fora ruim o suficiente. Aliviado por estar com ela dentro do quarto agora, Geoffrey a fitou, e ficou paralisado.

Ela empunhava sua espada.

Parada a alguns passos de distância, as pernas separadas na tradicional postura de lutador, Elene segurava a espada no ar com impressionante facilidade, apontando-a para seu peito. Baixando a cabeça, ela o encarou com ferocidade.

— Entregue-me os punhais, De Burgh.

O coração de Geoffrey palpitava, mas não de medo. Mesmo que tentasse negar, achava excitante sua coragem e seu espírito indomável... A loucura o estava dominando novamente! Geoffrey limpou a garganta.

— Quer me matar na casa do meu irmão? Deseja a morte, Elene?

— Talvez — ela respondeu. — Prefiro morrer a ficar desarmada.

Não eram as palavras, mas a vulnerabilidade que Geoffrey pensou entrever nos olhos âmbar que o tocaram. Não queria tomar os punhais, mas precisara atender ao pedido do irmão. Afinal, estava na casa de Dunstan. Além disso, sentia-se furioso com ela, por embaraçá-lo na frente de todo o salão. Deveria ter esperado algo do tipo, mas ela se mostrara tão mais calma ultimamente que ele esperava... Elene nunca mudaria! Era uma selvagem que nenhuma dose de gentileza seria capaz de domar.

Os últimos vestígios de raiva de Geoffrey se foram, deixando apenas um vago desapontamento no lugar. Como seus irmãos costumavam dizer, não conseguia guardar ressentimento por muito tempo, e isso não era exceção com relação à

esposa. Por mais barulhenta e detestável que fosse, Elene nunca fizera nada para feri-lo. Nem esperava que ela fizesse algo além de suas usuais ameaças.

Geoffrey a olhou de cima a baixo, observando a tensão nos braços esticados e no rosto. Ele recuperaria a espada facilmente, mas Elene poderia se machucar. Além disso, algo que não entendia bem lhe alertava que era melhor não a subjulgar. Afinal, de que adiantaria, se só provaria que era mais forte que ela?

— Está bem — Geoffrey disse com gentileza, vendo-a baixar os ombros ligeiramente. Aparentemente, a espada era pesada demais para ela. Tirando as armas da bolsa que levava na cintura, Geoffrey as entregou pelo cabo e observou sua espada retinir no chão.

— Não use seu punhal favorito na cintura enquanto estiver aqui — Geoffrey a aconselhou, enquanto se abaixava para pegar a espada. — Se Dunstan descobrir que está armada, será um inferno.

Ela assentiu, furtivamente, por trás da nuvem de cabelos, enquanto segurava as facas contra o peito. Geoffrey teve vontade de se aproximar dela. Parecia sozinha e indefesa, uma criatura assustada que buscava conforto no aço frio. Sentiu-se arrependido por tê-la obrigado a vir ao lugar onde seu pai morrera, lar de um homem que a desprezava abertamente. Sem pensar, Geoffrey se aproximou, com a mão estendida, mas ela imediatamente se afastou, baixando o queixo e encarando-o.

— Vou escondê-los, mas não pense que gosto de estar aqui. Disse para não me trazer para cá! Eu avisei, De Burgh!

Geoffrey suspirou ao sentir os primeiros sinais de dor de cabeça nas têmporas. Recolocando a espada na bainha, olhou triste para a criatura que agora praguejava feito uma megera. Como pudera pensar que era vulnerável? Ele balançou a cabeça.

Estava louco, pensou, enquanto dava as costas e a deixava com suas armas e seu ódio.

ELENE PASSOU as horas antes do jantar andando de um lado para o outro no quarto estreito.

Fora fácil demais. Será que Geoffrey tinha algum outro motivo para lhe entregar as armas? Talvez só gostasse de desafiar o irmão, Elene refletiu, mas meneou a cabeça rapidamente, certa de que o santo não seria tão infantil.

Talvez não houvesse plano algum.

Talvez Geoffrey só tivesse vindo ver o filho do irmão e a trouxera porque... não confiava em deixá-la sozinha em casa. Elene tentou pensar num modo de

injuriá-lo por isso, mas não conseguia. Estava cansada, mental e fisicamente, mas sabia que não podia ceder à exaustão. Precisava ficar alerta. Devia existir alguma coisa que não conseguia enxergar, alguma trama que ainda não estivesse clara.

Cansada, Elene afundou o rosto nas mãos, mas uma batida na porta a fez se levantar. Nem bem se ergueu, a porta de carvalho foi aberta e Geoffrey entrou, parecendo tão bem-disposto como sempre, os ombros largos cobertos por uma túnica verde que o tornava tão misterioso e atraente quanto uma floresta.

As pontas do cabelo estavam úmidas. Era óbvio que havia se banhado e se trocado, e Elene ficou ressentida por não fazer o mesmo. Ninguém lhe oferecera tal conforto, porque não esperavam que ela o quisesse. Parecia justo, pensou, alisando a áspera lã marrom de sua saia, já que tinha de manter sua reputação.

Elene viu que ele a aguardava, os olhos castanhos tão atraentes que por um instante quase se rendeu ao encanto deles. Mas endireitou os ombros, respirou fundo e passou por ele, lembrando-se de que era um homem e que, portanto, não merecia sua confiança.

Ela marchou escada abaixo em direção ao grande salão, repleto de pessoas, fazendo-a sentir-se mais deslocada que nunca. Sentiu o aroma maravilhoso da comida quando Geoffrey a levou até a mesa do senhor do castelo. Os criados se apressaram em lhes servir o pão quente, fazendo-a sentir-se duplamente inadequada. Jamais compartilhara comida com ele, como era o costume. Quando Geoffrey se sentou ao seu lado, sentiu-se oprimida pelo corpo alto e se afastou um pouco no banco.

Mesmo assim, a coxa musculosa parecia muito próxima e os ombros largos se movimentavam próximos demais a ela. Encolhendo-se, Elene deixou o cabelo cair no rosto e observou o lugar, procurando por uma distração entre os vários habitantes de Wessex. Observando silenciosa, notou algo estranho em todos eles, e o mistério manteve seus pensamentos ocupados até fazerem-na piscar de surpresa. Todos pareciam felizes. Inclusive com o senhor e a senhora do castelo.

Isso era o mais surpreendente de tudo, pois quando seu pai dava ordens, todos se encolhiam de medo, temendo chamar sua atenção. Fora um senhor implacável, mas o Lobo, que era muito maior e mais feroz, parecia inspirar confiança, não medo.

— Elene. — A voz suave de Geoffrey a surpreendeu, e ela se voltou, como se para rechaçá-lo, mas ele apenas apontou para o pão que tinha cortado ao meio, empurrando um pedaço na direção dela. A carne parecia saborosa, e ela procurou pela faca, esquecendo que não estava na cintura.

Antes que pudesse reclamar, Geoffrey se adiantou e cortou sua comida em grandes pedaços. Ele trabalhava em silêncio, sem fazer comentários, e Elene ficou observando os movimentos graciosos das mãos grandes antes de desviar sua atenção, facilmente atraída pelo senhor e pela senhora.

Eles também dividiam um único pão, e enquanto Elene observava surpresa, o Lobo cortou um pequeno pedaço de pombo e o ofereceu à esposa com a mão. E Marion não recuava, mas mordiscava com deleite, chegando a lamber os dedos dele com um sorriso.

Elene prendeu a respiração. Nunca vira uma coisa assim. Era repulsivo, disse a si mesma, mas... Ela olhou discretamente para a mão de Geoffrey, grande e gentil, os dedos longos e fortes. Sentindo-se um pouco sufocada, Elene se curvou, os cabelos quase dentro do prato. Ela se escondeu do mundo, e escondia o mundo de si mesma. E comeu, observando a todos com cautela por trás dos cabelos.

A esposa do Lobo tentou incluí-la na conversa várias vezes, mas Elene só respondia com grunhidos. Odiava aquele lugar, onde as pessoas eram alegres e estranhas e onde a ameaça de tudo o que lhe era desconhecido a pressionava até deixá-la com dificuldade para respirar. Queria segurar seu punhal nas mãos! E expressou seu descontentamento murmurando imprecações sobre a comida.

Mas Marion não parecia ofendida. Apenas sorria, de uma maneira gentil que revelava compreensão, deixando Elene sem jeito. Como aquela criatura que parecia tão doce se tornara esposa do Lobo? Antes de chegar, Elene imaginara uma mulher bruta e assustadora, como De Burgh. Alguém como ela mesma? Elene afastou o pensamento lúgubre enquanto considerava a pequena Marion. Era óbvio que a mulher não era tão inofensiva quanto parecia. Do contrário, como conseguiria conter a cólera do marido com apenas um toque?

Aquilo era estranho. O mais estranho, entretanto, era que Marion parecia feliz. Elene meneou a cabeça. Talvez a mulher fosse ingênua, pois Elene não conhecia outras que se dissessem felizes. A existência de uma mulher era árdua, desde o nascimento até a morte. Mesmo assim, Marion conversava agradavelmente, falando entusiasmada sobre o bebê, os olhos iluminados de curiosidade e alegria. Na verdade, agia como se a criança fosse uma bênção, não um fardo pelo qual quase morrera para trazer ao mundo.

Claro, era um menino. Talvez isso fizesse a diferença. A mãe de Elene nunca tivera o filho que seu pai tanto desejava, e enfraquecera a cada gravidez, até ficar tão doente que o marido a expulsara do quarto. Ela havia dividido o quarto menor com Elene, mas ainda assim Fitzhugh, às vezes, aparecia no quarto na

esperança de ter um filho, e mandava Elene sair enquanto ele... Elene estremeceu. Uma vez aguardara do lado de fora, ouvindo os grunhidos de seu pai e os fracos lamentos da mãe. Ela ficara agachada ali, sabendo que devia fazer algo para proteger a mãe, que devia ser brava e forte e...

O toque de algo em seu ombro fez Elene recuar, procurando pelo punhal que não tinha, e praguejar em voz alta. Por um instante, ela pensou estar vendo o pai, mas quando afastou o cabelo viu um pequeno criado, amedrontado e intrigado.

— Só queria pegar o pão, milady.

Geoffrey o entregou ao garoto, com um suspiro irritado. Ouvindo aquilo, Elene quis empurrá-lo do banco, mas, sentindo a presença reconfortante do punhal preso na perna, desviou o olhar.

— Sinto muito se o garoto a assustou — Marion disse, gentil. — A comida que sobra é distribuída para os famintos que aguardam nos portões.

— Meu povo sofreu muito com guerras e disputas — o Lobo acrescentou, dirigindo o olhar para Elene.

— Mas as coisas estão melhorando — Marion retrucou rapidamente. — Agora, o Lobo não precisa mais se ausentar de seu lar. — Ela sorriu para ele, e o rosto sério se suavizou.

Como ela fazia aquilo?, Elene se perguntava, espantada.

— Mas agora que você já teve nosso filho e está bem, posso viajar caso seja necessário — disse o Lobo.

Marion franziu a testa, e Elene percebeu um ar de determinação na mulher.

— Mas haverá outros bebês — ela protestou.

— Não! — O berro do Lobo assustou Elene, que se manteve firme diante da vontade de se encolher. — Você sofreu muito — ele acrescentou, em tom áspero. O Lobo realmente se preocupava com o bem-estar da esposa? Elene os fitava, estarrecida.

— Tolice! — Marion disse com firmeza. — Foi fácil...

— *Fácil?* — O Lobo afastou a cadeira. — Um dia e meio de dor é fácil?

— O primeiro filho é sempre um pouco mais difícil, mas os próximos serão... — O Lobo se ergueu.

— Já disse que não teremos mais filhos!

Elene se inclinou para a frente, os dedos procurando pelo punhal na bota. Será que o Lobo mataria a esposa no próprio salão? Embora Elene não tivesse qualquer afeição por Marion, não podia deixar uma mulher morrer. Ela segurou o cabo da arma no mesmo instante em que Marion se levantou.

— Teremos mais filhos! — ela disse. Então, avançou para o Lobo, colocando um dedo no peito musculoso. — Se acha que não posso fazê-lo mudar de ideia, espere até chegarmos a nosso quarto!

O desafio impregnava o ar; a ameaça, certamente, significaria sua morte. Mas, para surpresa de Elene, quase ninguém na mesa prestava atenção. Na verdade, um homem gordo continuava comendo, como se nada ocorresse. Elene piscou, preocupada, então fitou novamente o Lobo, ouvindo-o rosnar alguma coisa e segurar a esposa pelos braços.

Agora ela seria morta! Ninguém se importava? Enquanto Elene olhava horrorizada, o Lobo simplesmente beijou a esposa na frente de todos. E, o mais surpreendente, Marion não lutou para escapar, mas deslizou os braços pelos ombros fortes, como se para puxá-lo para mais perto. Elene olhava fascinada enquanto o Lobo parecia devorar a esposa, a boca cobrindo a dela quase com violência. Elene nunca imaginou algo como aquilo, e enquanto se perguntava se o objetivo dele era acalmar a esposa, os dois se separaram, sorrindo de maneira idiota um para o outro.

— Talvez seja melhor terminar esta conversa no quarto — o Lobo disse, feliz.

A esposa assentiu, e então eles se voltaram para os presentes e pediram licença antes de se retirar. Mas Marion, em vez de parecer aterrorizada com a ideia, estava corada e ansiosa. *Ansiosa?*

Elene sacudiu a cabeça. Eles deviam ser loucos para agir daquele jeito. Mesmo assim... Subitamente, ela se lembrou de quando Geoffrey a beijara. Será que ela podia beijar daquela maneira? Remexendo-se inquieta no banco, Elene disse a si mesma que o seu sangue corria depressa por causa da situação inusitada que testemunhara. Não tinha relação com o marido ou os pensamentos carnais contra os quais Edred sempre a alertava.

Com a mente confusa, Elene quase pulou de susto quando ouviu Geoffrey limpar a garganta.

— Bem, está tarde. Foi um dia longo, e quero descansar também. Elene? — Ele estendeu a mão para ela, e por um longo instante ela o olhou com desdém. Se ele imaginava que se comportaria como aquela mulher louca, estava terrivelmente enganado.

— Não estou cansada. — Geoffrey suspirou.

— No entanto, eu estou. Prefiro que venha comigo a deixá-la aterrorizando os criados.

Não tivera a intenção de assustar o garoto. Mas isso não tinha importância. Era uma Fitzhugh, e podia amedrontar quem quisesse.

— Elene — Geoffrey disse, provocando-a. Ele tinha aquela expressão de sofrimento no rosto, o que significava que ficaria ali a noite inteira se preciso, com a mão estendida, esperando.

— Oh, está bem — ela exclamou. Ignorando a mão, passou por ele em direção às escadas. Caminhando com raiva até chegar ao quarto, percebeu o quanto o cômodo era pequeno. Então, apoiou-se na parede, olhando Geoffrey com ar de advertência.

— Precisará de mais cobertores para arrumar sua cama no chão.

— Elene — ele disse, fechando a porta —, não há espaço suficiente. Dormirei na cama.

O pânico tomou conta de seu corpo, mas Elene permaneceu firme. Abaixando-se, ela puxou o punhal da bota e o apontou para ele, triunfante.

— Acho que não. — Geoffrey ficou parado quando viu a lâmina.

— Dormirei na cama — ele repetiu. — Durma onde quiser. Se quiser deitar com os pés dentro da lareira, fique à vontade. Ou prefere abrir o baú e se enroscar lá dentro? Eu não conseguiria, *porque sou muito alto* — ele acrescentou, sem erguer a voz. Então, ignorando a postura ameaçadora, andou até o outro lado do quarto e se sentou. Enquanto Elene observava com desalento, ele tirou as botas e a espada e deitou-se no colchão, completamente vestido, os braços sob a cabeça na pose arrogante que tanto a incomodava.

— Vá em frente. Corte minha garganta — ele murmurou. — Estou tão cansado que nem notarei. — Então, para fúria dela, fechou os olhos.

Elene ficou parada fitando-o por um longo tempo, até finalmente largar a arma. Sentia-se tola brandindo o punhal contra um homem que dormia. E, pelo som da respiração, o marido estava realmente dormindo, totalmente esquecido de sua presença.

Elene piscou. Não estava acostumada com aquilo. Fitou-o novamente, sem saber o que fazer, mas certa de que não deitaria na cama com ele. Franzindo a testa, avaliou o chão e percebeu que não poderia dormir ali. Então andou até onde estava o baú. Talvez Geoffrey estivesse certo e pudesse se deitar lá dentro.

Ressentida, fitou Geoffrey sob a luz da lareira, o leve movimento do peito revelando o sono tranquilo. Observando-o, Elene teve a sensação de que algo tinha mudado entre eles de maneira inalterável, uma balança de poder que ela não recuperaria.

De alguma maneira, sem que ela percebesse, o santo havia vencido a Fitzhugh. O que faria agora?

ELENE SE mexeu desconfortavelmente e bateu com a cabeça em algo de madeira. Sentando-se ereta, viu que estava com as pernas e um dos braços apoiado em algo estranho. Estava em um baú? Balançando a cabeça para clarear os pensamentos, Elene se arrependeu imediatamente porque o movimento fez seu pescoço doer.

Gemendo, ela tentou sair de sua prisão, mas caiu, porque não tinha força nas pernas. Respirando fundo, apoiou as mãos nas beiradas e lutou para sair, sentindo dor em cada músculo do corpo. Ofegante, jogou-se na cama, cuja maciez parecia zombar de suas cãibras. Por um momento, simplesmente se deixou ficar ali, mas uma lenta onda de raiva a dominou.

Ela devia ter cortado a garganta dele!

Piscando contra a luz do sol que entrava pelas venezianas da janela, percebeu que já era manhã alta. Nunca se levantara tão tarde! Devia ter cedido ao cansaço antes do amanhecer, ignorando o desconforto de seu leito e o vento frio que entrava pela janela.

Embora desejasse um bom banho, Elene jogou os cabelos para trás, recusando-se a escová-los ou a trocar suas roupas amassadas. Agora, mais do que nunca, estava determinada a deixar aquele lugar, mas não conseguiria isso se agisse de maneira agradável. Olhando irritada para a pilha de roupas de Geoffrey, fechou o baú com estrondo e foi até a porta.

Descendo as escadas, ficou ainda mais zangada ao perceber que havia perdido a refeição da manhã. Será que teria de passar fome até a hora da ceia? Abrindo a boca para praguejar em voz alta, logo a fechou quando o som de risos chegou a seus ouvidos. Ela parou para escutar, atraída pelo tom musical que lhe era familiar, e, mesmo assim, completamente novo e encantador.

Era a voz de Geoffrey.

O riso profundo e gentil agiu nela como um tônico, uma doce infusão de... algo que a arrebatava, diluindo sua raiva e deixando seu coração mais leve. Sua irritação se desfez quando percebeu que raramente o ouvia rir. Momentaneamente esquecida de seu objetivo, Elene procurou pela figura do marido, que estava no salão, apoiado na mesa, de costas para ela.

Aproximando-se, Elene já quase o alcançava quando percebeu que ele não estava sozinho. Claro que não estaria rindo sozinho, ela refletiu, desalentada ao ver quem estava com ele. Bem ao lado de Geoffrey, Marion o presenteava com um lindo sorriso, mas o Lobo não estava por perto.

Elene sentiu uma estranha dor ao ver Marion tão à vontade com seu marido, fazendo-o sorrir. Enquanto observava, eles conversavam aos sussurros, e Elene o

viu se reclinar na cadeira, as feições relaxadas, coisa que nunca vira antes. Sua garganta se estreitou, deixando-a com dificuldade para respirar. E pensar que desejara salvar a vida daquela mulher! Os olhos de Elene se estreitaram enquanto o mistério sobre a esposa do Lobo se desfazia.

Marion era uma meretriz.

Elene ouvira falar de tais mulheres, pois Edred sempre alertava sobre elas. Provavelmente, tinha usado de malícia para atrair o Lobo, pois os homens sempre gostavam daquelas que se contentavam com suas atenções. Mas por que agora flertava com Geoffrey? Queria causar uma disputa entre os dois irmãos, ou alimentar seus próprios desejos distorcidos?

Bem, isso não lhe dizia respeito, Elene pensou, embora sentisse um gosto amargo na boca que não poderia ser facilmente explicado. Os votos de Geoffrey nada representavam e ela não o prenderia a eles. Mas, enquanto pensava isso, Elene viu Marion apoiar uma de suas mãos no braço de Geoffrey.

De repente, querendo ou não, o lado Fitzhugh de Elene tomou vida.

— Vadia! Tire suas mãos de meu marido! — ela gritou, e continuou a berrar suas piores injúrias enquanto Marion se retraía, com olhos arregalados. Mas, antes que pudesse chegar perto da mulher, Geoffrey se colocou entre elas. Com um rápido movimento, ergueu Elene e a jogou sobre o ombro como um saco de grãos. Ficando sem ar, Elene não pôde falar enquanto ele se virava, fazendo seu corpo já dolorido bater contra as costas masculinas.

— Se me permite, Marion, preciso falar com minha esposa. Em particular — ele disse, a voz com um tom de raiva que Elene nunca o vira usar antes.

Ela piscou, ainda sem fôlego, enquanto o chão deslizava rapidamente ante seus olhos. Toda a vontade que tinha de matar Marion fora agora revertida para o odiado marido. Resoluta, Elene tentou se mexer, mas os punhais estavam sob suas saias, bem presas pelos braços fortes de Geoffrey. Quando tentou se erguer, ele a fez voltar ao lugar com um simples movimento da mão, e Elene caiu novamente, a garganta repentinamente seca.

Ele foi diretamente para o quarto, e Elene entrou em pânico ao se lembrar da força dele. Mais uma vez, o santo que conhecia fora substituído por um feroz guerreiro, um De Burgh. Agora passara dos limites.

Geoffrey estava furioso.

Capítulo Oito



GEOFFREY SUBIU as escadas sem nem mesmo olhar para a bagagem que carregava no ombro. Ela conseguira, finalmente. Por meses vinha aceitando aquele comportamento abominável, a língua ferina e as ameaças insensatas, mas não admitiria mais. Abrindo a porta do quarto com estrondoso chute, indiferente a quem pudesse ouvir, colocou seu fardo esperneante sobre a cama. Ela caiu num emaranhado de braços, pernas e cabelos, cuspindo e sibilando feito um felino enjaulado.

Fitando-a, Geoffrey descobriu que sua costumeira eloquência o havia abandonado, pois não conseguia pensar em palavras que pudessem expressar a fúria e o desgosto que sentia pela mulher com quem casara. Abriu a boca, mas só conseguiu emitir um ruído grave muito semelhante a um dos rosnados de Dunstan.

Céus, não podia agir como o irmão! Limpando a garganta, Geoffrey tentou novamente, mantendo a voz o mais baixo e estável que podia:

— Não me importo com a maneira com que me trata, Elene, mas jamais tente machucar Marion. Ela é uma mulher inocente, bondosa, carinhosa e gentil. — Tudo o que você não é, Geoffrey pensou, enquanto observava a expressão rebelde da esposa. Era óbvio que seu aviso surtia pouco efeito.

Praguejando, ele se virou. Não sabia o que o enfurecia mais: que Elene tivesse atacado Marion ou que Marion tivesse visto o pior lado de sua esposa. Sentiu as bochechas arderem ao pensar que Marion tinha descoberto a dolorosa verdade que envolvia seu casamento. Não se importava com o que os irmãos pensavam, pois nunca souberam de seus anseios secretos nem entenderiam seu desejo de amor. Mas Marion era perceptiva, por isso não suportaria sua expressão de pena. Cerrou os punhos, desejando bater em algo, qualquer coisa que servisse para desabafar sua frustração! Então ficou paralisado ao perceber o que a esposa lhe fizera.

Ele havia perdido a cabeça.

Geoffrey respirou fundo, irritado. Sempre se orgulhara de ser diferente dos irmãos. Era o filho bem-educado. O próprio Campion tinha dito que era o filho

mais parecido com ele. Sua conversa não era entremeada por resmungos, grunhidos ou insultos de bêbados, nem era o tipo de guerreiro sanguinário que sentia prazer em batalhas. Mas, agora, o que mais queria era agarrar a esposa pelos cabelos e...

— Faço o que quero. E se eu não gostar do que sua amante...

Ao ouvir a voz dela, Geoffrey se voltou, interrompendo definitivamente o discurso desafiador. Infelizmente, ela mantinha a postura rebelde, pois estava ajoelhada sobre a cama com o punhal apontado para ele. Novamente. Quantas vezes já fora ameaçado com aquilo? Sempre a ignorava, porque ela parecia precisar daquelas armas, mas não seria assim desta vez. Com um movimento ágil, Geoffrey arrebatou a faca de sua mão e segurou o pulso fino com firmeza.

— Marion não é minha amante — ele disse, deliberadamente se inclinando sobre ela. — Marion é minha irmã. Sei que você distorce tudo o que vê à sua volta, mas não tente transformar Marion em algo ruim. Ela é uma pessoa boa, a melhor coisa que já aconteceu à minha família. E antes que o dia acabe, você irá se desculpar por seu comportamento execrável.

Os olhos âmbar de Elene se arregalaram, como se aterrorizados, e Geoffrey a soltou de maneira violenta. Aborrecido consigo mesmo, deixou-se afundar na beirada da cama e apoiou a cabeça nas mãos. Estava agindo como ela, e com sua admirável imaginação podia ver ambos brigando feito cães até o fim de seus dias.

— Jamais me toque novamente, De Burgh!

Com estas palavras, Geoffrey ergueu a cabeça. Devia estar sonhando, concluiu, pois não havia outra razão para sentir uma lâmina apoiada em suas costas. Nenhuma mulher em juízo perfeito o ameaçaria novamente, logo quando estava prestes a explodir de raiva. Geoffrey se ergueu lentamente, virou-se mais devagar ainda e a encarou. Ela estava novamente de joelhos, oscilando sobre o colchão macio, com o outro punhal na mão.

— Não se aproxime — ela avisou.

Com a agilidade conquistada com a prática, Geoffrey tomou a segunda arma com tanta facilidade quanto a primeira, dando as costas enquanto ela uivava de raiva.

— Devolva minha arma! — ela gritou, lançando-se contra ele de punhos fechados. Conseguiu arranhar seu rosto antes de ser subjugada, e a dor fez com que ele gritasse em resposta.

— Devolverei assim que deixar de agir como uma criança voluntariosa e birrenta. Quando assumirá responsabilidade por sua vida? Quando será a castelã

que devia ser e cuidará para que o castelo seja um lar de verdade? — Por um longo instante, ela simplesmente o encarou, apertando os olhos felinos, os lábios entreabertos, como se chocada. Então o rosto se contorceu numa expressão furiosa.

— Quando você sair de lá! — ela gritou, soltando as mãos com um puxão para esmurrá-lo no peito. Geoffrey deu um passo para trás para manter o equilíbrio, afastando-se um pouco dela, transtornado e furioso porque não podia fazê-la ser sensata. Aquela mulher não tinha juízo! Praguejando baixo, passou um dos dedos pelo rosto. Aquele demônio o fizera sangrar.

— Eu a tratarei como a criança que é. Receberá as palmadas que merece! — disse. Rapidamente transformando as palavras em ação, Geoffrey a segurou pela cintura, sentou-se e a puxou para seu colo. Estava irritado o suficiente para fazer isso, embora sua fúria inicial tivesse se abrandado.

Mas, ao se confrontar com a mulher que gritava e esperneava em seu colo, Geoffrey hesitou. Pousou a mão sobre a perna dela ao concentrar sua atenção nas nádegas suavemente arredondadas que o feio vestido de lã não conseguia ocultar. A irritação foi sendo dissolvida por um calor atiçado pela visão daquele corpo irrequieto.

— Fique quieta — ele disse, mas sua voz não passava de um rouco sussurro que mal podia ser ouvido por causa das batidas de seu coração.

Elene não lhe deu atenção, então ele usou a mão para segurá-la, mas quando sentiu a doce suavidade daquelas curvas, respirou fundo. Sua fúria fora substituída por uma força mais perigosa e primitiva, e Geoffrey ficou angustiado ao sentir a reação física à proximidade dela.

O que estava acontecendo? Havia caído tanto a ponto de se sentir atraído por aquela mulher? Seria o tipo de homem que se excitava com violência? Horrorizado, Geoffrey a soltou, e Elene imediatamente se virou para encará-lo. Agora, estava sentada em seu colo, as nádegas pressionando suavemente sua masculinidade. Ele a fitou, seu sangue fazendo algo dentro dele disparar.

Quando ela abriu a boca para gritar com ele, Geoffrey a tomou com a sua, a tentativa se transformando em um gesto quente e desesperado. De repente, a raiva e o desgosto foram vencidos por uma onda de desejo que ele desconhecia. Queria, precisava. Aquela vontade brutal o consumia, e sabia que, com um instinto muito maior que seu intelecto, somente aquela criatura selvagem poderia saciá-lo.

A língua abriu passagem entre os lábios para saboreá-la, e ele se sentiu extasiado de triunfo ao sentir o calor úmido. Segurando-a, levou a mão à nuca

para prendê-la, mas ela não ofereceu resistência. Os punhos que deveriam esmurrá-lo se abriram e as mãos deslizaram peito acima para cingi-lo pelo pescoço. Gemendo em um som profundo que nem ele reconhecia, Geoffrey se virou e a deitou sobre a cama.

— Elene, querida, me beije. — Ele a encorajava aos sussurros, boca contra boca, enquanto se deitava sobre ela, pressionando-a contra o colchão. Suspirou quando ela usou os próprios lábios em resposta. Tudo que se interpunha entre eles não era nada, comparado ao doce encontro de seus corpos. Geoffrey gemeu novamente ao sentir-lhe os seios contra o peito. Tudo estava além de seu controle, inclusive a reação em sua virilha. Nunca ficara excitado tão rápido. Ele se aconchegou mais a ela, pressionando sua masculinidade contra o espaço macio entre as pernas de Elene, insatisfeito com a roupa que os separava. Nunca em sua vida seu corpo exigira um alívio tão premente, tão desesperado. Seus encontros costumavam ser demorados, galantes, pois sempre se dedicava a agradar a dama em questão tanto quanto a si mesmo. Nunca perdia a cabeça no calor do momento. Mas agora a razão parecia ter sumido diante da força destruidora de seu desejo. Segurando a mão fina que agora deslizava por seu braço, Geoffrey a guiou mais para baixo, pressionando-a contra sua rigidez.

— Toque-me, Elene — ele murmurou, sentindo a pressão de seus dedos. — Sim, oh, isso!

Fechando os olhos, Geoffrey expirou fundo com o atordoante prazer que o invadia. Mas o alívio momentâneo foi acompanhado por uma profunda rejeição. O calor que o envolvia lhe foi roubado, e o corpo feminino rolou para longe, lançando-se fora da cama.

Por um longo tempo, Geoffrey ficou ali, latejando tão violentamente que não conseguia ordenar os pensamentos. Estivera tão perto... Piscando, atônito, abriu os olhos e viu o vestido pardo e os cabelos embaraçados esvoaçando enquanto ela passava pela porta, que se fechou com estrondo, deixando-o sozinho no pequeno quarto. Estremecendo de surpresa, Geoffrey sentou-se e passou as mãos trêmulas pelos olhos.

O que havia acontecido ali? Ele balançou a cabeça, chocado com o próprio comportamento e ao compreender que fora Elene, a lendária Fitzhugh, que estivera deitada ali, docilmente correspondendo a seus beijos. E fora a mão dela que ele usara para se satisfazer com sôfrego abandono. Gemendo, Geoffrey se deitou de costas no colchão. Disse a si mesmo que Elene era uma criança com aparência de mulher, um demônio que representava tudo o que ele desprezava!

Então por que se sentia desperto de um longo sono, sua mente e seu corpo realmente vivos pela primeira vez?

Também pela primeira vez na vida, Geoffrey ignorou uma pergunta em vez de procurar uma resposta. Com a respiração ainda entrecortada, concluiu que sua falta de controle com Elene não era algo merecedor de maiores análises. Fora uma atitude causada pelo celibato e pela pressão dos últimos meses.

Embora sua honra de cavaleiro o incitasse a procurar Elene para se desculpar por seu comportamento, ele relutava em fazê-lo. Podia tê-la tratado como uma meretriz, não como esposa, mas ela o ameaçara com aquele punhal e o machucara. Geoffrey tocou o arranhão. Logo estaria curado, mas, lembrando de quem o causara, franziu a testa.

Deixando escapar um suspiro zangado, Geoffrey concluiu que não queria enfrentá-la tão cedo. Também não queria enfrentar a piedade de Marion. Era melhor procurar Dunstan. O relacionamento de ambos estava um pouco abalado desde o casamento, mas o Lobo o ajudaria a esquecer a esposa.

Ou, pelo menos, o ajudaria a lembrar por que não deveria se interessar por ela.

NEM MESMO um longo dia cavalgando pelas terras de Dunstan fora capaz de tirar Elene dos pensamentos de Geoffrey. Ele ouvia Dunstan apontar potenciais problemas e fazia uma lista de reparos a serem feitos na propriedade. Mas mesmo anotando apressado as ordens do Lobo, perguntava-se sobre Elene.

Olhando ansioso para o céu, Geoffrey tentou calcular a hora e concluiu que não deveria tê-la deixado sozinha no castelo, provocando devastação.

Quando finalmente voltaram para a ceia, Geoffrey temia pelo que encontraria, mas não havia nada de errado no salão. Marion, sorridente e calma como sempre, supervisionava os criados, mas Elene não estava à vista. Também não apareceu para comer. O Lobo ficou insatisfeito com a ausência dela, murmurando como era rude e indagando que motivos teria para não comer, como se esperasse que uma mulher sozinha fosse capaz de desarmar todo um exército.

Seu humor não era dos melhores quando abriu a porta do pequeno quarto. E ficou ainda pior ao encontrá-lo vazio. Onde ela estava? Geoffrey sentiu um frio no estômago. Será que ficara fora o dia inteiro? Será que tinha deixado Wessex? Embora soubesse que Dunstan ficaria feliz com seu desaparecimento, Geoffrey não parecia nada satisfeito. Era sua esposa e, querendo ou não, estavam unidos um ao outro. Ele se esforçava para cumprir seu papel naquela união. Por que ela não fazia o mesmo? *Porque você a atacou*.

— Não ataquei — Geoffrey sussurrou alto. Embora não tivesse exatamente cortejado a esposa, não a forçara a nada também. Lembrava das mãos dela deslizando por seu pescoço e acariciando seu braço, a língua tentando buscar a dele. Seu coração acelerou.

Mas ela havia fugido como se os cães do inferno a perseguissem. A imagem, bem diferente da costumeira postura de desafio de Elene, chamou sua atenção como se fosse uma nota fora do tom. Fazia-o sentir-se culpado por seu súbito desejo e por se preocupar com ela. Com Elene? Geoffrey deixou escapar um suspiro amargurado. Mesmo assim, sabia que ela não devia estar fazendo nada errado. Sem saber exatamente como, sabia que ela devia estar em algum lugar lambendo as próprias feridas. Mas onde? Onde Elene buscaria conforto?

Ela nunca tivera ninguém para confortá-la. Geoffrey tentou ignorar o abrupto pensamento, dizendo a si mesmo que a Fitzhugh desprezaria atenção. Era uma mulher muito rabugenta! Mas lembrava de outras facetas dela: de como era vulnerável enquanto dormia; de como era afável e submissa quando estava sob ele, como era calma e gentil com a bela égua... Ao pensar nisso, Geoffrey respirou fundo. Virando-se nos calcanhares, rumou para os estábulos.

Geoffrey andou pela construção, parando em frente a uma escada que levava ao palheiro, onde a forragem para o inverno ficava guardada.

Lá estava ela, enroscada a um canto, uma visão tão patética que ele se sentiu um bruto por ter gritado com ela. Enrolada em um velho cobertor, dormia profundamente, e sob a fraca luz do cair da noite, ficou mais uma vez surpreendido com sua beleza. Sempre que a via assim, não sabia ao certo com quem se casara. Suspirando, Geoffrey se inclinou e a ergueu nos braços. Tentando ignorar o repentino calor que se apossou dele, segurou-a com cuidado e a levou de volta ao quarto.

Puxando as cobertas, Geoffrey a acomodou sobre os lençóis e sentiu um estranho carinho por sua selvagem esposa. Parecia muito jovem e muito mais bela que qualquer mulher que ele conhecera. Afastando uma das mechas de cabelo, Geoffrey deixou os dedos correrem pelos fios longos e espessos, sentindo o coração acelerar. Aquilo era perigoso, bem sabia, pois Elene poderia acordar a qualquer momento.

Geoffrey, rapidamente, endireitou-se e olhou pelo quarto, procurando por um lugar onde pudesse dormir. Infelizmente, como tinha dito a Elene na noite anterior, não havia lugar algum. Seu olhar se dirigiu novamente para a cama.

Ela era sua esposa. Aquele fato, e as emoções conflitantes do dia, o ajudaram a se decidir. Andando para o outro lado do colchão, Geoffrey ainda hesitou. Então,

com uma impetuosidade incomum, tirou as roupas e se deitou. Finalmente descansaria como um homem deveria: nu e bem confortável.

Ao lado da esposa.

ELENE SE virou, aconchegando-se mais ao corpo próximo ao dela, mergulhando nas sensações que lhe despertavam. Sonhava com a mãe. Se ao menos aquilo fosse real e pudesse se deitar novamente ao lado de alguém que a amasse... Conforto, segurança e uma sensação de prazer a envolviam enquanto Elene abraçava o corpo firme, os dedos pousados sobre a pele nua e cálida. Um corpo de homem.

Elene abriu os olhos rapidamente sob a parca luz do amanhecer. Olhou confusa para os estranhos reposteiros da cama, então virou a cabeça e piscou, pasma. Não estivera sonhando, e a pessoa ao seu lado não era sua mãe.

Era Geoffrey!

O pânico se apossou dela. Como chegara até ali? Por que estava com ele? Por que ele estava *nu*? Levou a mão trêmula até o pescoço e suspirou aliviada quando percebeu que suas roupas estavam intactas. Seu corpo também não dava sinais de abuso. Mais calma, deixou a cabeça cair no travesseiro macio.

Sua primeira reação foi a de fugir daquela cama, mas preferiu observar Geoffrey furtivamente. Raramente tinha essa oportunidade e agora, ali confinada, podia ver o quanto o homem com quem casara era bonito. As belas feições tinham um ar juvenil, e os cílios escuros eram atraentes contra a face dourada de sol.

Surpresa com a estranha sensação de calor que crescia em seu ventre, Elene voltou a olhar o rosto, notando os cabelos sedosos e espessos. Estavam ficando longos, mas mesmo a falta de corte o deixava atraente, como se o santo Geoffrey não passasse de um simples mortal, afinal.

O apelido não combinava mais com o homem que ficara furioso com ela no dia anterior. Geoffrey tinha erguido a voz e... Ficou embaraçada ao pensar no que havia acontecido depois da discussão, naquela mesma cama. Ficou atônita ao lembrar a descoberta que fizera.

Ele podia beijar como o irmão.

A lembrança da boca quente e desesperada fez Elene se sentir fraca. Ela não temeu ser devorada, como o Lobo parecia fazer com a esposa. Havia sido algo doce, uma sensação maravilhosa, que fizera seu corpo arder como nunca, dando vida a seu sangue, agitando algo dentro dela.

Deus, nunca imaginara coisas assim! Beijos que a deixavam tonta e faminta. E os pedidos, sussurros entrecortados, que a faziam querer se abandonar a ele, fazer qualquer coisa para agradá-lo. Elene mexeu os dedos, incapaz de acreditar que o tivesse tocado de maneira tão íntima. Pensar nisso a deixou estranhamente inquieta.

Tudo fora muito inesperado. Era assim que desculparia sua demorada reação, pensou, corando. Num instante estavam brigando por causa de Marion, depois...

Marion. Talvez o súbito interesse de Geoffrey tivesse sido motivado por ela. Será que a tocara porque não podia ter a esposa do irmão? Sentiu uma dor ao se ver roubada de todas aquelas sensações. Geoffrey defendera a mulher com uma paixão que Elene não imaginava que ele tivesse. Talvez ele a amasse, mas era muito correto ou tinha muito medo de trair o Lobo.

Engolindo a irritação, olhou para o marido com os olhos apertados. De repente, ele não lhe pareceu bonito ou atraente, mas só um homem... bruto e traiçoeiro. Saindo da cama silenciosamente, Elene procurou pelos punhais que tinha recuperado e escondido. Então, fitou Geoffrey de novo, que dormia profundamente.

Não tinha intenção de se passar por Marion, e se ele tentasse envolvê-la novamente, seria morto.

Capítulo Nove



ELENE VAGOU pelo castelo, surpresa com a quantidade de pessoas que trabalhavam apressadas, embora não passasse muito do amanhecer. No salão, um criado se ofereceu para lhe trazer uma maçã, e por um momento ela apenas olhou, admirada. Aquelas pessoas não sabiam quem ela era? Devia mostrar a eles, mas não tinha vontade de gritar e discutir. E estava faminta. Perdera as duas refeições do dia anterior.

Assentindo silenciosamente para o criado, este retornou não só com uma maçã, mas também com um pedaço de queijo e pão. Elene olhou a oferta com suspeita, já que ninguém comia dos suprimentos de seu pai senão nas horas das refeições.

Depois de certo tempo, Elene descobriu a escada que levava ao telhado. Relaxando um pouco, parou perto das ameias e olhou para o horizonte, ficando extasiada com a visão. O amanhecer lançava cores esplendorosas no céu, iluminando colinas e florestas.

Embora estivesse acostumada a acordar cedo, nunca tivera oportunidade de ver coisa semelhante. Era uma beleza diferente de tudo que já tinha visto, excetuando talvez... Geoffrey.

Engasgando-se com um pedaço de maçã, Elene cuspiu no chão. Tais pensamentos eram perigosos. Além disso, estava perdendo seu tempo admirando a vista quando devia ficar alerta a possíveis ameaças. Aquele era o covil do Lobo, era melhor lembrar-se disso.

Mesmo assim, ao olhar para a propriedade, Elene não conseguia encontrar seu habitual sentimento de afronta. O canto dos pássaros e a leve brisa da manhã pareciam dispersar suas dúvidas. Estava cansada de seu constante estado de alerta. Talvez, só desta vez, pudesse ficar ali sentada e aproveitar a manhã...

A única vez em que se sentira tão tranquila fora naquela manhã quando acordara segura e aquecida ao lado do marido. Tola! Franzindo a testa por causa de tais pensamentos caprichosos, Elene ignorou o vago anseio que Geoffrey inspirava e se concentrou na comida.

Em vez de causar problemas no salão, decidiu andar pelo castelo. Ouvindo vozes em um amplo cômodo do andar superior, Elene se esgueirou

sorrateiramente até a porta aberta. Geoffrey estava lá dentro, e por um momento ficou encantada por vê-lo, mas se encolheu nas sombras ao notar a grande figura do Lobo. No entanto, permaneceu perto da porta, pois estava acostumada a ouvir coisas às escondidas. Era a melhor maneira de se preparar contra as artimanhas dos outros. Inclinou-se mais um pouco para ouvir seus inimigos.

Foi recompensada ao ouvir as palavras do Lobo.

— Por que não vem morar aqui, Geoff? Marion ficaria feliz. Sabe que ela sente falta de vocês.

— Ela tem de cuidar do bebê agora. Tenho certeza de que não precisa de um bando de homens barulhentos — Geoffrey respondeu, compreensivo. O Lobo fez uma expressão zangada.

— Bem, não me importaria se você viesse morar aqui. — Geoffrey sorriu, e aquela visão fez Elene se sentir estranha.

— Obrigado, Dunstan. Sinto-me honrado. Especialmente porque houve uma época em que fazia o possível para ficar longe de seus irmãos. — O Lobo grunhiu, como se não quisesse lembrar daquilo, mas Geoffrey continuou, falando mais sério: — Eu agradeço, mas ainda há muito a fazer no castelo.

O Lobo resmungou algo ininteligível, então murmurou:

— A começar por sua esposa. — Elene ficou tensa, e se encolheu mais nas sombras. — Não pode ao menos fazê-la tomar banho?

Geoffrey se virou, a boca curvada como se sorrisse.

— Temo que não. Elene age por conta própria — ele respondeu, enquanto andava lentamente pelo quarto.

— Esse é o problema, Geoff! — o Lobo respondeu.

— É óbvio que ela precisa de atitudes mais firmes. Sabia que Simon devia ter sido o escolhido.

Geoffrey se virou rapidamente ao ouvir tais palavras e olhou feroz para o irmão. Parecia tão perigoso quanto o próprio Lobo, talvez mais.

— Elene é minha esposa, por vontade de Deus, e por minha decisão.

Piscando, Elene perdeu o equilíbrio ao ouvir aquela declaração. Sentiu como se uma brasa em fogo atingisse partes de seu ser que nem sabia que ainda existiam, fazendo-a procurar apoio na parede, enquanto o Lobo também parecia surpreso.

— Céus, Geoff, precisa ser tão escrupuloso quanto a isso? Poderia arranjar uma amante — o Lobo sugeriu.

Geoffrey ficou parado, e Elene prendeu a respiração. Uma amante! Sabia que alguns lordes mantinham outras mulheres além da esposa. Mas Geoffrey...

Elene estremeceu ao pensar no marido dando atenção a outra mulher. Sabia que se Geoffrey se ocupasse com outras coisas, menos a ameaçaria, mas essa ideia não a confortava. A suspeita que tinha quanto a Marion a deixava inquieta, mas só duraria enquanto estivessem ali de visita. Uma amante moraria no castelo com eles. Elene sentiu um calafrio percorrer seu corpo enquanto esperava ouvir a resposta.

— Não — ele disse, friamente. — Quero uma amante tanto quanto você.

As palavras eram uma gentil reprimenda, e Elene deixou escapar um suspiro. O alívio invadiu seu corpo com tanta intensidade que ela se escorou mais uma vez na parede, mas se sobressaltou ao ouvir alguém se aproximando às suas costas. Concentrada no marido, se esquecera de tudo o mais. Abaixou-se e procurou pelo punhal entre as saias, voltando-se para encarar o intruso.

Era Marion. Para surpresa de Elene, a senhora do castelo não retrocedeu diante de sua expressão ameaçadora, apenas sorriu.

— Elene! Que sorte encontrá-la — ela disse num tom suave e conspirador que deixou Elene confusa. — Venha até meu quarto. É onde costumo costurar à tarde.

A esposa do Lobo a levou até um quarto espaçoso, duas vezes maior que o quarto principal de sua casa. Estava repleto de almofadas coloridas e havia uma cadeira perto da estreita janela, à luz do sol. Elene sentiu uma pontada de inveja.

A mulher indicou a cadeira para Elene enquanto se sentava em um banquinho, e Elene gostou do pequeno prazer de se acomodar no melhor assento.

— Há quanto tempo estava lá? — Marion perguntou. Elene ficou atônita, mas então franziu o cenho.

— Tempo suficiente. — Marion suspirou.

— Perdoe meu marido. Nunca deveria ter sugerido uma coisa daquelas, ainda mais para Geoffrey — Marion murmurou, a boca expressando sua desaprovação. Elene a observava por trás dos cabelos emaranhados. Era óbvio que a esposa do Lobo não aprovava a conversa já que ela mesma queria ocupar a posição!

— Ele não quer uma amante porque a deseja — Elene declarou. Marion a encarou por um bom tempo, atônita, e então riu, enchendo o quarto com o som adorável.

— Geoffrey e eu? Não! O que sentimos não passa de afeição entre irmão e irmã. — Os olhos de Elene se estreitaram de suspeita. Por que deveria acreditar na esposa do Lobo? Marion conteve o riso e respirou fundo.

— Há dois verões, Geoffrey e Simon me encontraram na estrada. Estava ferida e fui levada para Campion — ela sorriu saudosa. — Aqueles bravos cavaleiros

me acolheram como parte da família. Tornei-me a irmã deles. Se não acredita, pode perguntar a qualquer um dos De Burgh. Quando tive de partir, o conde pediu aos filhos que um deles se casasse comigo, mas nenhum deles aceitou!

Embora Marion relatasse a história com um leve sorriso, Elene ficou quase perplexa ao pensar em tal tipo de rejeição.

— Por que não? Por que ninguém quis desposá-la? — perguntou, olhando para a mulher pequena e benfeita de corpo de cima a baixo, como se tentasse descobrir alguma imperfeição.

— Todos eles são independentes e têm sua própria forma de pensar. Mas temem mudanças, principalmente uma tão drástica quanto o casamento! — Marion disse, rindo. — É divertido ver esses guerreiros tão fortes se intimidarem com algo tão simples, mas é verdade. São muito honrados, por isso não desposariam uma mulher, mesmo sendo uma herdeira, se não a amassem.

As últimas palavras foram ditas com tom tão sério que Elene lançou um olhar aborrecido.

— Menos Geoffrey.

Marion hesitou, como se não soubesse o que dizer.

— Não — ela respondeu lentamente —, eu estava lá quando o decreto do rei chegou. Todos sabiam que um deles teria de se casar com você. — Calando-se por um instante, ela observou Elene com surpreendente intensidade. — Você não poderia desejar ninguém melhor que Geoffrey. Ele é o mais sábio, educado e gentil de todos. Acho que algumas coisas acontecem porque já estão destinadas. — Franzindo a testa, olhou cautelosa para Elene.

— Embora forçado, talvez esse casamento tenha acontecido para o seu próprio bem, se você assim permitir. Geoffrey é um homem maravilhoso, e é óbvio que se importa com você... — Elene imediatamente se ergueu, bufando.

— Geoffrey me tolera. Só isso! — ela exclamou, sem querer escutar tais tolices. Sentiu aquela dor novamente, que de tão intensa a fez sufocar um grito. O que estava acontecendo? Estaria ficando doente?

— Está bem — Marion disse gentilmente —, não tocarei mais nesse assunto. Mas, venha, quero lhe dar uma coisa! — Indo até um grande baú, ela puxou um longo corte de tecido.

Curiosa, Elene se aproximou e prendeu a respiração ao ver a bela fazenda de cor verde. Ficou atônita quando Marion ergueu uma seda amarela e a aproximou de seu corpo.

— O que está fazendo? — Elene exclamou.

— Bem, acho que estes servirão — Marion disse, ignorando a pergunta de Elene. Vasculhou ainda mais o baú e Elene viu que ele estava cheio de tecidos e peles. — Ah, este também! — ela disse, puxando um belo corte de linho bordado. — Vai combinar com a cor do seu cabelo!

— O quê?

— Minhas damas de companhia farão alguns vestidos novos para você. Até eu irei ajudar! — Marion disse.

Elene ficou estupefata, voltando a ficar receosa. Tudo na vida tinha um preço. Estreitou os olhos novamente.

— Por quê? — Marion parecia surpresa.

— Ora, está casada com um De Burgh, precisará de coisas novas e bonitas. Tenho certeza de que Geoffrey teria lembrado disso se não estivesse tão ocupado com o castelo.

Elene deu um passo para trás, afastando-se dos deslumbrantes tecidos. Marion queria vesti-la para torná-la uma esposa digna dos De Burgh? Bem, ela não se importava com a família ou com a linhagem de seu marido. Que zombassem dela, pois não desejava agradar aqueles malditos irmãos!

— Não os quero — ela disse. O sorriso de Marion vacilou.

— Mas não tenho como usar todos esses lindos tecidos. Dunstan me deu vários deles. Sei que ele não se casou comigo por meu dinheiro, mas acho que o incomoda saber que minha herança encheu seus cofres. Então me enche de presentes.

Elene olhou desconfiada para o tecido verde, que era melhor que qualquer coisa que já tivera. Na verdade, era superior ao que o pai costumava vestir. Tal pensamento a fez cobiçar o material, para se vingar da memória dele. Ela lançou um olhar a Marion.

— Por que eu?

Marion sorriu novamente, exibindo as duas covinhas.

— Porque agora é minha irmã! Não imagina o quanto na vida desejei ter uma família. E os De Burgh me deram isso. Eles são guerreiros rudes e indelicados, mas têm bom coração. Cada um deles é especial, à sua maneira. — Fitando Elene, piscou, tentando afastar as lágrimas, e falou com convicção: — Desde que casei com Dunstan, tive esperança de que logo um deles se casaria. Então haveria uma dama com quem compartilhar esta família, uma amiga!

Elene a encarou. Amiga? Ela nunca tivera uma. Dama? Ninguém jamais a chamara assim. Apenas Geoffrey.

Sentiu aquela estranha dor novamente, mais forte do que nunca, fazendo Elene se perguntar se estava enganada quanto aos De Burgh. Talvez não cobiçassem terras, sendo apenas homens decentes, que pensavam mais na honra do que em moedas de ouro. Um choro de criança a tirou de seus pensamentos, e Elene tirou a mão do tecido que alisava distraidamente.

— Ah, o bebê acordou — Marion disse, sem se perturbar com o choro estridente. — Ele tem os pulmões do pai! — Ela andou até o berço, num canto não muito afastado da lareira, pegou a criança e começou a acalentá-la.

O filho do Lobo, pensou Elene, novamente amargurada. Embora pequeno e indefeso, o garoto logo cresceria e seria como o pai e seus irmãos. Mas, de certa forma, não conseguia nutrir ódio pelo bebê, que se acalmava nos braços da mãe.

Tendo visto tão poucos recém-nascidos, Elene cedeu à curiosidade e se aproximou para ver o rostinho e as pequenas mãozinhas.

Observando Marion afagar e falar carinhosamente com o filho, Elene se sentiu estranha por dentro, uma sensação de perda e saudade que a fez se virar quando o bebê começou a mamar.

Não era a primeira vez que via um bebê ao peito. A última criança que sua mãe tivera, pois morrera ao dar a luz, fora alimentada por uma das aldeãs. Mas até isso seu pai concedera de má vontade à pequena menina, que ficou doente e logo se juntou à mãe.

Tinha de fugir... daquela criança, da estranha esposa do Lobo, de Wessex. Andando sem muita firmeza, foi em direção à porta, mas a voz de Marion a deteve.

— Venha. Sente-se aqui e converse comigo enquanto ele se alimenta — ela pediu. — Gostaria de conhecer minha irmã melhor.

Irmã! Elene sufocou um riso amargo. Filho, marido... Palavras vazias, pois na realidade não havia laços de sangue. Não confiando em si mesma para falar, Elene deixou Marion e seu perfeito mundo. Mimada, a esposa do Lobo não sabia como a vida era de verdade.

Silenciosa, Elene observava Marion com náusea e fascinação, pois nunca vira alguém tão decididamente satisfeita. E continuava a se surpreender com o tratamento que o Lobo dava à esposa.

Ele era grosseiro e resmungava muito, mas oferecia à esposa os melhores pedaços de comida e se inclinava para sussurrar ao seu ouvido, uma atitude que parecia incrivelmente íntima. Então gabava-se dela e do filho para todos.

Como se ciente de seu escrutínio, a esposa do Lobo voltou os olhos em sua direção e pousou a mão no braço do marido.

— Acho que Elene já ouviu demais sobre nosso filho — ela o repreendeu. O Lobo piscou, visivelmente esquecido da existência de Elene. Não muito feliz com a lembrança, virou-se para a esposa com expressão de desagrado. Marion, no entanto, parecia cega para a carranca do marido.

— Por que não falamos um pouco sobre os De Burgh, para que ela possa distinguir um irmão do outro?

A atmosfera festiva desapareceu da mesa quando vários pares de olhos se voltaram para Elene. Baixando o queixo, encarou Marion ameaçadoramente. Por que aquela mulher tinha de chamar a atenção para ela? Geoffrey limpou a garganta.

— Ela já os conheceu, Marion. No casamento — ele disse.

Elene tinha aberto a boca para revelar sua opinião sobre aqueles brutos, mas algo no tom de Geoffrey, um profundo cansaço, a fez parar. Olhando firme para o que ainda havia de sua refeição, Elene decidiu cortar um pedaço de carne com a pequena faca que a permitiam usar.

— Ah, mas sabe como eles podem ser amedrontadores à primeira vista! — Marion protestou. — Ninguém diria que são brincalhões como crianças. — Ambos os irmãos ficaram boquiabertos, como se ela tivesse ficado louca. Elene quase bufou. — Claro, Robin é o mais divertido de todos. Adora fazer travessuras, então tome cuidado com ele! Certa vez, encheu minha cama de castanhas — Marion disse, rindo com a lembrança.

— O que ele estava fazendo perto da sua cama? — resmungou o Lobo.

O som da profunda risada de Geoffrey surpreendeu Elene, que se voltou para olhá-lo, tão bonito e despreocupado enquanto inclinava a cabeça para trás, os cabelos longos tocando os ombros.

— Ele também perturbava você, Marion? Juro que já colocou de tudo na minha cama ao longo dos anos. Até convenceu o pobre Nicholas de que um osso de são Gregório tinha milagrosamente aparecido debaixo de seu travesseiro durante a noite.

Um ruído surgiu do outro lado da mesa, e Elene olhou surpresa para o Lobo, que jogava a cabeça para trás e gargalhava.

Ouvi-los era uma experiência estranha. Risos eram algo que não ouvia com frequência no castelo. O pai se divertia com o tormento dos outros, mas aqueles De Burgh pareciam achar graça em simples histórias e lembranças.

Elene tentou ignorá-los, mas o insistente apelo da alegria de Geoffrey fazia algo crescer dentro dela, uma ânsia tão feroz que ela piscou desalentada. Embora permanecesse em silêncio e inacessível por trás de seus cabelos, uma pequena

parte dela queria se juntar a eles, tornar-se parte da... família, mesmo que fosse uma ilusão.

Mesmo que fosse apenas uma trama para enganá-la.

Com esforço, Elene se forçou a rejeitar os De Burgh. Inveja era algo novo para ela, mas aceitou isso como forma de manter o marido e os parentes afastados, pois não ousava confiar neles.

Ela era uma sobrevivente, e também resistiria aos De Burgh.

Capítulo Dez



Elene olhou furiosa para a cunhada, perguntando-se se o eterno sorriso era prova de sua falta de capacidade mental. Já ouvira falar de pessoas assim, que supostamente se alegravam com sua vida. Elene sorriu, maliciosa. Sim, Marion era o par ideal para o Lobo! Achou a ideia tão engraçada que mal reprimiu uma risada. Marion, ocupada em esticar uma corda até seus pés, olhou-a surpresa.

— Sinto muito. Eu a machuquei? — ela perguntou, a preocupação brilhando nos olhos de corça. Elene franziu a testa e rapidamente balançou a cabeça. Mas não perdeu a oportunidade para reclamar em voz alta. Apesar de tudo, estava ali parada enquanto Marion a media para fazer os vestidos que não queria.

Quando Marion a encontrou e a levou para um banho, ela concordara, em vez de cortar a garganta da mulher, o que não agradaria a Geoffrey. Na verdade, queria desesperadamente um bom banho. A água quente a fez se sentir bem, mas, agora, parada só com sua roupa de baixo, o cabelo úmido caindo pelas costas, já estava cansada das agulhadas de Marion.

Abriu a boca para pedir que parasse, pois estava mesmo cansada, mas uma batida na porta desviou sua atenção.

— Entre — Marion disse alegremente, enquanto Elene pensava em protestar. Nunca vestira tão pouco, mesmo na frente de criadas, e resmungou consternada para a esposa do Lobo enquanto a porta era aberta.

Era Geoffrey.

Ela achou que seu marido ficava mais bonito a cada dia. Depois da tensão inicial, ele já estava bem acomodado em Wessex. Parecia mais jovem e despreocupado, e ela, com frequência, ouvia sua adorável risada no salão. Na verdade, ele sorria naquele momento, segurando um pergaminho e caminhando com graça pelo cômodo.

— Marion, chegou uma mensagem de Campion e Dunstan achou que você... — Ele parou subitamente, a missiva pendendo em seus dedos e os olhos se arregalando de surpresa ao ver a esposa.

Por um instante, Elene simplesmente o fitou, o rosto ficando vermelho por causa de seu traje. Desde o casamento, ela nunca nem tirara a sapatilha na

presença dele, e agora estava coberta apenas por aquele linho transparente, molhado em algumas partes, e com o cabelo jogado nas costas.

Nunca se sentira tão exposta em sua vida.

O silêncio no quarto era tão forte que Elene se sentia incapaz de dizer qualquer coisa que quebrasse o momento. Seu peito se erguia rapidamente, a respiração acelerada, seus olhos fixos nos de Geoffrey, castanhos e convidativos. O corpo inteiro parecia estranho e quente, como se ele fosse capaz de incendiá-la apenas com sua presença. As pernas estavam trêmulas, e seus mamilos se enrijeceram contra o tecido molhado. Quando o olhar dele se dirigiu para eles, sentiu algo estranho.

Ele limpou a garganta, o ruído tendo o efeito de afastá-la daquele misterioso encantamento. Rapidamente, puxou o cabelo para cobrir o rosto e os seios.

— Eu... ah... isto é para você — Geoffrey disse com a voz abafada, e então saiu do quarto, parecendo pálido e pouco à vontade, antes de desaparecer.

— Obrigada, Geoff! — Marion exclamou logo em seguida. Marion! Elene tinha se esquecido da outra mulher, mas voltou-se para ela, pronta para culpá-la pelo vergonhoso episódio. Mas parou por causa da gargalhada de Marion.

— Viu só? — ela perguntou a Elene, rindo abertamente. — Juro, nunca vi Geoffrey tão encabulado. Parecia um menino flagrado no meio de uma travessura! — Ela se sentou sobre as pernas e continuou rindo. — Foi divertido vê-lo tão impressionado com seus encantos.

Elene a encarou, agora certa de que a mulher era desmiolada, mas Marion simplesmente se ergueu e pegou o tecido que tinha escolhido.

— Posso começar isso sozinha. Por que não vai para o quarto esperar por Geoffrey? — Marion disse, com um sorriso malicioso. Mas o horror de Elene devia ter transparecido em seu rosto, pois o sorriso logo desapareceu. — O que foi? Geoffrey a machucou?

— Sua tola! Ele não me quer, nem eu a ele! — Elene gritou, tentando convencer a si mesma. — Jamais quis ninguém, muito menos um De Burgh. — Estremecendo, ela pegou o vestido velho e grosseiro que havia trazido e o colocou pela cabeça.

— Mas já vi Geoffrey com outras mulheres, e ele nunca ficou tão alterado. É óbvio que a deseja — Marion protestou, parecendo espantada. — Não entendo. Creio que o casamento de vocês...

— Não sabe nada sobre meu casamento ou minha vida, criatura mimada! — Elene rosnou, enquanto enfiava os braços pelas mangas, desesperada para se afastar daquela mulher, de suas perguntas e de seu ar de preocupação.

— Não sei mesmo — Marion admitiu, com voz suave. — Não gostaria de me contar?

— Não! — Elene gritou, atrapalhada com os cordões, tamanha era sua pressa para fugir. Tinha conseguido enfrentar o pai e seus homens, mas aquela mulher parecia ameaçá-la mais do que todos juntos. Eles eram ignorantes, mas ela, mesmo que parecesse sem juízo, via as coisas com clareza.

— Bem, talvez então goste de escutar a minha história — Marion disse. — Acho que ficará desapontada ao descobrir que não foi a única que teve uma vida difícil.

Elene ficou parada, os dedos ainda atrapalhados com os cordões, fitando a mulher que ousava falar com ela daquela maneira.

Ignorando o olhar cruel, Marion se sentou e respirou fundo. Em breves palavras, contou como vivera depois da morte dos pais, isolada de todos e sempre receando os maus-tratos do tio, que cobiçava sua herança. Relatou sobre sua fuga, quando foi perseguida pelos homens de seu tio e salva por Geoffrey e Simon, apesar de perder a memória. Narrou ainda o ataque que a comitiva de Dunstan sofrera enquanto a escoltava de volta à tutela do tio, fazendo-a recuperar a memória e tentar convencer Dunstan de que estava em perigo. Contou, ainda, como Dunstan fora capturado por causa da traição de Avery, permitindo que Fitzhugh tomasse o castelo. Por fim, falou como ela, que ficara escondida, pudera cavalgar sozinha até Campion para pedir a ajuda dos De Burgh.

Elene piscou, pasma com a história, mas nada no comportamento de Marion indicava aquele passado. Aquela mulher conseguira atravessar os campos sozinha enquanto Elene tremera só de pensar em atravessar os portões de seu castelo. Aquilo a deixou chocada, abalando-a profundamente.

— Como pode ver, aproveito minha vida ao máximo e sempre celebro nossa felicidade. Não podemos esquecer o passado, mas podemos seguir em frente. Talvez devesse tentar também — ela acrescentou gentilmente.

Elene a fitou, completamente desarmada pelas simples declarações de Marion. Foi então que compreendeu sua imensa tolice. Sempre imaginara que Marion fosse fraca, mas agora reconhecia a verdade.

A esposa do Lobo tinha uma força que ela jamais conseguiria superar.

SEM SABER como, Elene fugiu. Céus, ela queria fugir de si mesma, mas isso seria impossível.

Elene não foi para os estábulos, onde geralmente encontrava conforto. Não era isso o que queria, e, como Geoffrey a lembrara, não era mais uma criança. Foi até o jardim murado, onde os primeiros botões de flores se abriam, sabendo que ninguém a procuraria ali. Como todos diziam, a Fitzhugh desprezava tudo o que era delicado e bonito.

E não era verdade?

Elene já não sabia mais. Ela tremia, abalada, como se tivesse sido apanhada por um grande cataclismo. Suas crenças, seus valores, a maneira pela qual decidira viver sua vida, tudo era questionável, e ela não sabia as respostas.

Acreditara que aquela era a única forma de sobreviver, mas Marion se mantivera fiel a si mesma e triunfara, fazendo Elene reavaliar tudo o que havia feito.

Quem era a criança mimada: Marion, com sua vida de luxo e alegria, ou Elene, com seus gritos e ameaças? Lutara por tanto tempo que agora vivia nas sombras, afastando tudo e todos sem necessidade. Ela ofegou quando concluiu que só tinha certeza de uma coisa: não sabia mais quem era.

Embora tenha ficado ali pelo resto da tarde, não obteve respostas, nem revelações que explicassem tudo.

Simplesmente reconheceu que existiam outros meios, outras verdades, e que não podia mais ignorá-las. Ainda estava lá no banco frio quando Geoffrey a encontrou, muito preocupado.

— Elene! Um dos criados disse que está aqui há horas, sem um manto.

Ela piscou, subitamente percebendo que a brisa de primavera se tornara mais fria. Contudo, que importância tinha isso? Estava passando por uma tempestade dentro de si mesma.

— Sente-se bem? — Geoffrey perguntou.

Como ela não respondeu, ele se ajoelhou à sua frente. Ajoelhou, sem hesitar, coisa que nenhum homem tinha feito diante dela. Será que ele sabia o quanto era bonito? Os cabelos escuros brilhavam, os olhos eram acolhedores e pareciam um pouco ansiosos. Será que estaria fingindo? Elene não sabia dizer.

— Está sentido alguma coisa? — Ela balançou a cabeça. — Se tivesse praguejado contra mim, ao menos saberia que está bem — ele disse, oferecendo-lhe um sorriso que a fez querer chorar. Mas não disse nada, e Geoffrey se inclinou um pouco mais, segurando sua mão, roçando os dedos calejados sobre os seus, e ela sentiu uma onda de calor, alarmante e reconfortante, envolvê-la.

O instinto dizia para ela se afastar, mas Elene estava muito cansada para protestar, portanto deixou que Geoffrey a envolvesse com sua capa e a tocasse.

Ele falava gentilmente, e ela o olhava maravilhada, como se o visse pela primeira vez. Elene se encantava com sua sabedoria, imaginando tudo o que ele lera e aprendera enquanto ela... O olhar dele, subitamente, se dirigiu à sua boca, e Elene sentiu uma nova onda de calor afastar o frio, as lembranças e tudo o que a assustava. Então, como se para zombar de seus pensamentos, o vento soprou uma de suas mechas de cabelos embaraçados entre eles.

— Venha — Geoffrey disse, rouco. — Antes que adoeça.

Elene o seguiu, porém por dentro sentia-se aquecida, não por causa da roupa, mas porque reconhecia que o mundo podia ser diferente do que imaginava.

PELA PRIMEIRA vez na vida, Elene tentou passar despercebida. Observar e ouvir sempre foram armas para conhecer os inimigos, mas agora as usava como se fosse uma visitante em terras estrangeiras, estudando os estranhos com certa curiosidade. Ainda reticente, não participava da conversa da família, preferindo olhar e descobrir as coisas por si mesma.

O relacionamento entre o Lobo e sua esposa era o que mais chamava sua atenção, pois pouco conhecia sobre casais.

Um pouco ressentida, admitiu que o Lobo não era de todo ruim.

Ele não era muito delicado, mas sempre atendia aos pedidos da esposa, assim como ela cedia aos seus desejos, e essa troca surpreendia Elene. Ficava pasma sempre que ouvia Marion atormentar o marido, ou mesmo repreendê-lo, e o Lobo não fazia nada além de grunhir e sorrir, enquanto o irmão desatava a rir.

Que mágica aquela mulher detinha, capaz de exercer tamanho poder sobre o marido? Será que ele era tão generoso porque ela sempre o recebia de bom grado na cama? Elene achava a influência que ela exercia impressionante, e estava determinada a descobrir como ela conseguia isso. Então permitiu que as roupas novas fossem feitas, mesmo que nunca fosse usá-las. Tentando ignorar o tecido macio sobre seu corpo, ou a riqueza das cores e dos ornamentos, Elene se aventurou a perguntar o que tanto a atormentava.

— Como consegue dominar o Lobo? — ela perguntou abruptamente. Sem se intimidar pela pergunta, Marion sorriu.

— A única coisa que nos domina é o amor que temos um pelo outro.

Elene bufou alto. Será que Marion achava que ela era estúpida? Só o poder movia as pessoas, não uma emoção boba.

— É com seu dinheiro?

— Não, Dunstan poderia ter se casado comigo quando soube que era uma herdeira, mas não quis. Só me desposou tempos depois, para me salvar. Ainda

não sabia que o que sentia era amor. Às vezes, as pessoas são muito teimosas — Marion disse sorrindo, olhando para Elene —, e se recusam a admitir o que sentem. — Elene escarneceu. Talvez Marion fosse realmente desmiolada.

— Então, o que faz? É porque ele sempre se satisfaz com você quando quer?

Marion riu abertamente, afastando-se para observá-la, mas Elene se recusava a sustentar o olhar da mulher. Já podia sentir o embaraço tingir sua face e denunciá-la, por isso baixou o queixo, escondendo-se sob os cabelos.

— É assim que fala das delícias do casamento?

Elene ficou confusa. Delícias? A mulher era louca. Como Elene não respondesse, os olhos de Marion se encheram de preocupação.

— Geoffrey não fez nada para machucá-la, fez? Elene riu com desdém.

— Eu arrancaria o fígado dele se tentasse me tocar!

Uma breve expressão de surpresa surgiu no rosto de Marion antes que se ajoelhasse para ajustar a barra do vestido. Por um instante, ficou em silêncio, mas finalmente voltou a falar, em um tom gentil:

— Acho que tive sorte por não me preocupar com a noite de núpcias. Talvez pense mal de mim, mas já tinha me entregado a Dunstan antes disso. Eu o amava, entende?

Elene piscou, admirada. Ela havia se deitado com ele por vontade própria *antes* do casamento?

Marion seguiu explicando o que mais gostava que o Lobo fizesse na cama, comentando sobre as várias posições que apreciavam.

Quanto mais ela falava, mais alarmada e excitada Elene ficava, desejando tapar os ouvidos. Podia imaginar Geoffrey fazendo tais coisas, lembrando do dia em que ele sussurrara para que o tocasse... Mas, misturadas com essas visões, havia muitas outras, mais pérfidas, que afastavam as imagens de Geoffrey, manchando tudo de vermelho, a cor da fúria, do medo e do sangue.

— *Não!*

O próprio grito a assustou, pois escapou de sua garganta como um lamento de dor que em muito diferia de suas costumeiras pragas. Tonta, viu Marion observá-la surpresa, então ouviu o choro do bebê, protestando.

— O que foi, Elene? — Marion perguntou, preocupada. — Eu a ofendi? Pensei que já que somos mulheres casadas...

— Vá cuidar do seu filho e me deixe em paz! — Elene gritou, feliz pela interrupção e ansiosa para sair dali. Não queria pensar no que Marion dizia, não queria ser atormentada por desejos estranhos e assustadores, qualquer coisa que a deixasse vulnerável... pois não era.

Era uma Fitzhugh.

Jogando o vestido quase pronto para longe, marchou para fora do quarto, deixando Marion sozinha com o filho.

— Calma, calma, querido — Marion sussurrou, enquanto pegava o menino e o aninhava nos braços. Ele se aquietou, como se intrigado com o tom diferente em sua voz. Marion suspirou profundamente, o coração pesado de tristeza.

— Pensei em ajudá-la, mas acho que piorei ainda mais as coisas.

Capítulo Onze



Geoffrey se remexeu na cadeira no canto do salão, observando o irmão conduzir o tribunal. Estava acostumado a se juntar ao pai nos dias de julgamento em Campion, mas era a primeira oportunidade que tinha de ver Dunstan em ação. Estava surpreso com a imparcialidade do irmão. Sempre imaginara que Dunstan fosse só um guerreiro, mas a idade, ou Marion, estavam tornando-o mais sábio.

Ele percebeu Elene entrando no salão e ficando pálida ao vê-lo. Por um instante, pensou que ela iria fugir, surpreendendo-se consigo mesmo. Elene não fugiria. Nos últimos dias, olhava-o de maneira mais estranha do que o habitual, e Geoffrey não conseguia compreender a razão daquele comportamento. Não fizera nada diferente, mas sempre a pegava observando-o com um interesse tão intenso que seu coração batia cauteloso. Então, ela se afastava, como se estivesse constrangida. Elene, constrangida? Geoffrey balançou a cabeça.

Mesmo assim, não podia evitar lembrar dela só com as roupas de baixo, corada como uma donzela envergonhada. Ela parecera uma mulher diferente, afável e adorável, com o cabelo úmido e brilhante, os seios firmes contra o linho fino, que também deixava visível a mancha escura entre as coxas. Geoffrey respirou fundo quando sentiu seu corpo reagindo ao lembrar dela seminua.

Será que o evitava por isso? Querendo manter tanto o corpo quanto os pensamentos sob controle, Geoffrey se aproximou para cumprimentá-la civilizadamente. Queria falar com ela em particular, mas não tivera chance porque ela o evitava ultimamente. E não ousava se aproximar dela no quarto, com medo do que poderia acontecer... matança ou...

Bruscamente, limpou a garganta.

— Bom dia, minha esposa — ele disse, a voz parecendo estranhamente rouca. Ela baixou a cabeça, no gesto já familiar, mas Geoffrey pensou vê-la corando por baixo da massa de cabelos. Por que reagira desse modo? Estaria pensando no que acontecera no outro dia, como ele? Sua mente ameaçava divagar novamente, então se forçou a concentrar a atenção.

— Preciso falar com você — ele disse.

— Estou ocupada e não tenho tempo para conversas — Elene respondeu.

Passou por ele, mas Geoffrey a segurou pelo pulso, impedindo-a de prosseguir. Raramente a tocava, mas ficara aborrecido com a negativa, em particular porque ela aprovaria a informação. Tarde demais Geoffrey percebeu seu erro, pois ela não toleraria seu toque sem reagir com uma gritaria, atrapalhando o tribunal de Dunstan e atraindo a ira do Lobo sobre ambos. Rapidamente a puxou para um canto mais escuro, pensando em como a acalmaria.

Mas ela não disse nada, apenas o fitou com os olhos arregalados e confusos, surpreendendo-o.

— Nada que você diga pode me interessar — disse finalmente, mas a voz não tinha a força costumeira, e ela desviou o olhar. O cabelo caiu para a frente, emaranhado, e Geoffrey teve ímpetos de envolvê-los com a mão.

— Nem mesmo saber que seu desejo foi atendido? — ele perguntou, asperamente.

— O quê? — Ela ergueu a cabeça, e ele viu que a face dela parecia muito vermelha. Estaria doente? Ou o salão estava quente demais? Ele também sentia muito calor...

— Voltar para casa — ele sussurrou, tentando concentrar-se na conversa, enquanto seus pensamentos se desviavam para os cachos desmazelados e a pele rosada. Ela o fitou tão alarmada que o deixou mais preocupado. — Sente-se bem?

Em vez de uma chuva de insultos, Elene apenas abaixou a cabeça e afastou o olhar, murmurando:

— Estou bem. Quando?

Geoffrey observou-a, espantado com a reserva que ela demonstrava.

— No fim da semana, se o tempo estiver bom, mas ainda preciso discutir o assunto com meu irmão. — Olhou para Dunstan e franziu a testa, pois suspeitava de que o Lobo não ficaria entusiasmado com sua partida. E como seu suserano, podia ordenar que Geoffrey ficasse.

— Iremos juntos? — Elene perguntou, a voz soando estranhamente fraca e rouca a seus ouvidos. Ele assentiu.

— Está bem. — Ela deu as costas, como se estivesse ansiosa para fugir de sua presença, mas ele a seguiu, incomodado com aquela saída apressada.

— É tudo o que tem a dizer, depois de me aborrecer e ameaçar por semanas? Elene! — Ele a chamou, mas ela já corria, fingindo que não o ouvira. Geoffrey não entendeu o que era mais surpreendente: ela não responder com insultos ou não parecer animada com a novidade.

Nada a agradava.

Mesmo assim, decidiu segui-la. Para onde ia com tanta pressa? Com o que estaria ocupada? Talvez planejasse colocar fogo em todos enquanto dormissem.

Lembrando de onde vinha dormindo, e com quem, Geoffrey respirou fundo. Noite após noite, deitava-se nu ao lado da esposa, mas se tornava cada vez mais difícil dormir. Gemendo, Geoffrey amaldiçoou o dia em que decidira se acomodar ao lado dela, porque agora acordava excitado todas as manhãs, ainda que Elene tivesse saído. Mesmo sabendo que deveria considerá-la como esposa apenas nominal.

Devia tentar encontrá-la, apenas para ter certeza de que não estava planejando nada. Empertigando-se, olhou para as escadas e seguiu em frente, com novo propósito. Talvez sua esposa estivesse com Marion.

MARION ESTAVA sozinha com o bebê, e Geoffrey sentiu uma ponta de desapontamento que atribuiu à sua falta de costume com recém-nascidos, não à ausência da esposa. Marion permanecia sentada na cadeira perto da janela, enquanto o menino dormia no berço próximo a ela, e sorriu tão feliz que não pôde deixar de se sentir bem-vindo.

— Geoff! Venha, sente-se ao meu lado. Tem andando tão ocupado com Dunstan que mal conversamos — ela o repreendeu gentilmente. Geoffrey sorriu, sentindo-se um pouco culpado. Na verdade, não queria ouvir Marion lamentando o seu casamento, então ficava na companhia do irmão. Mas agora que estavam sozinhos, aproveitaria para falar de seus planos.

— Perdoe-me, mas prometo melhorar na próxima visita — ele assegurou.

— Está de partida? Tão cedo? — Marion protestou.

— Ainda tenho de cuidar de muitas coisas no castelo — Geoffrey admitiu. — Partirei assim que Dunstan permitir.

— Ele não o obrigará a ficar, embora deseje sua companhia. Você é o irmão favorito, Geoff. — Geoffrey deu de ombros ao ouvir o cumprimento.

— Só porque agora ele me vê com mais frequência. Mas como o tempo já está bom, poderá convidar todos para conhecer o pequeno herdeiro. — Marion sorriu.

— Aposto que mal podem esperar para erguê-lo nos braços! — ela caçoou, e Geoffrey riu ao imaginar seus abrutalhados irmãos tentando segurar o bebê com delicadeza.

— Aposto que Campion está ansioso para ver o neto — Geoffrey disse, aproximando-se do berço. Olhou para o bebê, que dormia tranquilamente.

— Geoff, quero falar sobre Elene.

Geoffrey quase suspirou alto. Fora uma péssima ideia ir até ali, concluiu. Não queria falar sobre a esposa com Marion. Ela não entenderia. Aliás, ninguém entendia.

— Geoff? Só peço para que não a julgue tão severamente. — Ele a encarou, sem saber o que dizer.

— Acho que por trás de toda aquela impetuosidade há uma boa pessoa. Independentemente das razões, algumas pessoas têm dificuldade para lidar com os sentimentos. Imagine que tipo de vida ela teve com o pai, sem a mãe ou alguém que zelasse por ela.

— Sim — Geoffrey admitiu lentamente. — Mas você também teve uma infância difícil e é a pessoa mais doce que conheço. — Marion sorriu, exibindo as covinhas nas bochechas.

— Obrigada, querido irmão! Mas as pessoas são diferentes, você bem sabe. Cada um tem a própria força e sobrevive como pode. Não acho que Elene seja tão feroz quanto quer nos fazer acreditar. Ela só se vale disso para afastar os inimigos.

— Esqueceu que ela matou o primeiro marido à sangue-frio? — Geoffrey perguntou, secamente. Às vezes, ele mesmo esquecia o fato. Marion respirou fundo, assumindo uma expressão desolada.

— Tinha esquecido — ela admitiu quase que para si mesma. — Vendo-os juntos, nem mesmo pensei em Avery, aquele monstro. Oh, céus, e no outro dia eu... — Ela parou de falar, os olhos arregalados de horror.

— O quê? — Geoffrey perguntou, ficando preocupado com o comportamento dela.

— Oh, Geoff — ela disse com voz entrecortada. — Falaram tanto da morte dele, talvez por causa da reputação de Elene, ou porque o ato em si mexa com os brios de qualquer homem. Mas pense: por que uma mulher mataria um homem no próprio leito?

A resposta imediata de Geoffrey foi um eco do que todos os De Burgh suspeitavam: que Elene era uma mulher sanguinária que não queria um marido.

— Por que ela o matou, mas não matou você? — ela perguntou suavemente.

Pela primeira vez desde que fizera os votos ele se perguntou o que havia acontecido naquela noite. A princípio, não desejara pensar no destino de seu predecessor, mas depois, por motivos que preferia não avaliar, decidira ignorar que Elene já estivera com outro homem.

Walter Avery havia sido um homem desonrado. Se fora capaz de trair e tratar brutalmente seu amigo e senhor, como trataria uma mulher? Geoffrey sentiu um

frio no estômago. Será que Avery machucara Elene?

Não queria imaginar uma coisa daquelas, mas bem sabia que a Fitzhugh não sofreria em silêncio. Ela lutaria, como poucas mulheres seriam capazes. Mereceria ser chamada de assassina por causa disso?

Cheio de culpa, Geoffrey deixou escapar um suspiro abafado. Por que não considerara aquela possibilidade antes? Por que não fora mais condescendente com ela? Por que não matara Avery na batalha? Se ao menos pudesse colocar as mãos naquele bastardo!

— Ela lhe contou alguma coisa? — ele perguntou, temendo ouvir a resposta. Marion balançou a cabeça com tristeza.

— Sabe que Elene não faria isso, mas ela parece saber muito pouco sobre o relacionamento entre um homem e uma mulher. Fica agitada sempre que toco no assunto.

Geoffrey sentiu-se ruborizar. Nunca tivera tal tipo de conversa com uma mulher, ainda mais Marion, mas era como se ela o repreendesse por não ter se deitado com a esposa.

Quando o silêncio começou a ficar desconfortável entre os dois, o bebê chorou e Marion se ergueu. Mas, antes de se aproximar do filho, colocou a mão no braço de Geoffrey para confortá-lo.

— Não sei sobre a vida dela, nem quero dizer o que deve fazer. Só peço que para o bem de ambos não desista dela.

— QUANDO partirá? — O som da voz do irmão assustou Geoffrey. Não o ouvira entrar no quarto, e se amaldiçoou por sua falta de atenção. Ficava distraído com frequência ultimamente, e sabia bem qual era a maior de todas as distrações.

— Creio que daqui a dois dias — Geoffrey admitiu.

— Como sabe disso?

— Marion me contou e me fez jurar que não ficaria rosnando com você, seja lá o que ela queira dizer com isso — Dunstan afirmou, parecendo nem um pouco satisfeito com a própria promessa. Olhou para Geoffrey com expressão séria.

— Gostaria que ficasse.

— Eu sei.

Um grunhido, que não poderia ser exatamente denominado como rosnado, escapou dos lábios do irmão.

— Pois bem, pelo menos leve alguns homens com você. — Geoffrey teria protestado se o Lobo não o tivesse impedido ao erguer a mão.

— Sei que quer fazer as coisas sozinho, Geoff. Céus! Eu pensava assim e me privei de bons conselhos e da ajuda de meus irmãos. — Ele sorriu pesaroso. — Não cometa o mesmo erro. Leve alguns de meus cavaleiros com você. — Embora estivesse inclinado a recusar, Geoffrey ponderou, lembrando do confronto com Montgomery. Sabia que sempre havia o perigo de novas traições. Como se lesse seus pensamentos, Dunstan o repreendeu asperamente:

— É confiante demais, Geoff. Não gosto de imaginá-lo sozinho entre o antigo exército de Fitzhugh.

— Eles juraram lealdade a mim — Geoffrey revelou.

— Bem sabe que alianças podem ser desfeitas... Precisa de alguém que o proteja. — Geoffrey quase riu, pois ele ecoava as palavras de sua esposa.

— E tem mais uma coisa, Geoff. — Dunstan desviou o olhar do irmão, e Geoffrey ficou tenso com seu tom de voz. Será que falaria algo sobre Elene? — Estive pensando sobre o que disse quanto aos cofres do castelo. Não acredito que estejam vazios. Fitzhugh tinha muito dinheiro, pois a esposa era uma herdeira muito mais rica que ele. Não pode ter gasto tudo na guerra. — Os argumentos de Dunstan eram razoáveis, mas estava cauteloso quanto aos motivos ocultos por trás deles. Não sabia se podia concordar com as prováveis conclusões de Dunstan.

— Acho que ela está escondendo o dinheiro em algum lugar. — Geoffrey riu alto, mas o som pareceu amargo até para seus ouvidos. Dunstan parecia tão furioso que Geoffrey temeu que ele decidisse bater em alguma coisa.

— Maldição, Geoff! Ela pagará para que o matem. Não se deixe enganar por seu senso de honra e mande-a logo para um convento. Essa mulher é perigosa! Precisa descobrir onde ela esconde o dinheiro.

Geoffrey tentou ignorar a raiva que o dominou. Dunstan agora deixara bem claro o ódio que sentia por Elene. Disse a si mesmo que deveria ficar satisfeito, pois gostava de honestidade. Mas, pela primeira vez na vida, Geoffrey desejou saltar no pescoço do irmão, derrubá-lo no chão e tentar colocar um pouco de senso naquela cabeça dura.

Podia entender por que Dunstan desprezava Elene: depois de tudo o que passara nas mãos de Fitzhugh, transferira o ódio para a filha. Mas Geoffrey achava difícil acreditar que Elene roubasse dinheiro dos cofres, comprometendo o sustento do próprio povo.

— Não é Elene — Geoffrey disse suavemente. Ouviu o rosnado impaciente do Lobo e o ignorou. — Mas, se como diz, o dinheiro está sendo roubado, outra pessoa deve ser a responsável. — Surdo aos argumentos do irmão, Geoffrey

desejou não ter dispensado Montgomery tão depressa. Fora o cavaleiro mais próximo de Fitzhugh e bem poderia ser o culpado por desviar dinheiro sem que os outros tomassem conhecimento. Ou Serle. Repentinamente, o administrador e seus registros ininteligíveis surgiram em sua mente, fazendo Geoffrey lembrar-se de vários gastos inexplicáveis. Tinha acesso direto aos suprimentos da casa, tornando-se, claramente, o principal suspeito.

— Está bem — Geoffrey disse. — Levarei os cavaleiros e procurarei pelo possível ladrão. — Ele se ergueu e fixou o olhar no irmão. — Mas levarei minha esposa comigo também.

— Geoff! — Por um instante, ele sustentou o olhar de Dunstan, até que o irmão finalmente cedeu, praguejando em voz baixa. — Mandarei dois de meus melhores homens com você, Geoff.

— Obrigado, meu irmão — Geoffrey disse suavemente, erguendo a mão para apertar o braço de Dunstan num gesto de amizade. Por ora, ficou aliviado por saber que tinha se entendido com o irmão.

Sabia que voltar para o castelo seria o mesmo que entrar em um ninho de víboras. Mas e quanto à esposa? Podia contar com Elene como amiga ou inimiga?

Capítulo Doze



Ao partir de Wessex, os sentimentos de Elene já não eram os mesmos de quando chegara. Ao invés de se alegrar, sentia aquela dor, agora familiar, atormentá-la enquanto passava pelos muros externos, e praguejou baixinho. Estaria doente? Ou até mesmo possuída, como Edred costumava alegar?

Não fora ela quem insistira para partir desde o instante em que chegara ao covil do Lobo? Não fora ela quem teimara em ser desagradável, fazendo com que só a tola da Marion a tolerasse? A esposa do Lobo a abraçara e beijara, quase chorando com a partida deles, e embora Elene ainda a achasse desmiolada, não podia negar sua bondade. Agora sentia-se incerta quanto a seu comportamento e a perspectiva de voltar para casa. O velho castelo do Lobo, embora frio, parecia acolhedor, de certa forma, como se o sorriso de Marion e a força de seu marido fornecessem calor ao ambiente, como um raio de luz que atravessa a escuridão.

Em contraposição, seu lar parecia vazio, como se a morte assombrasse cada corredor. Engolindo o nó que sentia na garganta, ela desviou o olhar do castelo que desaparecia e o fixou em um par de ombros largos que seguia à sua frente.

Ao menos ainda tinha Geoffrey.

Aquele pensamento a surpreendeu, trazendo-lhe paz. Falsa segurança, disse a si mesma, mas a sensação persistia, envolvendo-a como um pesado manto e afastando todos os demônios. Franzindo a testa, Elene respirou fundo. Aquela viagem a deixara desgastada. Aliás, por que Geoffrey tinha de arrastá-la pela estrada? Assim que estivessem em casa, não permitiria que ele a tirasse de seu salão, de seu quarto, de sua cama...

A questão de onde dormiria invadiu os pensamentos de Elene, deixando-a ainda mais inquieta. Geoffrey iria dormir no chão ou insistiria em dividir a cama? Elene sentia calafrios ao considerar as possibilidades. Naturalmente, não queria que Geoffrey, grande e nu, se deitasse ao seu lado no antigo quarto de seu pai, mas também não queria dormir no chão. Para dizer a verdade, já se acostumara ao... calor que emanava do corpo dele.

Elene estremeceu, embora a brisa de primavera fosse suave. E se ele quisesse ficar com ela na cama, ela o rejeitaria? Não, pois não negaria a si mesma a pequena e inocente sensação de proximidade que agora lhe permitia um sono tranquilo.

Geoffrey de Burgh exalava calor e segurança da mesma forma que outros homens eram cruéis e gostavam de demonstrar seu poder, já era hora de admitir isso para si mesma. Tinha uma longa cavalgada pela frente, o que lhe daria a oportunidade de reavaliar seu marido. Desde que aparecera em sua vida, ele não fizera nada além de ser cortês e gentil, coisas que ela não merecia. Talvez devesse começar a retribuir.

As dúvidas a assaltavam. Claro que essa atitude levava à vulnerabilidade que evitara a vida inteira. Ou não?

Havia guardado raiva e ódio por tanto tempo que não sabia como ser boa e carinhosa. Outro nó se formou em sua garganta, e ela o engoliu, desviando o olhar da figura atraente do marido para os altos freixos enfileirados a distância. Fortes, mas flexíveis, oscilavam ao sabor do vento, mas não quebravam.

Poderia ser como eles? Elene devia se esforçar, por Geoffrey. Bem recebido por sua família e pelas pessoas que o conheciam e amavam, Geoffrey estava voltando para uma casa onde todos o encaravam com suspeita. E Elene sabia que contribuíra para isso, chamando-o de são Geoffrey e desdenhando de sua gentileza porque não o reconhecia como era: um homem honrado, coisa que jamais sonhara existir.

Elene ergueu o queixo. Assumiria o compromisso de ajudar Geoffrey. E enquanto fizesse isso, poderia vigiar o marido, pois quanto mais se aproximavam de casa, mais convencida Elene ficava de que seus verdadeiros inimigos estavam bem à sua frente.

GEOFFREY OBSERVOU a propriedade com uma mistura de emoções. Embora atento aos conselhos de Dunstan e ao trabalho que teria pela frente, também se sentia orgulhoso. Aquele lugar lhe pertencia, e o manteria, apesar de todas as adversidades. Olhando para a esposa, Geoffrey percebeu que a sensação de posse se intensificava, fazendo-o sorrir, pois ninguém contestaria seu domínio sobre ela, a não ser ela própria. Ao contrário de outros, não precisava temer que outro homem a roubasse!

Contendo o riso, Geoffrey entrou no salão, mas seu contentamento foi substituído por uma curiosa sensação de estar sendo observado. Cuidadoso,

olhou ao redor do cômodo, tentando descobrir quem o observava com malevolência, mas, na verdade, ninguém parecia feliz ao vê-lo.

Então, Serle surgiu apressado para cumprimentá-lo, e sua atenção se concentrou naquele que poderia ter razões para temê-lo. Embora o administrador baixasse a cabeça, submisso, os olhos dardejavam a comitiva, detendo-se nos dois novos cavaleiros com interesse. Seguindo seu olhar, Geoffrey fez um lento aceno com a cabeça, e eles se afastaram do grupo.

Voltando-se para Serle, a estranha sensação desapareceu, e Geoffrey se perguntou se estava imaginando coisas. Tinha esquecido como o castelo e o povo eram estranhos, e embora se considerasse alheio a esse tipo de coisa, não estava imune à atmosfera sombria que impregnava o castelo.

— Perdoe a demora, milorde, mas não achei que voltaria — disse Serle. Geoffrey ergueu as sobrancelhas, questionando as desculpas do administrador.

— Eu disse que voltaríamos depois de algumas semanas com meu irmão — ele disse.

— Sim, mas... — O homenzinho se encolheu visivelmente.

— Mas o quê? — Geoffrey perguntou, tanto curioso quanto irritado. — Acharam que havia mentido? Que abandonaria minhas responsabilidades pelo conforto de Wessex? Ou... — Quase ficou perplexo ao imaginar a hipótese. Achavam que seria morto enquanto estivesse fora? Pelas mãos de quem? Involuntariamente, olhou para Elene, que encarava Serle com mal disfarçado desprezo.

Geoffrey reconhecia aquela expressão, e se perguntou o que aquilo significava. Embora não compartilhasse a mesma opinião que o irmão tinha de Elene, não podia desprezar os avisos de Dunstan. Se realmente havia um inimigo no castelo, precisava concentrar suas forças nisso, o que seria impossível se ficasse sempre questionando os motivos da esposa. Elene era um verdadeiro enigma. Seria mais fácil alcançar as estrelas do que tentar entendê-la, pensou, aborrecido.

— Perdoe-me, milorde, mas aqueles cavaleiros... — Serle murmurou. — São seus homens? — Geoffrey o encarou-o com firmeza.

— Serle, estou surpreso que tenha conseguido manter-se vivo por tanto tempo se questionava seu antigo mestre desta maneira.

Ouviu um suspiro abafado, que mais parecia uma risada feminina. Elene? Ela o estava distraindo novamente, Geoffrey pensou, pois agora preferia procurar a origem daquele som de divertimento do que lidar com o administrador.

— Só pergunto por causa de minhas obrigações, milorde. — Serle curvou a cabeça como se pedisse desculpas.

— Vieram para proteger o castelo e preencher o espaço deixado com a partida de Montgomery — ele acrescentou, com voz alta o suficiente para que os que chegavam o ouvissem.

Então, declarou o prazer de estar de volta e assegurou aos presentes que planejava redobrar seus esforços na recuperação da prosperidade do lugar. Seu eloquente discurso foi recebido por olhares vazios e expressões cautelosas, desanimadoras, mas Geoffrey sabia que ainda precisava demonstrar quem realmente era ao povo, desgastado por um senhor bruto e por uma longa guerra.

Uma voz se fez ouvir:

— Fazem bem em ouvir e atender ao homem que cuida de vocês. — Por um instante Geoffrey se perguntou quem poderia estar falando, mas só precisou acompanhar o olhar espantado de Serle para concluir que era sua esposa. Sua esposa? — E se planejam se opor a meu marido, saibam que não terei piedade de ninguém. Na verdade, farei todos pagarem com a própria vida — ela disse, com sua habitual ferocidade.

Geoffrey sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem enquanto olhava boquiaberto para Elene. Sentiu-se estranho novamente, mas não sabia se por ser alvo das intenções maldosas de alguém ou se por causa da surpreendente ameaça da esposa.

Ela parecia decidida ao desafiá-los, a seu favor. Geoffrey não sabia se deveria ficar insultado pela insinuação de que não podia proteger a si mesmo ou se deveria sentir-se grato pelo apoio.

Preferiu sentir-se grato e, fechando a boca com firmeza, acenou para ela com a cabeça, mas a esposa desviou o rosto, como se incapaz de fixá-lo nos olhos.

Logo sua recepção não pareceu tão insípida.

— Milorde. — Deixando de lado o comportamento da esposa, Geoffrey se voltou bruscamente quando um dos cavaleiros de Dunstan o chamou. Talebot carregava um jarro de barro semelhante aos que havia no depósito, e a expressão em seu rosto encheu Geoffrey de satisfação e desapontamento.

Enquanto Talebot se aproximava, o outro cavaleiro, Malcolm, circundava pelas costas de Serle, cuja atenção estava concentrada no objeto. Os pequeninos olhos do administrador estavam enormemente arregalados e Geoffrey não teve dúvidas quanto à identidade do ladrão, pois tinha obtido as chaves de todos os cômodos do castelo e havia instruído os homens de Dunstan para que vasculhassem os pertences de Serle, que dormia num quartinho da despensa sob o pretexto de preparar poções e guardar ervas medicinais.

— O que é isso, Talebot? — ele perguntou.

— Moedas, bem escondidas sob cera de abelha — o cavaleiro respondeu de modo controlado. — E joias, escondidas entre as frutas secas. — Ele estendeu a mão, exibindo um enorme rubi. Geoffrey olhou a pedra com ódio.

— Agora vejo por que esperava que eu não retornasse — ele disse, encarando o administrador. — Queria continuar roubando, assim como fazia com Fitzhugh?

Por um instante, Serle tremeu, e parecia prestes a chorar. Então, mirou os olhos em outra pessoa.

— Foi ela! — ele gritou, apontando para Elene com o dedo esticado. Todos no salão se espantaram. O silêncio que se seguiu foi tão profundo que Geoffrey pôde ouvir a respiração carregada do administrador.

Embora só tivesse visto de relance o espanto da esposa, que logo assumiu sua costumeira expressão selvagem, isso bastou para que Geoffrey soubesse que ela não tinha conhecimento do roubo.

Serle acreditava que Geoffrey seria facilmente ludibriado.

— Ela me obrigou. Ameaçou-me de morte, milorde — ele gritou, caindo aos pés de Geoffrey, suplicante. — Já a ouviu fazendo ameaças. É uma criatura maligna, como Edred diz! Se não temesse por minha vida, não teria obedecido a ela, milorde. Proteja-me dela e juro que lhe servirei com gratidão.

— Como se atreve? — Geoffrey exclamou, dominado pela fúria, desembainhando a espada. O administrador era a personificação de tudo que odiava: traição, roubo e covardia. Tendo roubado o castelo, em detrimento do próprio povo, queria agora culpar Elene! O ultraje fez Geoffrey erguer a arma, preparado para cortar a cabeça daquele homem, mas a razão o impedia. Matar Serle não mudaria o que as pessoas pensavam de sua esposa.

Viu um homem de cabelos brancos se esgueirar para fora em silêncio. Percebendo que até mesmo o patético padre fugia de sua demonstração de fúria, Geoffrey abaixou um pouco a arma.

Mas a raiva era grande demais para ser contida por seu temperamento erudito. Virando-se, Geoffrey girou a espada e a apontou para as pessoas amontoadas ao redor.

— Basta de fofocas e calúnias. Elene é minha esposa e não quero ouvir maledicências a seu respeito — ele esbravejou. Ignorando as expressões desconcertadas de sua plateia, Geoffrey simplesmente os desafiou a contestá-lo, mas ninguém se mexeu ou emitiu qualquer som. Mais calmo, olhou para o trêmulo Serle.

— Quanto a você... Não preciso de um homem no qual não posso confiar, e que ainda tenta culpar uma mulher. Talebot, coloque-o para fora e certifique-se

para que não leve nada senão as próprias roupas do corpo. Está banido de minhas terras e das de meu senhor.

— Não, tem de pagar por meus anos de serviço! Os Fitzhugh me devem dinheiro! — Serle gritou. Implorou e gritou ameaças enquanto era arrastado para fora, mas Geoffrey não lhe deu atenção. Guardando a espada, olhou para Elene, sentindo-se estranho por tê-la defendido com tanto ímpeto.

Geoffrey não sabia que reação esperar de Elene. Poderia ter ficado insultada, por isso se preparou para ouvir a série de injúrias que arruinariam tudo o que fizera para interceder por ela.

Mas, como sempre, ela o surpreendeu. Por trás da massa de cabelos, os olhos dela encontraram os dele.

Por um instante, sentiu uma afinidade que não tinha qualquer relação com os votos de casamento. Era uma união mais profunda, de respeito mútuo, que nem ele conseguia explicar. A expressão dos olhos âmbar o impediu de lamentar seu acesso de raiva.

Afinal, ela era sua esposa.

COM A expulsão de Serle, Geoffrey esperava poder recomeçar com a ajuda das gemas e moedas acumuladas pelo administrador. Ordenou o reparo imediato das cercas, o aumento das áreas de plantio e encorajou os aldeões a aumentarem a própria produção.

Infelizmente, seus esforços para conquistar o povo não obtinham sucesso. Era frustrante estar sempre lutando para ser aceito, e Geoffrey, às vezes, ouvia cochichos suspeitos ou percebia olhares furtivos, que o faziam se perguntar o que falavam. Será que pretendiam se voltar contra ele?

Quanto ao seu outro problema... Não importava o quanto se concentrasse, os pensamentos de Geoffrey sempre se dirigiam para a esposa. Algo mudara entre eles, como se tivessem feito uma estranha aliança.

Dormiam juntos agora, mas ela sempre se deitava primeiro, completamente vestida. Aguardava até que ela tivesse caído no sono para que pudesse se deitar. Do contrário, ambos ficariam acordados, atentos e...

Geoffrey fechou o livro, perturbado com o rumo de seus pensamentos. Quando estava trabalhando, ela sempre invadia sua mente; quando andava, seus olhos sempre a acompanhavam, como se nunca ficassem saciados em vê-la. Em poucos dias, uma nova tensão crescera entre eles, que, em vez de ameaças, envolvia sentimentos mais profundos e primitivos. Impregnavam o ar como se

fossem faíscas prestes a explodir. Inclinando a cabeça para trás, Geoffrey deixou escapar um suspiro.

Estava ficando obcecado com a esposa.

Deixando o livro de lado, olhou para ela, que tentava desajeitadamente remendar as sapatilhas. Ela precisava de um par novo, pensou. Ordenaria que lhe fizessem um no dia seguinte. O longo cacho de cabelo que caía sobre um dos seios chamou sua atenção, e ele se viu imaginando qual seria a sensação de senti-lo deslizando sobre seu corpo, como as águas de um rio. Estavam muito embaraçados, disse a si mesmo, mas mesmo assim queria...

Suspirando, Geoffrey, que estava sentado em frente à lareira, ergueu-se sem saber ao certo o que queria. Se ela gostava do cabelo tão longo, por que não cuidava dele? Não era uma criança, podia escová-los sozinha. Incomodado, atravessou o quarto e se postou na frente dela.

— Nunca os escova? — ele exclamou.

Uma das características daquela frágil aliança era a ausência das ameaças com os punhais. Naquele instante, ela apenas o encarou. Então, quando pareceu entender ao que ele se referia, baixou o queixo e permitiu a rebelde expressão de raiva tomar seu rosto.

— Não! Gosto deles assim, De Burgh! Se você não gostar, melhor!

— Então, deixe-me escová-los — Geoffrey disse, sentindo o coração acelerado. Ela ficou atônita com a proposta. As palavras pareciam pulsar no ar, carregadas de significados velados. Enquanto o silêncio se arrastava, Geoffrey começou a se sentir estranho e inquieto. Irritado consigo mesmo, não podia retirar o que dissera, apesar da ansiedade pela resposta.

— Escovar meus cabelos? Está louco? — Quando Elene finalmente falou, foi com aquele tom estridente que Geoffrey tanto odiava. Correu até a porta, como se achasse que ele realmente estivesse ensandecido. Praguejando, saiu do quarto, batendo a porta com estrondo.

Frustrado, Geoffrey se amaldiçoou por sua tolice. Ela nunca mudaria. Respirando fundo, disse a si mesmo que era imprudente perturbar a trégua que havia entre ambos. Mas, apesar de toda a lógica, suas mãos ainda ansiavam por tocar aqueles cachos desmazelados. E outras partes de seu corpo faziam eco aos seus sentimentos.

Suspirando, Geoffrey se deitou. Ao menos conseguiria dormir, concluiu. Tirando as roupas rapidamente, deixou a vela acesa e se acomodou entre as cobertas, mas o leito parecia frio e vazio sem Elene ao seu lado. E permaneceu

acordado por longo tempo, esperando ouvir os passos dela e se amaldiçoando por isso.

Capítulo Treze



Na fraca luz do fim do dia, Elene entrou no antigo quarto. Tinha deixado a mesa mais cedo, depois de mal tocar na ceia, sentindo uma inquietação nauseá-la. Sentia-se assim desde a noite anterior, por isso fora procurar o velho baú que ficava aos pés de sua cama. Com um grunhido irritado, Elene se ajoelhou defronte ao baú, afastando as roupas velhas, até tocar em algo achatado. Com os dedos trêmulos, puxou o objeto para fora e o segurou com cuidado. Um pequeno espelho de prata, um dos objetos mais preciosos de sua mãe, ficara a salvo da ambição de seu pai pelo desuso. Agora, pela primeira vez em anos, fora compelida a se ver nele.

Segurando-o sob a luz que ainda passava pela janela, Elene franziu o cenho, deixando escapar uma pequena exclamação de desgosto. Ferozes olhos amarelados a encaravam em meio a um emaranhado de cabelos pardos, assustando-a com a visão. Tinham servido bem aos seus propósitos, mas agora... Silenciosamente, Elene se perguntou se poderia abandonar seus antigos hábitos. Estavam tão enraizados que não tinha certeza de conseguir. Baixou o espelho, irritada, odiando a imagem que vira.

Era tudo culpa de Geoffrey.

Ele era a fonte de todos os seus problemas, especialmente das dores e sentimentos estranhos que afligiam seu corpo e sua alma. Ele a fez enxergar-se como era, e o pior, a fez ansiar coisas... misteriosas e indefiníveis.

Franzindo a testa, Elene desejou nunca ter deixado Wessex, pois tudo começara quando voltaram para o castelo e o homem que chamava de santo se tornara um anjo vingador. Elene enrubesceu, sentindo calafrios ao lembrar de Geoffrey desafiando todo o salão por ela. Além de sábio, ele era mais astucioso do que poderia supor. Prova disso fora a rápida descoberta dos roubos de Serle.

Seu rosto ficou ainda mais vermelho ao lembrar do discurso que fizera em favor dele. Não sabia se suas palavras tinham ajudado ou não, mas fora impossível continuar em silêncio. Quando viu a fria recepção e o observou prometer tantas coisas, recebendo tão pouco em troca, Elene ficara irada. Não sabia quem havia se sentido mais chocado com suas ações: as pessoas ou ela

mesma, pois nunca erguera um dedo para ajudar ninguém. Todas as batalhas que lutara foram para proteger a si mesma.

Balançando a cabeça com força, Elene disse a si mesma que zelava por Geoffrey porque não queria ser forçada a se casar novamente. Estavam vivendo em trégua, e se esforçava por mantê-la, mas não havia mais nada que os aproximasse a não ser a casa. E a cama. E a oferta para escovar seus cabelos...

Elene estremeceu. Ficava horrorizada e intrigada sempre que considerava a oferta. Ninguém jamais cuidara dela, a não ser a mãe. Por que o deixaria tocá-la? E, mais importante, por que ele queria fazer aquilo?

Franziu a testa, porque, em vez de ameaçar o marido com o punhal, fugira como uma criança assustada. Prometera a si mesma tentar ser mais gentil com ele e não ficar usando a arma, mas temia descobrir a verdade por trás de sua fuga. Não era covarde. Havia aprendido anos antes que era melhor enfrentar o perigo com uma arma do que se esconder em um canto, esperando.

Por isso, na noite anterior, voltara para o quarto e se deitara ao lado dele. A ameaça não estava mais presente, ou era isso o que acreditara, pois ele se mexeu, virando-se para ela na escuridão.

— Elene? — ele murmurou com voz rouca, fazendo-a estremecer.

Então ela sentiu o braço envolvê-la, puxando-a mais para perto, tanto que mesmo com o vestido pôde sentir suas costas queimarem com o calor de seu peito, suas pernas sentindo os músculos firmes das coxas, deixando-a tonta e sem fôlego. Ela ficou quieta, sem saber o que fazer, até sentir a mão dele deslizar até sua cintura, a respiração baixa e regular em seus cabelos. Nunca pensara em permitir que um homem a tocasse assim, mas ele estava dormindo e não lhe faria mal algum.

Ao menos fora o que dissera a si mesma no silêncio da noite antes de relaxar e fechar os olhos. Esquecida de todas as ameaças, havia permitido que Geoffrey a abraçasse, transmitindo um conforto além do imaginável.

Elene piscou. Seus ossos pareciam ter se derretido com a lembrança, mas afastou a letargia que a envolvia, pois sabia que o perigo que seu marido representava ainda não fora eliminado. Nem seus próprios receios. Conseguira superar o medo da proximidade, mas não deixaria que a covardia a impedisse de aceitar aquele desafio. Já fugira de Geoffrey por tempo demais.

Relutante, olhou novamente para o espelho. Hesitou antes de erguer a mão e tocar os cabelos. Despenteados e sujos, pareciam repulsivos, e ela logo os soltou, praguejando.

A náusea que sentia se intensificava. Sentimentos estranhos que não ousava enfrentar a atormentavam, e Elene temia o que poderia acontecer se cedesse. Se permitisse que ela... fosse ela mesma... como sobreviveria? Quem a protegeria?

A resposta surgiu na escuridão da noite, um nome que transmitia força e segurança. Elene piscou, percebendo como ficara escuro enquanto divagava sozinha. Ergueu-se com impetuosidade e respirou fundo.

Era hora de enfrentar seus demônios.

DEITADO, GEOFFREY mudou de lado e olhou para o livro que Marion lhe dera. Normalmente, teria absorvido cada página, mas mal conseguira ler uma frase. Deveria ter ficado lá embaixo em vez de vir para o quarto tão cedo, mas não encontrara Elene e estava preocupado com ela. Ela parecera tensa durante a refeição e mantivera-se bem afastada dele, com olhar sério.

Geoffrey já havia concluído que passara dos limites na noite anterior. Franziu o cenho, sentindo-se culpado, sabendo que tinha rompido a trégua entre eles por causa de seu desejo absurdo de cuidar daqueles cabelos. Sabia que Elene odiava ser tocada e rejeitava qualquer chance de aproximação. Deveria aceitar aquelas condições o quanto antes, mas...

Ao ouvir a porta se abrindo, Geoffrey ergueu os olhos e suspirou, aliviado. Lá estava ela. Disse a si mesmo que era melhor ficar atento para evitar qualquer ataque, mesmo que soubesse que aquilo era mentira. Gostava de olhar para ela, apesar do cabelo desgrenhado e da expressão sempre zangada. Havia algo nela que o agitava como nenhuma dama bem penteada e educada conseguira.

Quase se sobressaltou quando viu as novas sapatilhas. Ela as aceitara sem comentários, com um pouco de cautela nos olhos, mas Geoffrey estava feliz por ver que as usava. Tentando imaginar que formas teriam as pernas por baixo daquele vestido, deixou sua atenção vagar pelo corpo dela até ver um braço estendido em sua direção.

E agora? Estaria brandindo uma faca ou planejava estrangulá-lo? Com um suspiro, ele se sentou e olhou para a mão dela, mas ficou pasmo, o coração batendo com força em seu peito, pois ela não portava arma alguma, mas segurava uma escova de cabelos.

Por um instante, Geoffrey permaneceu sentado, aturdido. Abandonado por sua eloquência, ergueu as sobrancelhas em mudo questionamento enquanto ela permanecia com o braço estendido, parada, silenciosamente oferecendo a escova e, presumia, seu consentimento para usá-la.

Geoffrey se ergueu lentamente, temendo fazer movimentos bruscos. Era como se uma corça tivesse saído da floresta para vir comer em sua mão, mas, apesar da ansiedade que sentia, lutava para se controlar. Não queria fazer a esposa sair correndo como um animalzinho assustado.

A ideia fez seu coração bater freneticamente, mas Geoffrey se esforçou para respirar calmamente enquanto pegava a escova. Elene permitira que cuidasse de seus cabelos desgrenhados, só isso, dizia a si mesmo. Mas o pensamento de tocá-los o deixava sem fôlego. Para disfarçar sua ansiedade, andou até a manta de pele que havia no chão e, depois de um momento de hesitação, Elene se sentou desajeitada. Colocando um banquinho atrás dela, Geoffrey parou, abalado ao vê-la com a cabeça inclinada. Engoliu em seco, afetado com a visão, pois sabia o quanto ela devia confiar nele para lhe dar as costas, e jurou que não a desapontaria.

Sentando-se, Geoffrey logo esqueceu da promessa. O cabelo, fonte de sua obsessão, caía como uma cascata de cores que faziam sua cabeça mergulhar em pensamentos outros que não apenas penteá-los. Queria enterrar o rosto neles, senti-los com a mão e afastá-los dos ombros para que pudesse beijar sua nuca...

Concentrando a atenção na tarefa que tinha, tentou usar a escova sem tocar em Elene, mas era impossível. Os cabelos estavam muito embaraçados e formaram um nó com a primeira escovada. Tentou desfazê-lo com as mãos, mas era um trabalho demorado.

— Não seria melhor cortar os nós? — ele disse, mas ela se afastou.

— Não! Se usar a tesoura, arrancarei seu fígado! — ela avisou, erguendo-se.

Pressionando seu ombro gentilmente, Geoffrey a fez sentar-se. Não a deixaria sair antes de terminar seu trabalho.

— Bem, então será melhor molhá-los — ele disse.

Embora relutante em se afastar dela, Geoffrey foi até a porta e mandou um criado trazer água quente e uma pequena tina. Para sua surpresa, Elene não protestou, mas ele não perdeu tempo, temendo que ela mudasse de ideia. Voltou a tentar desfazer o nó e, quando finalmente conseguiu, deixou escapar um suspiro de alívio abruptamente interrompido quando viu os longos fios caídos sobre seu colo. Sentiu-se excitado enquanto admirava as mechas que cobriam suas coxas, como algo que fizesse parte de seus mais secretos desejos.

Teria ficado ali para sempre se a porta não tivesse sido aberta. Ao ver o criado, mexeu-se desconfortável, e ordenou que colocasse a tina ao seu lado. Quando o criado saiu, colocou a tina no banquinho e molhou os cabelos dela. Embora a

interrupção tivesse lhe dado a oportunidade de recobrar o controle sobre si mesmo, suas mãos tremiam enquanto corria os dedos pelos cabelos de Elene.

— Incline a cabeça — Geoffrey ordenou.

Elene parecia alheia ao que acontecia, mas obedeceu prontamente. Ao ver o rosto claro, os olhos fechados, Geoffrey ficou abalado como nunca imaginara ser possível.

Tentando se concentrar na tarefa, Geoffrey usou um sabonete perfumado nos cabelos molhados. Sentia os fios abundantes e lisos em seus dedos, enquanto sua excitação aumentava. Enxaguando-os com a água quente, o adocicado perfume de flores do sabonete se misturava ao perfume almiscarado de Elene, deixando-o tonto.

Geoffrey concluiu que nunca tivera um contato tão íntimo com uma mulher, nem mesmo com aquelas com quem se deitara. Nunca imaginara que o simples ato de lavar os cabelos da esposa pudesse ser tão erótico.

Pegando uma toalha de linho, Geoffrey ergueu a pesada massa de cabelos e os envolveu no tecido. Podia ver por que Elene não queria cuidar dos cabelos: era óbvio que demoravam a secar. Não deveria tê-los lavado à noite, pensou, o coração acelerado com as imagens que se descortinavam em sua mente. Elene indo para a cama, o cabelo liso e úmido tocando seu corpo nu, suas mãos, sua boca...

Praguejando baixo, Geoffrey comprimiu os cabelos e pegou outra toalha para apertá-los até que parassem de pingar. Com isso, acabou ficando ensopado, e embora a noite estivesse quente, estremeceu. Não sentia frio, mas conteve a vontade de tirar a túnica. Irritado com a própria falta de controle, jogou a toalha no chão. Teria de sofrer as consequências daquele tormento sem reclamar.

Ela era linda! Tudo o que queria era levá-la para a cama. Mas não podia. Permaneceu parado, preso por seu próprio sentido de honra. Ela confiava nele.

Com a culpa a corroê-lo, Geoffrey refreou seus instintos. Rangendo os dentes, ele se sentou novamente, reprimindo um gemido enquanto a virilha latejava de dor.

Ignorando a sensação, pegou a escova e voltou a se concentrar nos nós. Incapaz de falar coerentemente, trabalhou em silêncio enquanto a noite avançava, até finalmente conseguir deslizar a escova da raiz até as pontas com um único movimento.

Então parou. Olhou com admiração para sua obra, pois os cabelos de Elene agora caíam lisos e macios por suas costas, com um brilho que ele jamais vira antes, tão adoráveis que nem seus irmãos poderiam negar sua beleza.

A luz das velas se refletia nos longos fios, uma vívida mistura de tonalidades que despertaria a inveja de qualquer mulher, Geoffrey concluiu, enquanto ajudava Elene a se erguer. Ela ficou de pé, piscando surpresa, como se tivesse acordado de um sonho, mas logo assumiu sua habitual expressão de suspeita.

Geoffrey suspirou, afastando o olhar. Podia se orgulhar de seus esforços, mas teria de se contentar com isso. Desejar mais seria um desastre.

Capítulo Catorze



Geoffrey foi até a mesa com um pequeno pacote debaixo do braço. Não vira Elene pela manhã, mas esperava encontrá-la durante a refeição. Colocando o embrulho debaixo da cadeira, ele enrubesceu, sentindo-se embaraçado pelo presente que escolhera com tanto cuidado. Algo havia mudado entre eles na noite anterior. Elene confiara nele o suficiente para permitir que se aproximasse, por isso queria celebrar aquele novo pacto.

Enquanto cuidava de suas obrigações, Geoffrey passou horas rejeitando ideias: flores, joias, doces. Elene era... incomum, e precisava de um presente que a agradasse e marcasse a ocasião. Já havia praticamente desistido quando, antes da hora do almoço, teve a resposta. Na hora, acreditou que tinha encontrado o presente ideal para demonstrar seus sentimentos. Agora, no entanto, remexia-se inquieto na cadeira, como um menino ansioso. Disse a si mesmo que não tinha por que se inquietar, mas nunca sabia como Elene reagiria. Apreciaria o mimo, ou o jogaria em seu rosto com desdém?

Limpando a garganta, Geoffrey pegou o copo de cerveja, mas o recolocou no lugar sem tomar um gole quando viu a esposa entrando no salão. Como estava diferente! Mas não era só por causa do cabelo que caía livremente sobre seus ombros. Ela andava com graça, sem o eterno olhar que dardejava o lugar como se à espreita de um inimigo.

E ele não era o único a notar a mudança, pois o salão ficou em silêncio enquanto todos olhavam, alguns furtivamente, outros de modo mais direto, para a senhora do castelo. Observando o porte elegante, Geoffrey sentiu um aperto no peito que não era causado pelas batidas aceleradas de seu coração. Também não era desejo, mas algo diferente. Geoffrey tomou um rápido gole de sua bebida antes de cumprimentar a esposa com um sorriso. Amizade! Era isso o que queria construir, e o presente serviria para firmar aquela relação.

A refeição estava deliciosa, ficava cada dia melhor. Somente a sensação de que era observado ofuscava sua satisfação. Olhou ao redor, mas não viu ninguém com os olhos fixos nele. Dando de ombros, Geoffrey deixou de lado a sensação e

escolheu algumas das primeiras cerejas da estação. Sentiu água na boca e sorriu, saboreando a fruta. Inclinando-se, ofereceu uma das maiores para Elene.

Para sua surpresa, ela se esquivou, piscando para a fruta e, então, para Geoffrey, assustada.

— O que foi? Não quer? — ele perguntou.

Olhando para a cereja, ela balançou a cabeça lentamente.

— Não. Eu... não sei... — ela disse, um tanto insegura, mas logo tomou a fruta dos dedos dele como se o contato pudesse queimá-la.

Como sempre, Geoffrey não soube o que fazer quanto ao estranho comportamento de Elene, mas quando ela colocou a fruta na boca, fez uma careta.

— Acho que não está madura — ela comentou.

Era óbvio que ela não havia gostado da oferta, por isso Geoffrey tentou não rir enquanto comia as cerejas restantes com prazer.

— Prefiro-as assim — ele disse, entre uma fruta e outra. — Não gosto das adocicadas. — Por que ela estava enrubescendo? Geoffrey sentiu as próprias bochechas arderem ao perceber que suas palavras podiam ter outro significado, mas manteve os olhos fixos nela. Elene foi a primeira a desviar o olhar e, murmurando um pedido de licença, começou a se levantar.

— Não, espere. Tenho algo para você — Geoffrey disse, segurando-a pelo pulso. Sentindo-se peculiarmente vulnerável, Geoffrey exibiu o presente.

Elene hesitou, mas quando ele colocou o fino pacote em suas mãos, sentou-se lentamente. Ela ficou em silêncio. Geoffrey não podia imaginar o que ela sentia, por isso aguardou, observando-a com mais agitação do que queria admitir. Era um livro de salmos, presente perfeito para uma mulher por causa das belas iluminuras. Finalmente, Elene tocou a capa de couro com o dedo, como se estivesse maravilhada, e o aperto no peito de Geoffrey se dissipou. Sentia a mesma admiração por seus volumes mais preciosos, e saber que tinham algo em comum o fazia sentir maior afinidade com a esposa.

— Abra — Geoffrey insistiu, impaciente.

Ela demorou a atendê-lo, mas quando tocou uma das páginas coloridas, traçando com os dedos as bordas detalhadas, ele sorriu feito bobo. Mesmo assim, ela continuava calada. Será que a barulhenta Elene tinha ficado muda? Então, ela ergueu a cabeça e o fitou por entre os fios de cabelo que haviam caído sobre seu rosto.

— É lindo — ela respondeu, com voz tão suave que ele mal pôde ouvir. Encorajado, Geoffrey virou para a primeira página.

— Leia a dedicatória — ele disse, não mais constrangido pelas palavras que escrevera. Na pressa de chegar logo ao salão, escrevera a primeira coisa que lhe viera à mente, sabendo que poderia lamentar depois. Mas agora não se arrependia.

— Não posso — ela sussurrou. Baixando o queixo e fazendo com que os cabelos caíssem sobre o rosto, ela se ergueu. Novamente, ele a impediu, segurando-a pelo pulso.

— Mais tarde, talvez? — ele perguntou, um tanto envergonhado por implorar aquele favor à esposa.

Ela meneou a cabeça, afastando-se dele. Como ele não a soltasse, ela falou, com fúria na voz, mas tão baixo que só ele pôde ouvi-la:

— Eu não sei ler.

Geoffrey ficou boquiaberto, incapaz de acreditar no que ouvia. Surpreso demais para falar, ele a soltou, capaz apenas de observá-la se afastando sem olhar para trás.

Elene não sabia ler.

Geoffrey deixou escapar um suspiro de consternação. Aquilo não era tão surpreendente. Muitas pessoas, mesmo nobres, não sabiam porque não viam utilidade na leitura. Nem mesmo seus irmãos teriam aprendido se não fosse o exemplo de Campion. E, de todos eles, Geoffrey fora o único que estudara por mero prazer.

Provavelmente, era por isso que Elene não fazia sua parte como castelã. Se não lia, também não devia saber fazer contas. Não havia vergonha alguma nisso, mas o fato o atingiu profundamente. Geoffrey balançou a cabeça novamente, espantado por perceber como Elene era diferente da esposa que imaginara ter um dia. Não importava o quanto tentasse encobrir a verdade: Elene era o oposto de tudo que admirava e respeitava.

Geoffrey mal percebia o que acontecia ao seu redor. Podia ouvir os murmúrios das pessoas que comiam e andavam pelo salão, mas as palavras não faziam sentido. De repente, o castelo e tudo o que ele representava pareciam capazes de lhe roubar a própria vida. Precisava de ar fresco e de um lugar calmo para pensar.

Passando por Edred, que o olhava com interesse, Geoffrey se dirigiu ao pátio. Não estava com paciência para falar com o padre, ainda mais agora que a paz pela qual tanto lutara parecia falsa e vazia, capaz de corroê-lo por dentro. Ignorando os sussurros de espanto daqueles que estavam por perto, Geoffrey saiu.

Mas, mesmo enquanto caminhava para o pátio, sabia que nunca estaria livre de suas responsabilidades ou da mulher que era sua esposa.

ELENE PASSOU a tarde amolando os punhais, amolando cada um até adquirirem uma ponta bem afiada, planejando enterrá-los na garganta de Geoffrey. Girando a pequena roda como costumava fazer no passado, tentou reunir raiva suficiente para se vingar, mas sua antiga disposição falhava.

Embora detestasse admitir, sentia uma dor tão profunda que desprezava a si mesma. Mas o pior era a possibilidade de outros terem visto sua fraqueza! Praguejando, desejou nunca ter descido para comer, pois ao menos não seria humilhada na presença de tantos! Infelizmente, sempre fazia as refeições no salão porque, todas as vezes em que tentava comer sozinha, Geoffrey logo aparecia para se juntar a ela. Embora não gostasse de ficar com os outros no salão, pior era ficar com Geoffrey no quarto, pois tinha a sensação de que não havia ar suficiente para ambos.

Ah! Tola! Bem merecia isso por se deixar afetar por um rosto bonito! Essa era sua recompensa por tentar mudar por ele! Elene reprimiu um soluço. Largando um dos punhais no chão, começou a amolar o outro, com raiva.

Pela primeira vez desde a morte da mãe deixara que alguém tocasse não apenas seu cabelo, mas também algo que estava enterrado bem fundo. E o que ganhou com isso? Tentou rir, mas tudo o que conseguiu foi um murmúrio amargo. Tola! Confiança só causava aflições. Todo o salão testemunhara sua vulnerabilidade. Se outros suspeitassem, como poderia se proteger?

Como se para zombar dela, o nome da noite anterior ecoou em sua mente, fazendo Elene se sentar e deixar de lado o punhal. Ela não o via tão relaxado desde Wessex, e quando ele lhe ofereceu a cereja... Elene corou só de lembrar o rosto sorridente e tranquilo, como se oferecer o melhor pedaço de sua comida fosse a coisa mais natural do mundo. Exatamente como o Lobo agia com a esposa.

Tinha visto aquela expressão de espanto várias vezes em outras faces, mas não pudera suportar a reação de Geoffrey. Embora tivesse dado as costas e fingido que não se importava, ficara tão ferida quanto se ele tivesse transpassado seu coração com uma espada.

Engolindo outro soluço, Elene olhou para a janela e percebeu que a ceia logo seria servida. Sabia que a Fitzhugh deveria descer ao salão e despejar toda a sua fúria em qualquer um que ousasse zombar dela, mas Elene já se cansara desse

fingimento. Agora que tentava ser ela mesma novamente, a antiga armadura não lhe servia mais.

Quando ouviu a porta sendo aberta, ficou sobressaltada e voltou a afiar a arma. Não voltou os olhos, mas sabia quem havia entrado. O quarto parecia vibrar com a força de sua presença, e o cheiro fresco a seduzia ainda mais.

A roda girava com incrível rapidez enquanto ela olhava para o punhal. Embora soubesse que devia se erguer e gritar, não conseguia. Magoada, nem mesmo podia olhar para ele, porque tinha medo do que veria em seus olhos. Covarde! Assustada com a própria fraqueza, continuou com seu trabalho até que Geoffrey parou na sua frente. Quando ele se agachou, não teve escolha senão encará-lo, então baixou o queixo e escondeu o rosto sob os cabelos.

Estava mais bonito do que nunca. Será que planejava insultá-la ainda mais? Ou a deixaria por ser indigna como esposa? Mesmo perdida em lástimas, Elene sentiu uma onda de pânico dominá-la ao pensar em nunca mais vê-lo e ficar mais sozinha do que nunca.

— Sinto muito — ele disse, e Elene piscou, confusa com o que ele dizia. — Não há vergonha alguma em não saber ler — ele continuou, o olhar acolhedor fixo nela. — Fiquei surpreso, foi só isso. Sabe como sou no que diz respeito aos livros — ele disse, com um sorriso sentido. Elene apenas o fitava. Nunca em sua vida alguém lhe pedira desculpas por algo, mas aquele homem forte e poderoso estava ajoelhado diante dela, arrependido.

— Trouxe o livro — ele disse, erguendo o volume com uma das mãos. — É um presente. Não importa o que faça com ele, gostaria que ouvisse a dedicatória. — Para espanto dela, a voz soou rouca e trêmula quando ele abriu o livro e leu, alto: — Para Elene, esposa por acaso, companheira por opção.

Em silêncio, a cabeça abaixada como se não ousasse encará-la, Geoffrey fechou o livro, e Elene sentiu uma pressão estranha nos olhos. Foi tomada por uma vontade imperiosa de abraçá-lo...

Alheio aos pensamentos dela, Geoffrey colocou o livro no chão e segurou as mãos dela.

— Juro que não pretendia ofendê-la de maneira alguma, Elene, e se me perdoar, ficaria feliz em ensiná-la a ler. Se quiser, lógico — ele acrescentou rapidamente. A sinceridade tão típica de Geoffrey era visível em seu rosto, e Elene sentiu algo se despedaçar dentro dela. Ele a ensinaria a ler, o que era um presente incalculável, um ato tão abnegado que ultrapassava qualquer gentileza!

— Geoffrey — ela sussurrou, e então, cedendo ao seu desejo, jogou-se nos braços dele. Ele a abraçou, oferecendo calor, segurança e alento, fazendo com

que Elene pressionasse o rosto contra seu peito.

— Foi minha culpa. Estava tão cheio de mim, fui tão prepotente.

Elene sorriu com aquela descrição, embora não concordasse. Em sua mente, seu marido assumira um aspecto divino. Concluiu que seria capaz de lhe perdoar qualquer coisa.

Por um bom tempo, Elene ficou aninhada nos braços dele, gradualmente sentindo uma mudança que bem afirmava sua condição mortal. Podia ouvir o coração dele bater rapidamente, mas permaneceu parada, sem saber o que fazer. A palma da mão dele, apoiada em suas costas, movia-se num afago lento que adquiria outro ritmo. Ela prendeu o fôlego.

Será que ele a beijaria? Embora o calor a invadisse ao pensar nisso, Elene estremeceu, porque pela primeira vez em sua vida desejava que um homem, Geoffrey, a beijasse. Na verdade, queria que ele a deitasse no chão e implorasse para ser tocado como fizera antes. Elene ergueu a cabeça, ansiosa, temendo perder a coragem, mas Geoffrey apenas afastou seus cabelos com uma carícia suave.

— E agora? Descerá comigo para a ceia ou pretende me matar? — ele disse, com um sorriso.

— Na verdade, planejava usar sua garganta para testar se minhas armas estavam bem afiadas — Elene disse, afastando os braços. Escondendo seu desapontamento, levantou-se e tentou fingir-se zangada. Ela o viu sorrindo, mas não fez o mesmo. O momento se fora, e Elene devia se sentir feliz por isso.

Mas não estava.

Durante toda a refeição, olhou furtivamente para o marido. Com a respiração agitada, estremecia com as imagens de todas as vezes em que estivera nos braços de Geoffrey. Recuperou a coragem da noite anterior e decidiu dar mais um passo. Quando o marido se virou para ela e lhe ofereceu o melhor pedaço de carne, Elene já sabia o que devia fazer.

Já era hora de oferecer algo a Geoffrey.

GEOFFREY AINDA estava acordado. Embora Elene parecesse ter dormido logo, ele não conseguia parar de pensar que sua insensível arrogância quase destruíra o pouco que tinham construído.

Só depois de um tempo sozinho pôde lamentar sua reação e ter a ideia de se oferecer para ensiná-la. Achou que sua oferta seria muito generosa, mas se encheu de culpa quando foi falar com ela, pois quando entrou no quarto viu que a magoara profundamente com seu desprezo.

Todos diziam que ela não tinha sentimentos, mas quando se ofereceu para ensiná-la... Céus! Por um instante pensou que a esposa choraria de alegria e gratidão, fazendo-o sentir-se ainda pior. Para ele, a sugestão não passara de um capricho, porém para ela significava muito mais: conhecimento. Sentiu-se envergonhado por não ter pensado na educação dela antes. Estivera muito ocupado com seu orgulho para descobrir qualquer coisa sobre a esposa.

Suspirando suavemente, Geoffrey recostou a cabeça no travesseiro, e de repente sentiu um leve roçar de dedos em seu peito. Aparentemente, Elene estava se mexendo durante o sono, pois dificilmente o tocaria por vontade própria. Suspirando novamente, Geoffrey segurou a mão dela, impedindo que continuasse se movendo. Passando o braço pelos ombros macios, puxou-a mais para perto, acariciando distraidamente a pele suave enquanto pensava em suas falhas.

Iria recompensá-la. Não tinha tantos afazeres no dia seguinte, então poderia começar as lições imediatamente. Se fosse paciente, poderia se redimir por sua falta de consideração pela esposa.

Pele? Geoffrey quase saltou da cama quando percebeu o fato. Devia estar sonhando, pois Elene sempre dormia vestida. Vagarosamente, Geoffrey deslizou o polegar pelo braço, sentindo a pele nua. Então, impaciente, deslizou a mão até o pescoço dela, ficando surpreso ao descobrir que ela estava apenas com as roupas de baixo. Ela devia ter tirado o vestido antes de dormir, mas por quê? Estaria com calor? Embora a noite estivesse quente, um lençol cobria ambos.

Afundando a cabeça novamente no travesseiro, Geoffrey engoliu em seco. Como dormiria agora? Se não bastasse estar nu, agora só havia entre eles uma fina camada de linho, macia e gasta pelo tempo de uso. Ao pensar nisso, sentiu todo o corpo ficar tenso, mas não ousou se mexer, temendo um acesso de raiva por parte de Elene caso acordasse.

Ficando de lado, Geoffrey tentou pensar com clareza, mas era difícil com o joelho de Elene roçando suavemente em sua coxa. Conteve um gemido, já determinado a se aliviar sozinho, porém sentiu algo mais surpreendente: a mão dela tremia sob a sua.

Geoffrey abriu os olhos imediatamente, mas só conseguia distinguir formas vagas. O quarto estava mergulhado nas sombras, e apenas o fraco luar fornecia alguma luz. Esperou os olhos se acostumarem com a escuridão antes de observar Elene. Apesar das evidências, tinha certeza de que ela só estava sonhando. Mas o coração de Geoffrey começou a acelerar quando seus olhos encontraram os dela, bem abertos e fixos nele.

Assustado, Geoffrey quase se afastou. Quantas vezes ela o ameaçara para não a tocar? Mas lá estava ele, abraçando-a nu, enquanto ela apenas o fitava solenemente.

— Elene? — A palavra soou abafada, enquanto ele entrelaçava seus dedos com os dela, as mãos apoiadas em seu peito. Ela não respondeu, mas roçou os nós dos dedos em seus pelos, como se estivesse maravilhada.

— Elene... — Geoffrey sussurrou, incapaz de dar voz às perguntas que se acumulavam em sua garganta. Virando-se, colocou-se vagarosamente sobre ela, que não o chutou nem o apunhalou pelas costas. Apenas o fitava, como se em mudo assentimento, e Geoffrey não esperou mais. Baixando a cabeça, procurou os lábios dela.

Há quanto tempo desejava isso.

Os poucos beijos que roubara desde que haviam se casado empalideciam se comparados àquele encontro impetuoso. Ela nunca fora receptiva antes, mas agora Geoffrey se deleitava com o sabor quente e exótico, enquanto sua língua abria caminho em sua boca.

Então, ela o beijou também.

Apertando os dedos dele com força, ela pressionou os lábios contra os dele, o toque da língua fazendo sua cabeça girar. Comedida no começo, ela logo se tornou mais ousada, mais insistente, unindo a língua à dele, explorando sua boca de um jeito que demonstrava seu espírito apaixonado. O desejo que sentia por ela o consumia, mas se conteve, ciente das vezes que a afugentara com sua urgência.

Vagarosamente, Geoffrey aproximou o corpo do dela. Procurando sustentar o peso com os próprios braços, deixou que sua cintura se colasse ao ventre dela, e gemeu quando sua virilidade se acomodou entre o suave linho que cobria suas coxas. Como se assustada com o peso, ela soltou seus dedos, que logo se dirigiram aos cabelos dela. Finalmente!

— Elene — ele sussurrou enquanto levava os cabelos ao rosto, sentindo o maravilhoso perfume. — Seu cabelo... eu sempre quis... — A eloquência o abandonou enquanto jogava as mechas sobre seus ombros, estremecendo ao sentir os fios deslizando pela pele de suas costas. Elene exclamou insegura, como se o entendesse menos que antes.

— Não zombe de mim — ele murmurou, tentando sorrir. Porém ao perceber a hesitação dela, tentou acalmá-la, mas não conseguia falar. Estava muito excitado, e o cabelo dela... Envolvendo os longos cachos com suas mãos, procurou por seus lábios novamente.

A cautela desapareceu quando suas bocas se encontraram, e Geoffrey saboreou sua rendição de esposa. Elene beijava como se tivesse acabado de descobrir o prazer, e talvez fosse verdade. Abrindo passagem para a língua, Geoffrey a sugou até que ela voltasse a imitar seus movimentos.

Sentindo o desejo dela, Geoffrey saboreava a união quente e úmida como se nunca tivesse beijado uma mulher antes. Na verdade, jamais beijara alguém como Elene, jamais conhecera alguém como ela, e seu corpo ansiava por torná-la sua. Parando apenas para recuperar o fôlego, Geoffrey deslizou a boca desde a face até a orelha, e em seguida ergueu seus cabelos para acariciar-lhe o pescoço. Quando achou um ponto que a fazia estremecer, sugou a pele até que ela se contraísse em seus braços. Seu corpo também estremeceu, e ele arfava, tenso com a intensidade de seu desejo.

Morreria se não a possuísse por inteiro, mas não podia. Não ainda. Talvez nunca. Deixando escapar um suspiro entrecortado, Geoffrey levou as mãos trêmulas aos cabelos dela, deslizando os dedos pelos longos fios e sentindo o perfume, como se estivesse possuído.

— Tão lindos — ele sussurrou. — Sempre sonhei com eles caídos sobre mim, a única coisa a nos cobrir.

Fitando-a com olhar perscrutador, não viu qualquer negativa.

Ela não protestou quando ergueu a barra de sua roupa, deslizando o tecido com suavidade desde a coxa até a cintura. Erguendo-a, Geoffrey tirou a peça pela cabeça com gentileza e a admirou, ensurdecido pelas batidas do próprio coração.

O luar iluminava a curva dos seios, nem pequenos, nem grandes, mas firmes. *Minha*, Geoffrey pensou, espantado com a ideia tão primitiva. Era um homem culto, que cortejava com gentilezas, mas sentia-se consumir em fogo por causa da esposa. Elene. Sussurrando o nome dela, Geoffrey espalhou os longos cabelos pelos ombros e seios, até ela estremecer e jogar a cabeça para trás. Então, ele se inclinou e tocou o mamilo com a língua. Ela se sobressaltou, olhando-o com olhos arregalados.

— Calma... — Geoffrey disse, tentando impedir que o sangue corresse tão rápido em suas veias. Não queria que ela fugisse agora que os seios estavam expostos ao seu olhar, e sua rigidez lhe tocava as coxas macias.

Em vez de sugar, ele roçou a face nos mamilos com suavidade. Queria prová-la por inteiro, lamber e mordiscar sua pele, mas, pressentindo a relutância dela, voltou a beijá-la.

Quando ela levou os braços ao seu pescoço, Geoffrey gemeu, pressionando sua virilidade contra a junção das coxas dela. O corpo macio estava colado ao seu, os

mamilos pressionados contra seu peito. Finalmente, a tinha em seus braços, nua, e não podia mais negar a fome que o consumia.

— Toque-me, Elene — ele pediu com voz inflamada. Queria sentir o toque das mãos dela, mas desta vez por vontade própria. Prendendo o fôlego, Geoffrey aguardou, então gemeu alto quando sentiu os dedos, hesitantes a princípio, envolverem sua masculinidade. E, então, para sua surpresa, ela começou a acariciá-lo.

— Elene! Isso, não pare. Céus, eu... — Ele não conseguia falar coerentemente porque ela intensificava os movimentos. Nada disso faz sentido, pensou. Ela era sua esposa, o inverso de tudo que admirava, mas ele a queria mais que qualquer coisa que já desejara na vida. Morreria se não a possuísse naquele instante.

— Elene, eu não... preciso... — Afastando sua mão, ele entrelaçou os dedos com os dela novamente. Tentava recuperar o fôlego, pois latejava intensamente, e ele a fitou, temendo pela resposta, incerto de ser capaz de parar se ela o rejeitasse. Mas ela apenas piscou, os olhos tão sonhadores que ele estremeceu enquanto afastava suas coxas.

Geoffrey gemeu. Perdia o controle do que fazia, seu corpo dominava sua mente, e ele posicionou os quadris, finalmente se acomodando sobre ela, que se entregava facilmente, estremecendo quando ele constatou a umidade do corpo dela. Elene estava pronta, mas ele receava machucá-la. Percebeu que ela estava nervosa e que suas coxas tremiam.

— Elene, eu... — Geoffrey engasgou, procurando pelo rosto dela, mas o desejo o atormentava, incitando-o a possuí-la. Segurando a outra mão dela, entrelaçou seus dedos, e assim a manteve, presa num contato insinuante que imitava o de seus corpos. Não pôde esperar mais. Ouvindo o próprio grito rouco, Geoffrey a possuiu.

Os dedos de Elene apertaram os dele convulsivamente enquanto ele se aprofundava em seu corpo. Ela não emitiu som algum, mas Geoffrey gemeu quando o corpo dela o acolheu, como se aquele fosse seu lugar por direito. Ficou feliz por não a machucar, mas, no mesmo instante, um sentimento poderoso o abalou profundamente, deixando-o petrificado.

Fitando-a, Geoffrey tentou falar, expressar de alguma maneira suas conturbadas emoções, mas as palavras não vinham. Refreou as febris necessidades outra vez, pois, se não conseguia falar, demonstraria a profundidade de seus sentimentos. Aguardou, contendo-se com muito esforço, até sentir que ela relaxava. Ela deixou escapar um suspiro baixo, fazendo-o sorrir.

— Diga-me o que quer — ele disse. — Quero saber do que você gosta.

— Não posso — ela sussurrou, virando o rosto.

— Pode sim. Gosta disso? — Geoffrey perguntou rouco enquanto pressionava a boca contra o pescoço dela. — Ou disso? — Beijou suavemente a curva dos seios. Soltando as mãos, ele tocou os cabelos, gemendo e apertando-os com força. Não podia mais esperar, o desejo o enlouquecia e lhe roubava a capacidade de falar, fazendo-o recuar os quadris para reavivar o contato com o corpo dela. Ele a segurou pelas nádegas, aprofundando ainda mais a investida, mas parou novamente, com o coração aos saltos, surpreso com a suave exclamação de prazer.

— Gosta? — ele murmurou, repetindo o movimento. O suor descia por sua testa ao entrelaçar os dedos de ambos novamente e tentar manter o ritmo lento.

— Sim... muito — ela disse, e Geoffrey suspirou aliviado, dando vazão à paixão que o consumia.

Ansioso, intensificou as investidas, até Elene acompanhar seus movimentos, os dedos apertando os dele enquanto os quadris se harmonizavam em perfeito - ritmo.

Sua feroz esposa, famosa pelos gritos estridentes, agora gemia e arquejava baixinho. Geoffrey estava prestes a enlouquecer quando ela finalmente cravou as unhas nas palmas de sua mão, ofegante, e ele pôde então se render ao próprio prazer, o coração em ritmo alucinado.

Finalmente, Elene era sua.

Capítulo Quinze



Geoffrey a puxou mais contra si, envolvendo-a com os braços. Elene se aninhou no peito dele, aproveitando o calor e o conforto daquele abraço. Pensara que tudo o que teria seria aquela sensação de aconchego, por isso conteve o riso ao pensar na própria ingenuidade.

Planejara se entregar a Geoffrey para agradá-lo, sem esperar nada mais do que sentir o prazer dos beijos antes de ser sufocada com o peso dele e a dor que se seguiria. Mas não ocorrera dor alguma, só alegria e prazer, que Elene jamais pudera imaginar. Fechando os olhos, relembrava aqueles momentos enquanto ele encostava a face em sua cabeça. Sentia-se cansada, mas feliz, como se Geoffrey a tivesse levado para um sonho.

— Ele a violentou, não foi?

A pergunta, embora feita com suavidade, fez Elene retrair-se. Tentou se afastar, mas Geoffrey a segurou com firmeza, e ela não conseguia juntar forças para lutar. Era óbvio que não a deixaria ir sem saber a verdade, e tal fato lhe roubava o breve contentamento.

Ele havia tocado na questão que se interpunha entre eles, a história que ambos pareciam decididos a ignorar. Covarde como era, Elene não podia olhar para ele, pois não suportaria o horror e a repulsa. Se ele sabia disso, também deveria suspeitar do resto da história.

Ela tinha matado um homem, mas não se arrependia disso.

Engolindo o nó que se formara em sua garganta, Elene se retesou. Melhor acabar com tudo logo do que se destruir aos poucos.

— Sim — ela admitiu. — Avery, aquele maldito covarde, fugiu de Wessex. Todos os seus planos tinham sido arruinados, mas pensou que pelo menos poderia ficar com este castelo. Veio direto da batalha, ainda coberto de sangue, e obrigou Edred a nos casar. Eu não o queria, mas como ele temia que a união fosse contestada, não hesitou em consumar o casamento. Aquele maldito! — Elene começou a tremer, assim como na noite em que tudo acontecera, mas se forçou a parar porque não queria que Geoffrey percebesse sua agitação.

— Avisei que não me tocasse, mas ele não me deu atenção. Então, matei-o. — Ela cuspia as palavras da mesma maneira que cuspira no corpo de Avery. Não se importava com o que aconteceria agora porque não se arrependia de seu feito. Ele a insultara, tocara-a com aquelas mãos imundas e a deixara acuada com o corpo grande e suado...

Franzindo a testa, Elene afastou as imagens da mente e voltou os pensamentos para o novo marido. Ficaria ultrajado por ter se deitado com uma assassina e a rejeitaria, pois, como Edred sempre dizia, seu pecado maculava todos que se aproximavam dela.

Contudo Geoffrey puxou-a mais para perto, roçando seus cabelos com o rosto, um gesto que confundiu Elene. O que ele estava fazendo? Queria perguntar, mas a voz desaparecera. Então Geoffrey finalmente falou:

— Eu mesmo o mataria se pudesse — ele sussurrou. Parecia tão furioso que Elene ergueu a cabeça para vê-lo. Mesmo na escuridão, pôde ver o brilho nos olhos dele. No entanto, percebeu que não era alvo daquela raiva.

— Queria ter protegido você. Se o tivesse encontrado em Wessex, eu o teria matado. Assim, nunca a machucaria — Geoffrey declarou, enfurecido. Elene piscou assustada com tamanha veemência, sem saber como responder àquela reação tão diferente do que esperava. Como se sentisse sua angústia, ele suavizou o tom da voz.

— Se eu pudesse, apagaria todas as lembranças que tem dele. — Embora ainda pudesse sentir a força de suas emoções, os dedos dele afastaram seus cabelos do rosto com suavidade.

— Mas a partir de agora, só se lembrará do meu toque — ele sussurrou, fitando-a com tanta atenção que ela estremeceu. Não podia fazer nada a não ser entregar-se ao olhar fascinante. Perturbada, permitiu que ele beijasse sua face, seus cabelos, seu pescoço, descendo cada vez mais, sentindo os lábios úmidos e quentes, a respiração suave arrepiando-lhe a pele.

Recebendo a atenção das carícias, Elene arqueou o corpo enquanto ele continuava a beijar seus braços, seu ventre... Ela estremeceu, ainda incapaz de acreditar que um homem ficara do seu lado, sem acusá-la ou julgá-la. Piscando para conter a pressão das lágrimas que surgiam em seus olhos, Elene soube que não havia ninguém como Geoffrey.

Ela estremeceu novamente quando ele afastou suas pernas, o toque suave e a respiração a atormentá-la, os beijos afastando a escuridão que a envolvia e a enchendo de ardor. Ela ofegou quando ele roçou a boca no ponto entre suas coxas. Incapaz de se conter, Elene suspirou baixinho, o que foi suficiente para

ele aprofundar o contato e, sendo arrastada para um mundo de sonhos, ela se entregou novamente ao marido.

ELENE ACORDOU com o sol alto no céu. Nunca dormira até tão tarde, porque temia ser pega de surpresa por seus inimigos. Desorientada, piscou os olhos e gemeu, pois seu corpo protestava ao menor movimento. Abriu os olhos por completo e visualizou o quarto. Para sua surpresa, viu que havia pão, queijo e cerveja no banquinho, e uma pequena tina com água aguardava ao lado.

Geoffrey.

Sabia que ele tinha trazido tudo aquilo para ela. Sentindo-se faminta, saiu dos lençóis e pegou um pedaço de pão antes de se banhar. A tina não era grande o suficiente para se sentar, mas mesmo de pé pôde lavar os músculos enrijecidos. Envolvendo-se em um pedaço de tecido, parou, indecisa.

Franzindo a testa, Elene se aproximou do baú e hesitou brevemente ao se ajoelhar para erguer a tampa. Procurando entre as vestimentas do marido, encontrou os vestidos que Marion lhe dera. Embora tivesse desdenhado do presente na época, Elene acariciou o belo tecido, maravilhada.

Por que não?, pensou, enquanto vestia as novas roupas de baixo e o vestido de seda amarela. Extasiada, deu uma volta, alisando o tecido suave ao toque, deliciada com a sensação. Parando de repente, controlou-se ao ver a escova que Geoffrey usara em seus cabelos. Sentando-se no banquinho, tentou arrumar os cabelos como Geoffrey fizera, mas não tinha a mesma paciência e habilidade do marido. Pensando nisso, parou, corando imediatamente ao lembrar-se da gentileza e da paciência que ele tivera durante a longa noite.

Deixando a escova de lado, levou as mãos ao rosto quente, indecisa. Talvez não devesse aparecer no salão tão... mudada. E se os moradores do castelo zombassem de sua tentativa de parecer uma dama? E se Geoffrey risse dela? Elene temia encontrá-lo à luz do dia, com as lembranças do que haviam feito ainda bem frescas em sua mente.

Nesse exato momento, o objeto de seus pensamentos surgiu na porta, e Elene conteve um grito de desalento. Olhando para o peito largo, recusava-se a fixá-lo nos olhos, pois não tinha certeza do que veria. Não suportaria ser tratada com indiferença depois de terem dormido juntos. Abriu a boca para atacá-lo antes que ele tivesse a chance de ferir seus sentimentos, mas a voz baixa e séria a impediu.

— Sua beleza é tamanha que fere meus olhos — Geoffrey disse, deixando Elene boquiaberta, esquecida de todas as inquietações.

Finalmente, olhou o rosto dele, e ficou vermelha ao ver o olhar ardente que indicava que a desejava. Ele ainda a queria, e não pôde evitar o sorriso nos lábios.

— Elene — ele sussurrou, aproximando-se. Estremecendo de ansiedade, ela esperava ser beijada, mas ele simplesmente estendeu a mão. — Venha, antes que mude de ideia e a leve para a cama. — Elene ficou ainda mais corada. Seria tão ruim assim voltar para a cama, onde tinham partilhado tanto prazer? Ou era pecaminoso pensar em tais coisas à luz do dia? Ocultando seu desapontamento, deixou que ele tomasse sua mão e a levasse para fora.

— Está um lindo dia e quero cavalgar com minha esposa. — Suas palavras pareciam ter outro significado, mas ele não disse mais nada depois de entrelaçar os dedos com o seus.

Sentindo-se estranha, Elene se deixou levar pelo salão, passando pelos criados espantados em direção aos estábulos, onde os cavalos já estavam preparados. Cavalgaram para fora dos portões em direção às colinas. Geoffrey parou sua montaria numa campina, onde a grama alta impregnava o ar com seu aroma. Respirando fundo, Elene se sentiu em paz, mais viva do que nunca. Olhou em silêncio para o marido, que desmontava do cavalo e se aproximava para ajudá-la. Sentiu-se feliz, pois jamais um homem a ajudara antes.

Com um sorriso discreto que a fez corar, ele pegou um cobertor que levara, espalhou-o sobre a grama e sentou-se, retirando as botas e a espada com calma e as colocando ao lado.

O rosto de Elene ficou ainda mais vermelho ao suspeitar do que ele pretendia. Baixando o queixo, sentou-se ao lado dele, fingindo admirar os montes distantes, mas sentiu o toque dos dedos dele em seu cabelo, deslizando pelos fios longos, fazendo-a inclinar a cabeça para trás, deliciada. Nunca imaginara que seu cabelo pudesse ser especial, ou que ela fosse... bonita. Era absurdo, mas tinha a impressão de que Geoffrey poderia convencê-la de qualquer coisa.

Ele devia ter se aproximado mais, pois Elene sentiu os cabelos serem erguidos para que sua nuca fosse beijada, fazendo-a estremecer.

— Elene — ele sussurrou com voz rouca. Então, ela sentiu as mãos deslizando por seu corpo até alcançarem seus seios.

— Aqui, assim? — ela perguntou com voz fraca. — Está louco?

— Não, só quero você — ele respondeu com um sussurro rouco.

Elene piscou. Se ele podia possuí-la na cama, por que se dera ao trabalho de levá-la até ali? Virou-se para fitar o marido, a pergunta evidente no rosto, mas logo encontrou a resposta no olhar dele. Queria que ela descobrisse o prazer ali,

na beleza da campina, longe das lembranças sórdidas do castelo. Tamanho carinho a fez tremer. Engolindo o nó que se formara em sua garganta, Elene levou as mãos ao rosto do marido, que lhe era mais querido que qualquer outra coisa, e meneou a cabeça, tocada com sua imensa bondade.

— Oh, Geoffrey.

Ele a beijou, uma carícia tão cheia de emoção que Elene sentiu que todos os fantasmas que a atormentavam se transformavam em pequenos espasmos de alegria e admiração, que também a atormentavam à sua maneira.

Ela aprofundou o beijo, expressando seus sentimentos da única maneira que sabia. Geoffrey gemeu, aumentando a satisfação dela. Elene queria... Precisava fazer alguma coisa, então correu as mãos pelo peito dele sobre a túnica de linho.

— Toque-me, Elene — Geoffrey pediu e, interrompendo o beijo, tirou a túnica e a jogou para longe. Sôfrega, Elene admirou o peito largo e musculoso, coberto de pelos escuros. À luz do dia, ele era impressionante e vigoroso, mas não a intimidava.

Hesitante, Elene ergueu a mão e tocou o peito do marido. Seu coração batia ferozmente, e ela correu os dedos pelo tórax bem definido. Então, mais ousada, deslizou as mãos por seus braços, atraída pelos músculos vigorosos do cavaleiro forte e bravo, sentindo uma onda de excitação.

Nunca vira nada tão belo quanto Geoffrey. Inclinando-se, apoiou a face no peito dele, sentindo o aroma másculo de seu corpo, mas isso já não parecia suficiente. Pressionando a boca contra a pele, espalhou beijos em seu peito. Encontrou um dos mamilos e o tocou com a língua.

Quando Geoffrey gemeu, ela lembrou das conversas de Marion. Os conselhos da outra mulher surgiram em vívidos detalhes em sua mente, coisas que lhe pareceram pecaminosas quando as ouvira, mas que agora eram... imprescindíveis.

Geoffrey erguia seu vestido e, tomada por uma sensação de liberdade, Elene o tirou pela cabeça e o jogou na direção da túnica. Também tirou a roupa de baixo e, quando envolveu o pescoço dele com seus braços, não sentiu medo ou vergonha, só uma doce satisfação. Sentindo as mãos gentis deslizarem por suas costas, puxando-a mais para perto, Elene deixou escapar uma pequena exclamação de satisfação.

— Ajude-me com isso — ele sussurrou, e Elene percebeu que ele queria tirar o resto da roupa. A excitação dele era visível, mas, com leve hesitação, ela tocou seus quadris e o livrou das peças íntimas. Sua masculinidade estava ereta, mas ela não sentiu medo ou aversão, só uma vontade ardente de tocá-lo. Geoffrey

estremeceu com o toque, deixando-se cair de costas e a arrastando consigo. Ela ficou deitada sobre Geoffrey, tão impaciente que roçava o corpo contra o dele. Ardia de desejo, mas, como ele não fazia qualquer movimento para mudar de posição, começou a mordiscar seu ombro.

Sussurrando seu nome em tom rouco, ele ergueu os joelhos para que ela pudesse apoiar as costas, fazendo-a lembrar-se novamente das palavras de Marion. Corando com a lembrança, sentou-se de maneira a pressioná-lo. Será que era isso o que ele queria? Fechando os olhos, Elene deixou a cabeça cair para trás e começou a se mexer, desfrutando do contato de cada movimento.

Então, percebeu o que o marido pretendia. Endireitando-se subitamente, Elene o fitou, compreendendo que ele fazia aquilo por ela. Geoffrey a apreciava, faminto, mas devia ter pressentido que o peso do corpo dele a afligia, então se posicionara daquela maneira para deixá-la livre. Aquele cavaleiro, alto e corajoso, um poderoso De Burgh, segurava suas coxas e permitia que fizesse o que quisesse.

Contendo as lágrimas, Elene olhou para Geoffrey e desejou oferecer algo em retribuição, qualquer coisa que ele quisesse. Respirando fundo, jogou os cabelos sobre o peito dele. Suspirando, ele segurou as longas mechas e as espalhou pelo corpo de ambos, tomando-lhe a boca para enchê-la de beijos ardentes. Elene estava impaciente, mexendo os quadris com sofreguidão, até que ele interrompeu o beijo, ofegante.

— Preciso de você — ele sussurrou com voz rouca.

A urgência do pedido a surpreendeu. Elene sentiu o corpo se agitar em resposta. Ergueu os quadris e voltou a roçar o corpo dele, consumida por violento desejo. Deixou escapar uma exclamação de desamparo, então se ergueu novamente e olhou para baixo, onde seus corpos deveriam se unir. Arfando, compreendeu o que devia fazer e o tocou com uma das mãos.

— Sim, Elene, faça isso — Geoffrey gemeu, os dedos apertando com força suas coxas. — Agora.

As palavras, mesmo ásperas, incendiaram seu sangue, e a mão de Elene estremeceu ao obedecer ao seu pedido. Finalmente, sentiu a doce invasão em seu corpo. Estremecendo de alívio, ela se inclinou para a frente, ofegante com a sensação de prazer que tivera. Acomodando-se novamente, começou a se movimentar lentamente, num ritmo sensual. Geoffrey ergueu os quadris de encontro a ela, as mãos guiando gentilmente seus movimentos até fazê-la jogar a cabeça para trás e deixar os cabelos se espalharem pelos corpos de ambos, enquanto choramingava de prazer.

A respiração de Geoffrey, gutural, logo se juntou aos seus baixos gemidos, erguendo-se acima do sussurro da brisa e dos cantos dos pássaros. Elene acreditou que nada poderia estragar a união dos dois naquele mundo de sonho, enquanto a dura realidade que sempre fizera parte de sua vida ficava para trás.

Mas ela não poderia escapar tão facilmente, pois não muito distante, escondido entre a vegetação, alguém os observava, censurando aquela união e tramando seu fim.

ALGUMAS PESSOAS já se reuniam no salão quando Geoffrey chegou para a ceia. O novo administrador exigira sua atenção por muito tempo, deixando-o impaciente, não só para comer, mas também para ver sua esposa. Ela se tornara sua, não durante a noite, no antigo quarto do pai, mas naquela manhã, sob a brilhante luz do sol, sem nada para macular aquela união. Era um recomeço para ambos, e pela primeira vez desde o casamento Geoffrey sentia esperança pelo futuro.

Seu contentamento logo se desfez.

Sentindo o cheiro de algo podre, Geoffrey ficou tenso e se afastou quando a luz das velas revelou uma forma estranha em sua cadeira. Automaticamente, segurou o cabo da espada, mas logo a abandonou por ver que não era algo vivo. Os cavaleiros de Dunstan, percebendo seus movimentos, correram ao seu encontro e ficaram atônitos com a imagem nojenta.

Uma flecha pequena, preta por ter sido banhada em breu ou algo semelhante, estava enterrada no que parecia um pedaço de carne podre. Respirando fundo, Geoffrey se aproximou e quase praguejou ao verificar que era um coração. Era muito pequeno para ser de uma pessoa, felizmente, portanto devia pertencer a algum animal. Quem deixaria aquilo em sua cadeira?

Lembrando que não era bem acolhido naquele castelo, Geoffrey ficou furioso e se adiantou para arrancar a arma asquerosa da cadeira, mas foi impedido pelos cavaleiros.

— Não, milorde. Veja — Malcolm disse. — É preta e viscosa, pode estar envenenada! Pode trazer mau agouro!

— Talvez seja um aviso — disse Talebot. Geoffrey olhou para a horrível oferenda com raiva. Que inimigos ainda teria ali?

Erguendo a cabeça, Geoffrey olhou ao redor do salão com severidade. Desde que chegara ali, tivera de enfrentar a esposa, um cavaleiro perigoso e um administrador ladrão. Será que aquilo nunca teria fim? Os que estavam próximos

da mesa olhavam apavorados para a cadeira, enquanto outros, mais afastados, pareciam pálidos e assustados.

Geoffrey observou o grupo reunido ao seu redor, procurando por algo que pudesse indicar o culpado, mas notou que todos os olhares se desviavam para a entrada da cozinha. Levando a mão à espada novamente, ele se virou para ver quem se aproximava.

Era Elene.

Geoffrey franziu a testa, seu espanto crescendo à medida que o silêncio era substituído por sussurros e cochichos. Embora não pudesse entender exatamente o que diziam, ouviu a palavra bruxa e ficou tenso. Ouvira a esposa ser chamada de várias coisas, antes e depois do casamento, mas nunca a tinham acusado de bruxaria. Aquilo o deixou aflito.

Ainda com a mão na espada, com receio de que alguém falasse abertamente, Geoffrey olhou para a esposa. Ela devia ter ouvido os murmúrios também, pois baixara a cabeça, cobrindo o rosto com os cabelos e encarando a todos com expressão de fúria, sua única defesa.

Nesse instante, Geoffrey sentiu sua raiva aumentar, pois aquela criatura em nada se parecia com a mulher que tivera nos braços naquela tarde. O vestido era o mesmo, mas ela estava mudada. Será que fora por causa deles que ela se tornara o que era? Será que ninguém percebia o quanto era vulnerável, apesar das demonstrações de força? Quando viu que Elene se recusava a se aproximar e que os murmúrios ficavam cada vez mais altos, Geoffrey resolveu cuidar da questão.

— Quietos! — ele berrou, com um tom de voz semelhante ao do irmão mais velho. — Não falem tolices em minha presença — ele avisou. Girando vagarosamente, contemplou o salão por inteiro e notou as cabeças abaixadas e os olhos que se desviavam. Seriam todos culpados? Ele suspirou. Somente os cavaleiros de Dunstan pareciam seguros. — Sirvam a comida — ordenou. Então, ainda zangado, olhou para os homens do irmão.

— Talebot, leve a cadeira para o pátio e lave-a. E enterre essa carne podre bem longe daqui. — O cavaleiro assentiu, repugnado, enquanto Malcolm parecia aliviado por não ter sido incumbido da tarefa.

Fazendo um gesto para que os ocupantes do banco abrissem espaço, Geoffrey se sentou e chamou a esposa. Por um instante, pensou que ela recusaria, pois hesitou bastante antes de se aproximar e se sentar ao seu lado, calada. Geoffrey sentiu uma onda de raiva, pois o encontro com a esposa estava arruinado, mas por hora seria melhor comer como se nada tivesse acontecido.

Mas Geoffrey não deixaria a questão sem solução. Alguém devia ter visto quem havia cometido aquele ato vil, por isso interrogaria todos ainda esta noite. Tinha de descobrir quem havia feito aquilo.

Capítulo Dezesseis



Ninguém vira nada.

Recostando-se contra a parede do antigo quarto de Serle, onde interrogara cada um dos que estavam presentes no salão, Geoffrey tentou analisar o problema logicamente. Por que o povo estaria descontente? Não era um homem severo, nunca usara de violência com ninguém. Suspirando, pressionou a ponta do nariz, incapaz de achar uma razão para aquilo.

Talvez o nome De Burgh os deixasse apreensivos. Embora Geoffrey raramente pensasse nisso, sabia que seu pai era um homem bem conhecido no reino. Campion representava poder e riqueza, e isso despertava medo e ressentimento nos mais ignorantes.

Afastando-se da parede, Geoffrey apagou a vela, cansado. Talvez os cavaleiros de Dunstan conseguissem descobrir alguma coisa, pensou desalentado. Mas de nada adiantaria se ocupar com isso agora. Já era tarde e seria melhor ir para a cama.

O pensamento fez Geoffrey sorrir. Elene o aguardava lá em cima, e lembrou-se da pele macia, do perfume de almíscar e dos gemidos que ela deixava escapar quando ele a agradava. Foi rapidamente para o quarto, mas, apesar de toda a ansiedade, abriu a porta lentamente para não a perturbar caso estivesse dormindo.

A vela iluminava-o enquanto ia em direção a ela. Parou ao lado da cama, olhando-a com surpreendente sentimento de posse. O cabelo se espalhava pelo travesseiro e pelo rosto, e ao lembrar do contato deles em sua pele, sentiu o coração acelerar. Inclinando-se, ergueu uma longa mecha e sentiu os fios sedosos entre os dedos.

Geoffrey olhou para Elene novamente, e franziu a testa ao perceber que estava usando suas roupas íntimas. Ficou desapontado, pois imaginara que dormiria nua depois do encontro daquela tarde. Mas muita coisa acontecera desde então.

Sentiu-se culpado. Ela havia sido acusada de bruxa e ficara calada durante toda a refeição, escondida por trás de sua armadura. Mas não era tão feroz quanto parecia, e ele sabia muito bem disso. Deveria ter sido atencioso e a tranquilizado,

em vez de interrogar todos do salão, procurando um culpado. No fim, não conseguira descobrir coisa alguma.

Suspirando, concluiu que não estava acostumado com seu papel de marido. Mas iria melhorar, prometeu. Com um sorriso, percebeu que só precisava de mais prática no assunto.

Deixando a vela acesa, despiu-se e deitou-se ao lado dela.

ELENE PISCOU na escuridão, desperta e ciente da presença de Geoffrey. Depois do que tinha acontecido no salão, não sabia como ele se comportaria ao ficar sozinho com ela, por isso fingia que dormia, tentando adiar o inevitável confronto.

Será que a olhava com horror? Desgosto? Ele a deixaria ou a mandaria embora? Elene achava que não suportaria ficar longe dele, e aquela fraqueza a assustava. Estava ficando dependente da boa-fé de seu marido. Mas quem acreditaria nela? Ficaria louca se Geoffrey a interrogasse sobre o que havia acontecido lá embaixo, não com raiva ou acusações, mas daquela maneira gentil que lhe dizia que só tentava compreendê-la.

Elene deixou escapar uma pequena exclamação quando sentiu o calor de Geoffrey em suas costas. O braço forte a envolveu, puxando-a de encontro a si, e ela suspirou novamente quando sentiu a intensidade do desejo dele. Geoffrey ainda a queria, sem perguntar nada. Na verdade, ele não falou nada, mas cheirou seus cabelos, gemendo de prazer, como se estivessem novamente na campina, e Elene piscou, dominada por grande emoção.

Virando-se, ela o deitou de costas e o cobriu com seu cabelo, do jeito que ele gostava. Ele gemeu novamente, segurando-a com força. Tonta com seus tumultuados sentimentos, Elene espalhou beijos por seu peito. Seus dedos ágeis acariciavam os músculos definidos, que em outro homem lhe teriam causado repulsa, mas que em Geoffrey eram maravilhosos.

Ela foi descendo devagar, afundando a língua em seu umbigo e sorrindo com seu sobressalto. Vinha refletindo sobre as coisas que Marion lhe contara, apesar de ter fingido não ouvir. Mas ouvira, enfeitiçada e enojada com o que a esposa do Lobo dizia ser algo normal entre um homem e sua esposa. E, agora, ela se descobriu desejando as mesmas coisas.

Então, desceu ainda mais, tocando-o com a língua e se deleitando com cada espasmo obtido em resposta. Mais ousada, Elene o tomou com a boca e ouviu seu gemido gutural. Ele chamava seu nome. Sentiu-se instigada, estremecendo também de prazer por sentir o gosto e o perfume dele. Elene sentia-se atordoada

e poderosa, pois seu magnífico marido jazia deitado sob ela, os dedos agarravam seus cabelos com força, seu corpo se contraía e suava por sua causa.

Sentia-se deliciada com a sensação de estar no controle, de ser capaz de fazê-lo tremer e gemer, oferecendo-lhe prazer. O que estava guardado dentro dela agora se libertava, e Elene queria entregar tudo a ele: corpo, coração e alma.

Depois, quando ele se jogou contra o travesseiro, exausto, ela sorriu e se aninhou em seu peito. Ali, na segurança do abraço, esqueceu do incidente que estragara seu dia quando lembranças mais vívidas a dominaram e, fechando os olhos, Elene mergulhou no mundo dos sonhos.

IGNORANDO A ameaça, Geoffrey seguiu sua rotina nos dias seguintes, apesar dos receios dos homens de Dunstan. Eles o acompanhavam feito sombras, aconselhando-o a não comer no salão ou entre o povo, mas não daria essa satisfação a quem lhe desejava mal.

Nem puniria Elene pela perfídia dos outros. Por isso, fazia amor com sua esposa durante a noite, e durante o dia tentava mantê-la à vista. Sempre que tinha chance, passava algumas horas ensinado-a a ler.

Ela era mais esperta do que esperava, e Geoffrey sentiu tanto orgulho dela quanto sentia dos irmãos mais jovens. Estava sempre tão ansiosa para aprender que ele, às vezes, ficava sem fôlego ao olhar para ela, cativado pela jovem brilhante que parecia tão diferente da mulher com quem casara. Contudo, quanto mais se aproximavam, mais ele percebia as diferenças que os separavam, como um abismo que ele era incapaz de atravessar.

Mas a tensão no castelo aumentava. Os moradores andavam cautelosos e assustados, como se esperassem que a retribuição por sua permanência no castelo caísse em suas cabeças a qualquer momento.

Aguardando a ceia, Geoffrey percebia os olhares que o acusavam por atrair a ira da bruxa. Com um suspiro, Geoffrey olhou de esguelha para os dois guardas, que o acompanhavam como se fosse um velho impossibilitado de se proteger! A situação deixava seu humor cada vez pior.

Onde estava Elene? Acenando com a cabeça para o criado que lhe serviu a comida, não a viu ali por perto. Pedira a ela que fizesse as refeições no salão, esperando evitar maiores especulações, mas estava atrasada. Geoffrey ficou aborrecido, mas não queria subir para procurá-la com os dois guardas o seguindo.

Geoffrey decidiu não esperar para comer, então pegou a faca para cortar um pedaço da suculenta refeição quando foi interrompido pela voz de Talebot:

— Deixe-me provar primeiro, milorde, pode estar envenenada.

Geoffrey ficou tenso e se virou para olhar o homem, surpreso. Sua primeira reação foi rir, mas viu o medo nos olhos do cavaleiro. Era óbvio que o homem se oferecia para comer algo que acreditava poder matá-lo, e Geoffrey tinha de respeitar seu ato de sacrifício, mesmo que não desse crédito a todas aquelas superstições.

Hesitou por um instante, mas, então, inclinou-se para jogar um pedaço de carne aos cães que perambulavam pelo salão. Quando se abaixou, Geoffrey sentiu um rápido deslocamento de ar perto de sua cabeça, seguido de uma pancada.

— Milorde! Corra, Talebot! — ouviu Malcolm gritar, e então foi jogado no chão pelo forte cavaleiro. Com um grunhido irritado, Geoffrey rolou para o lado e olhou para a cadeira. Assustado, viu uma pequena flecha preta cravada na madeira, bem na altura de seu peito.

— Não toquem nisso! — Malcolm gritou para a multidão, embora todos que estivessem próximos se encolhessem de horror. — Está envenenada.

As acusações de bruxaria correram pelo salão com tanta rapidez que Geoffrey podia sentir o pânico se espalhando entre os presentes. Abriu a boca para pôr um fim naquilo, mas mesmo ele estremeceu ao pensar que podia estar morto.

Quem teria feito aquilo? Geoffrey traçou o trajeto da flecha, que provavelmente viera do orifício de observação próximo ao teto. Elene dissera que o pai o usava para espionar os próprios convidados, mas agora se perguntava quem mais sabia do espaço no fim do corredor superior. Um dos antigos homens de Fitzhugh, talvez? Era necessário ter muita habilidade para acertar o alvo daquela distância.

Uma série de exclamações fez Geoffrey se voltar para as escadas. Aparentemente, o cavaleiro de Dunstan conseguira capturar o culpado, pois não voltava sozinho. Geoffrey se retesou, ansioso por descobrir quem era seu inimigo.

Mas sua satisfação logo foi desfeita ao perceber quem Talebot trazia consigo. Geoffrey ouviu uma exclamação abafada escapar de sua garganta, ao mesmo tempo que os murmúrios das pessoas se elevavam ao reconhecer o prisioneiro de Talebot.

Era Elene.

Capítulo Dezessete



Embora ele a tivesse perseguido com a espada na mão, Elene poderia ter cravado o punhal na barriga dele antes que percebesse. Mas ela o reconheceu como um dos homens de Geoffrey, por isso não fez nada quando a agarrou pelo braço e a arrastou para o salão.

Certamente não fora buscá-la porque estava atrasada para o jantar. Mas quando viu a cena lá embaixo, entrou em pânico. Uma flecha estava alojada na cadeira de Geoffrey e ela sufocou o grito de horror ao ver que ele estava de pé bem ao lado, ileso. Ela tropeçou, tão fraca de alívio que suas pernas ameaçavam ceder.

Geoffrey estava bem.

Elene disse a si mesma que nada mais importava, mas não podia ignorar os cochichos à sua volta. Era chamada de bruxa, e todos evitavam encará-la. Elene teria zombado deles se não tivesse entendido por que o cavaleiro a segurava com tanta força. Sentiu uma dor tão profunda que preferia morrer.

Talebot a empurrou para a frente de modo rude, e Elene desejou ameaçá-lo com seu punhal, mas sentia o coração tão pesado que mal conseguia respirar. O silêncio tomou conta do salão quando eles se aproximaram de Geoffrey, e o homem atrás dela foi esquecido. Era Geoffrey quem ocupava seus pensamentos, e ela temia encará-lo.

— Solte-a — Geoffrey disse. Piscando, Elene viu que ele estava com os dentes cerrados, furioso, e sentiu-se enjoada. Tentou se conter. Não podia vomitar ali, na frente de todos os inimigos.

Ansioso para se livrar dela, Talebot a empurrou, mas Elene nem tentou usar seu punhal porque mal se aguentava de pé.

— Ela estava no corredor — Talebot disse.

— Todos conhecem suas habilidades com as armas — disse Malcolm. Olhou para ela com maldisfarçado pavor, mas Elene nem conseguia reunir forças para ameaçá-lo.

Nada mais importava.

Mais criados se juntavam às pessoas que já estavam no salão. Como moscas atraídas pela manteiga, todos se amontoavam para ver sua queda, fazendo com

que o ar vibrasse de tanta tensão. Sabia que não podia esperar mais. Se encontrasse a mesma expressão de acusação no rosto de Geoffrey, morreria, mas era melhor terminar com tudo logo ao invés de prolongar aquele tormento.

Respirando fundo, Elene ergueu a cabeça, mas a atenção do marido estava voltada para os cavaleiros que haviam lutado com seu pai.

— Quem mais poderia atirar dessa maneira? — ele perguntou. Elene piscou quando todos começaram a falar ao mesmo tempo. Ele estava tão concentrado pensando que nem reparou na surpresa das pessoas ao redor. Ele se voltou para Malcolm.

— É capaz de lembrar-se dos homens que estavam aqui quando tudo aconteceu?

Várias vozes se elevaram em protesto, e murmúrios enchiam o salão quando todos começaram a perceber que Geoffrey ainda procurava pelo culpado. E Elene, ainda atordoada, suspirou, tamanho era seu alívio.

Um som estranho escapou de sua garganta, e ela cambaleou. Teria caído se Geoffrey não tivesse se aproximado, com olhar preocupado. Ele a segurou pela cintura com gentileza, mas Elene se sentia desfalecer, mal se sustentando de pé. Sentia uma pressão enorme nos olhos e no peito, e se agarrou ao marido, que ignorava todas as acusações contra ela como se nem as tivesse ouvido.

Ela soluçou, e o rosto de Geoffrey ficou borrado, enquanto gotas quentes corriam por sua face. Elene levou as mãos ao rosto, assustada e sem saber de onde vinham.

— Minha esposa sente-se mal — ouviu Geoffrey dizer. Tudo pareceu ficar confuso quando ele a ergueu nos braços. Ele era tão forte e quente, e ela sentia tanto frio que apoiou o rosto em seu ombro. Os homens protestaram, mas Geoffrey os repeliu, caminhando para as escadas com rapidez.

— Mais tarde — ele disse por cima do ombro, enquanto subia dois degraus de cada vez, sem parecer sentir o peso dela. Uma vez dentro do quarto, fechou a porta e a colocou de pé, deslizando-a devagar contra seu corpo.

— Está bem? Consegue se firmar? — ele perguntou. Elene assentiu, mas não conseguiu conter outro soluço. Geoffrey praguejou com um tom de voz violento que ela raramente o via usar.

— Sinto muito! Não deveria ter deixado Talebot tocá-la, mas estava pensando na flecha... — Elene tentou sorrir, mas sentiu novamente gotas descendo por seu rosto, e Geoffrey praguejou outra vez, esfregando as mãos nos braços dela, como se não soubesse como acalmá-la.

— Achou que eu estivesse ferido? Céus, não pensei no que poderia sentir ao ver a cena! Como fui descuidado, sou um maldito que não serve para ser seu marido!

As palavras eram tão absurdas que Elene quis rir, pois sabia muito bem que era ela quem não o merecia. Tentou protestar, mas tudo o que conseguiu foi arfar e soluçar ainda mais, até cair aos pés dele e abraçar suas pernas.

Ela não merecia aquele homem, que apesar de todas as evidências de bruxaria jamais a considerara culpada. Não compreendia a confiança que depositava nela, mas a recebia de braços abertos porque não tinha mais nada em sua vida.

Ele se agachou, falando com suavidade e demonstrando preocupação, mas ela chorava tanto que mal entendia o que ele dizia. Não se lembrava de ter chorado em sua vida, mas sentia-se bem por liberar tudo o que sentia, como se cada lágrima lavasse sua alma.

Geoffrey segurava-a com gentileza, suas feições revelando que estava visivelmente alarmado. Tentou falar para que ele não continuasse preocupado.

— Estou chorando! — conseguiu dizer, tocando a face como se quisesse mostrar provas.

— Sim, mas por quê? — Geoffrey perguntou, apertando seus ombros. Fungando, Elene conseguiu dizer:

— Você não suspeitou de mim — ela sussurrou. Ele pareceu tão perplexo que Elene conteve o riso.

— Claro que não. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Por que suspeitaria?

Elene piscou. Ele tinha tanta certeza de que ela era inocente que se sentiu dominada pela intensidade de seus sentimentos. Eles se avolumavam, substituindo as lágrimas, enchendo-a de alegria e paixão, fazendo com que fosse impossível se conter mais.

— Eu amo você, Geoffrey.

Depois de dispensar os cavaleiros de Dunstan, Geoffrey retornou para o quarto, onde a esposa dormia tranquilamente. Parou para admirá-la, concluindo que não queria ver a suspeita pairando nos olhos âmbar novamente, ou a mão sempre posta nos punhais.

Além disso, ela já ficara agitada o suficiente com o último incidente sem saber que alguém, provavelmente, tentava fazê-la parecer culpada. Geoffrey franziu o cenho ao pensar nisso, pois já ouvira histórias de mulheres que tinham sido queimadas ou apedrejadas até a morte, acusadas de bruxaria, só por curarem pessoas doentes.

Ficou tenso de preocupação. Jurara proteger aquela mulher, mas era apenas um homem contra uma multidão. No entanto, não era só isso que o preocupava. A flecha daquela noite quase o acertara, portanto tinha de considerar a possibilidade de o inimigo não errar da próxima vez.

Girando nos calcanhares, afastou-se da cama praguejando baixo. Estremeceu só de imaginar o que poderia acontecer a Elene caso morresse, pois ela teria de enfrentar sozinha as acusações de pessoas que estavam mais do que dispostas a condená-la. Não podia confiar que os homens de Dunstan a ajudariam, ou mesmo... Geoffrey gemeu ao perceber outra amarga verdade. A vingança dos habitantes dali não seria nada comparada ao ódio de seus irmãos.

Receoso, apressou-se em acender mais velas e pegar a caixa com seu material de escrita no baú. Um homem inteligente sabia quando devia devia pedir ajuda. E Geoffrey não era tolo. Não cometeria o mesmo erro de Dunstan, privando-se de ajuda por causa do próprio orgulho. A ameaça era grande demais.

Sem se importar com a hora, Geoffrey escreveu uma mensagem para o pai, hesitante, a princípio, mas logo descrevendo seus temores e falando sobre Elene, a quem queria proteger mais do que tudo. Quando terminou, escreveu uma versão menor e menos efusiva da mensagem para ser enviada a Wessex.

Estava tão concentrado na tarefa que só notou que Elene tinha acordado quando ela se inclinou ao lado dele, os cabelos caindo na altura dos joelhos. Ele se endireitou, murmurando um cumprimento enquanto deixava a pena e a tinta de lado. Não precisava esconder as cartas, pois Elene não poderia lê-las, concluiu Geoffrey, ficando envergonhado da própria observação.

Levantou-se um tanto desajeitado, ciente da tensão que havia no ar. Elene foi até a janela e ele ficou admirando o porte orgulhoso dos ombros estreitos. Geoffrey achava difícil acreditar que aquela mesma mulher tinha se jogado aos seus pés e declarado seu amor.

Ela me ama.

Geoffrey sentia-se desconfortável porque não podia retribuir aquela sincera admissão. Ainda estava incerto, hesitava em colocar o que sentia em palavras porque Elene era muito diferente da esposa que imaginara para si. Sentia-se um patife por pensar assim.

Geoffrey suspirou. Tinha pensado que o amor seria algo glorioso, uma sensação inebriante que não deixaria espaço para dúvidas e preocupações, só a mais pura felicidade. Céus, sentia-se confuso desde que chegara ali!

Aproximando-se da esposa, Geoffrey acariciou seus cabelos com os nós dos dedos, e seu corpo se agitou. Elene, que tinha a cabeça apoiada em seu peito,

começou a mordiscá-lo em resposta. Gemendo, Geoffrey deixou as mãos explorarem as curvas femininas, substituindo a confusão que sentia pela paixão que os incendiava.

Quanto a isso, não tinha dúvidas.

ALGO ESTAVA errado.

Geoffrey mirou o horizonte, mas não viu nada além do céu que escurecia, anunciando tempestade. Embora outros incidentes não tivessem acontecido, Geoffrey ainda pressentia que algo estava prestes a acontecer.

Pretendia andar pela propriedade, na tentativa de reafirmar sua presença, e não planejava voltar antes da ceia, mas aquela sensação estranha o incitava a voltar ao castelo.

Acenando para os trabalhadores, Geoffrey virou a montaria, observando o castelo ao longe, mas não viu qualquer exército a sitiá-lo ou qualquer sinal de problemas. Mesmo assim, acelerou o trote sem se importar em saber se os homens de Dunstan o seguiam, como se precisasse ter certeza de que tudo estava em ordem.

Chegando ao pátio, sentiu-se tolo por assustar todos que trabalhavam com sua pressa. No salão, não viu nada estranho, mas a sensação persistia. Passando a mão pelos cabelos, achou que estivesse imaginando coisas, ou ficando louco, como Elene sempre dizia.

Elene.

Geoffrey precisava vê-la, saber que a esposa estava bem. Seu coração batia apressado enquanto subia as escadas em crescente inquietação. Sua angústia aumentou quando descobriu que o quarto estava vazio, embora Elene pudesse estar em qualquer lugar. Contendo o pânico, Geoffrey se encaminhava para a porta quando deparou com algo na parede.

Geoffrey mal pôde respirar quando percebeu que as marcas pretas, na verdade, formavam uma mensagem dirigida a ele.

Suma, De Burgh. Se não sair daqui, eu sairei.

A missiva, em letras grandes e emaranhadas, estava assinada por E. Fitzhugh. Geoffrey parecia intrigado ao se aproximar da parede. Embora a escrita lembrasse os rabiscos ilegíveis de Elene ao assinar os documentos do casamento, sabia que ela não poderia ter escrito o resto. Ela ainda estava praticando as letras, e no dia anterior ele a vira empenhada no treino da própria assinatura: Elene de Burgh.

Com um grito enfurecido, Geoffrey praguejou contra o embuste e correu para a porta como se estivesse louco. Seu inimigo atacara novamente, levando algo mais precioso que a propriedade ou sua vida.

Levara sua esposa.

Capítulo Dezoito



GEOFFREY IGNOROU as primeiras gotas de chuva, dizendo a si mesmo que, apesar do céu escuro, ainda tinha bastante tempo para encontrar Elene antes do pôr do sol. Quem a tivesse levado não poderia ter ido longe. Enviara cavaleiros para todas as direções, esperando rastreá-la, mas o chão estava muito seco e não encontraram pegadas.

Uma hora depois, a chuva forte e o vento obscureciam sua visão. Talebot insistia para que voltassem, mas ele se recusava a interromper a busca. Só conseguia pensar em Elene, o coração descompassado, e não desistiria enquanto não a encontrasse.

Ignorando o protesto de Talebot, Geoffrey obrigou sua exausta montaria a seguir em frente, parando quando ouviu um som que se sobrepunha ao vento e à chuva. Virando o animal, mirou o topo de uma colina próxima e piscou ao divisar algumas figuras se aproximando pela encosta. Atiçando seu cavalo, sacou a espada e avançou na direção deles, mal contendo uma imprecação.

Como um demônio saído do inferno, Geoffrey continuou avançando mesmo percebendo que eram muito mais numerosos. Ainda assim, ignorou os gritos de Talebot. Não importava quantos eram; se estivessem com Elene, seriam homens mortos.

— Parem em nome dos De Burgh, em cujas terras estão! — ele ordenou quando os alcançou, mas se assustou quando o líder, um cavaleiro alto e bem armado, adiantou-se praguejando.

— Geoff? — ele gritou, e Geoffrey ficou surpreso ao ver o rosto familiar. E outro. E mais outro. Balançando a cabeça, tentava distingui-los na escuridão.

— Dunstan? — ele perguntou, achando que estivesse louco. Quando o Lobo resmungou em resposta, olhou para as outras figuras ensopadas. — Robin? Nicholas?

— Sim, somos nós, Geoff — os irmãos disseram.

— Estávamos indo para sua casa quando fomos apanhados por este dilúvio — o Lobo disse. — Mas o que faz aqui?

ALHEIO AO cobertor que fora colocado em seus ombros, Geoffrey apoiou o rosto entre as mãos, tomado de desespero. A tarde passava e não havia qualquer sinal da esposa. E se já a tivessem levado para fora de suas terras? Onde estaria ao cair da noite?

Lembrando-se de que ela fora violentada, sentiu o estômago revirar. Será que alguém violento como Avery a tinha raptado? Montgomery, talvez? Geoffrey se encolheu, repugnado, sentindo-se cansado e totalmente indiferente à presença dos irmãos.

— Geoff? — O baixo resmungo do Lobo o fez erguer a cabeça, relutante. Seus outros irmãos se mantinham afastados, como se temessem se aproximar dele, mas Geoffrey não se importava. Sua única preocupação era a esposa. — Vim assim que recebi sua mensagem. Robin e Nicholas estavam de visita, então os trouxe também. Poderemos ajudá-lo — Dunstan disse em tom brusco. — Ninguém pode ajudar — Geoffrey murmurou. — Todas as pegadas já devem ter sido apagadas pela chuva. Eu a perdi. Eu falhei com ela, Dunstan. Falhei. — Aquela palavra ficou entalada em sua garganta, pois se imaginava invencível, acreditando que seu intelecto era capaz de superar qualquer dificuldade. Mas agora parecia difícil aceitar a verdade.

— Um De Burgh nunca falha — Dunstan disse com veemência. Tentando conter a irritação, o Lobo desviou o olhar e então se inclinou um pouco para falar mais baixo. — Tem certeza de que ela foi raptada? — Dunstan perguntou, parecendo desconfortável. — Ela não é exatamente... ah... do tipo que é facilmente dominada. — Em outra ocasião, Geoffrey teria achado graça na tentativa de seu irmão em ser sutil.

— Há uma mensagem na parede do quarto, mas não é de Elene. — Ele se retesou. — Ela não saber ler ou escrever.

Saber disso não causou qualquer impressão no Lobo, que simplesmente olhou para as escadas e então acenou para que Robin e Nicholas o acompanhassem até o quarto, decidido a ver a evidência.

Naquele instante, Geoffrey percebeu que falhara com Elene de diversas maneiras. Usara os ditos defeitos dela para se manter afastado, quando a força, a paixão, a vontade de aprender, a habilidade com armas e a generosidade de espírito que poucos conheciam eram o que verdadeiramente importava. Apesar de todas as diferenças, ou talvez por causa delas, Geoffrey nunca se importara com ninguém tanto quanto com Elene.

Perdido em seus próprios lamentos, não notou os irmãos voltarem. Ouviu um resmungo e uma voz áspera chamar seu nome, seguido de um tapinha

desajeitado em suas costas que o fez tremer de tristeza novamente.

Dunstan limpou a garganta.

— Vi a mensagem, mas não acha que ela... poderia ter feito alguém escrever? — Esgotado, Geoffrey ergueu a cabeça.

— Não, ninguém mais sabe que ela não lê ou escreve. Tem enganado todos há anos. — Assim como enganava a todos quanto à sua verdadeira natureza.

— Humm... — Dunstan parecia estar digerindo a informação.

Geoffrey suspirou. O Lobo não era famoso por sua sabedoria, mas havia uma coisa que ele entenderia melhor que qualquer outro De Burgh.

Geoffrey sustentou o olhar penetrante do irmão.

— Eu a amo, Dunstan.

O Lobo fez uma leve careta, mas para a eterna gratidão de Geoffrey não tentou discutir o assunto. Respirando fundo, assentiu com a cabeça.

— Bem, se diz que a ama, Geoff, isso é o suficiente para mim. — Como se não houvesse mais nada a ser dito, Dunstan se juntou a Robin e Nicholas, dando a Geoffrey a oportunidade de se recompor. De alguma forma, aquele pequeno gesto de compreensão e aceitação o animou, fazendo-o se levantar e se aproximar de Dunstan, que gritava ordens.

— A chuva está diminuindo, então poderemos sair novamente. Trouxe seis homens, mais Robin e Nicholas. Se nos separarmos... — Exímio em táticas, Dunstan, provavelmente, poderia encontrar Elene. Sentindo a esperança renovada, Geoffrey concluiu que não fora sábio em menosprezar a ajuda dos irmãos. Os laços de sangue e afeição eram uma força inestimável.

— Acompanharei você, Geoffrey, porque não conheço bem estas terras — disse Robin.

— Pois eu já tive chance de observar as redondezas — disse Nicholas, fazendo os outros, que se encaminhavam para a porta, se deterem.

— Quando? — Robin, descrente, indagou ao caçula.

Nicholas ergueu o queixo com a típica arrogância dos De Burgh.

— Quando viemos aqui pela primeira vez, andei com Simon pela propriedade para procurar o padre. Lembra?

— Sim, vocês o acharam nas cavernas — disse Geoffrey, distraído.

— É isso! As cavernas! — Nicholas gritou. — Aposto que ela está lá.

— Mas quem levou Elene não ficaria tão perto do castelo — Geoffrey protestou. Dunstan parecia considerar a sugestão.

— Vale a pena tentar, Geoff. Eles podem ter resolvido se abrigar por causa do mau tempo. — Geoffrey prendeu a respiração com essa nova onda de esperança.

A razão lhe dizia para não criar expectativas, mas era encorajador ter alguma ideia de por onde poderiam começar a procurá-la. Ele assentiu, grato pela orientação do irmão.

— Muito bem — ele disse, olhando para os três homens à sua frente, tão parecidos, mas cada um excepcional a seu modo. Geoffrey sorriu. — É melhor irmos todos juntos. Nicholas, leve-nos até as cavernas.

— Pelos De Burgh! — Nicholas clamou ansioso, apesar da risada de Robin. Mas os irmãos repetiram:

— Pelos De Burgh!

— Ali — Nicholas disse, parando para apontar uma saliência em particular. — Aquilo marca a caverna do padre porque se parece com uma cruz.

— Uma cruz? — Geoffrey disse, olhando para a rocha de formato esquisito.

— Só para o nosso Nick — zombou Robin.

Geoffrey e Dunstan deixaram os cavalos com os irmãos e escalaram as rochas, escorregando e lutando contra a lama, até chegar ao lugar que Nicholas indicara. Mas a mesma chuva que dificultava a caminhada os ajudava, pois o barulho das gotas encobria a aproximação deles, caso alguém estivesse de vigia.

Debaixo da estranha saliência do rochedo, encontraram a caverna. Estava parcialmente escondida pela vegetação que crescera no verão, mas havia sinais de que algo passara por ali. Geoffrey levou a mão à espada enquanto se inclinava para ver melhor.

O interior da caverna tinha uma luminosidade misteriosa, o que fez Geoffrey desembainhar a arma. Embora só visse as paredes úmidas, afastou os galhos da planta e entrou na caverna, instigado por uma sensação de urgência que não poderia explicar.

Dunstan seguia logo atrás e Geoffrey caminhou furtivamente, seguindo a curva da parede até que praticamente completaram um círculo. À primeira vista, parecia que a caverna terminava ali, mas uma luz estranha vinha de uma estreita abertura, o que indicava que havia outra câmara. Assentindo um para o outro, os irmãos se encostaram às rochas, um de cada lado, e observaram o lugar. No silêncio sombrio, Geoffrey ouviu a baixa exclamação de espanto de Dunstan. Então, também conteve seu susto ao ver a cena que se descortinava.

Por toda parte, velas tremeluziam, iluminando as paredes cobertas de panos. Havia vários assentos também cobertos, mas não saberia dizer se eram toras, rochas ou mesmo bancos. A caverna estava tão clara quanto o dia, revelando um elaborado altar construído a um canto, aproveitando uma depressão natural.

Geoffrey estremeceu. Embora fosse um homem culto e racional, que zombava de superstições, imaginou se haveria mesmo uma bruxa, ou coisa pior, usando aquele lugar para fazer feitiçaria. Contudo nada poderia surpreendê-lo mais do que deparar com a figura que lá se encontrava, caminhando por trás de uma pilha de barris, facilmente reconhecível por seus cabelos brancos.

Edred.

Geoffrey tentou avançar, mas Dunstan o impediu, apontando silenciosamente para uma trouxa de pano que jazia na rocha. Afastando os cabelos molhados dos olhos, Geoffrey se retesou quando percebeu que o embrulho parecia ter forma humana. Conteve a respiração quando viu os cabelos avermelhados que escapavam pela abertura.

Era Elene. E Edred apontava um punhal para ela.

Geoffrey recuou involuntariamente, tomado de horror, mas quando percebeu certo movimento nos cabelos, conseguiu respirar novamente. Ela estava viva, mas por quanto tempo? Suas mãos ansiavam por agarrar o pescoço do padre, mas entendia a precaução de Dunstan. Estavam muito afastados.

— Água. — A voz, fraca e abafada, em nada fazia lembrar a mulher intrépida.

Geoffrey estremeceu. O que aquele homem fizera com ela? Geoffrey segurou o punho da espada com firmeza, preparado para atacar assim que pudesse.

— Finalmente acordou — Edred resmungou. — Pensei que tivesse morrido, não sou tão bom com ervas, Elene Fitzhugh.

Ervas? Ele a drogara? Aquilo explicava a languidez dela, mas o maldito bastardo poderia tê-la matado com suas poções! Geoffrey cerrou os dentes com força na tentativa de ficar quieto.

— Água — Elene sussurrou novamente, tão desesperada que Geoffrey teria avançado se o irmão não o impedisse mais uma vez.

— Espere que ele se afaste — Dunstan sussurrou no ouvido de Geoffrey, apontando para o punhal que brilhava na mão do padre. Geoffrey respirou fundo, concluindo que era a primeira vez na vida que o irmão tinha de lhe implorar paciência. Tentou se controlar. Qualquer movimento em falso significaria a morte de Elene.

— A sede é efeito da poção, mas terá de esperar. Está amarrada por um bom motivo, sua criatura maligna, pois não quero que tente me atacar. Já é hora de renunciar a seu falso poder, barganhado com o demônio, e se juntar novamente ao rebanho, Elene Fitzhugh!

Geoffrey ficou imóvel quando Edred levou o punhal ao pescoço da esposa, e os nós de seus dedos doíam, tamanha era a tensão que sentia por aguardar o

momento certo, o peito prestes a explodir com as batidas violentas de seu coração.

— Percebi o mal em você desde que vim servir seu pai. Mas ele nunca me escutou, achava divertido ter gerado tal abominação! — A voz de Edred ficava exaltada. — Agora está tentando levar mais um para a perdição. Tentei afastá-lo, mas ele já foi seduzido por seus pecados, então tive de cuidar disso com minhas próprias mãos. O que pretende fazer agora, filha do demônio?

— Não sou filha do demônio — Elene murmurou.

— Claro que é! — Edred gritou, e Geoffrey se retraiu ao ver a lâmina bem próxima do pescoço dela. — Que outra mulher teria uma língua tão imunda e ameaçaria todos os homens? Quem mais mataria um bom cavaleiro?

Elene estreitou os olhos.

— Só fiz isso para salvar minha vida — ela sussurrou, rouca. Pelo que Geoffrey percebia, ainda estava atordoada, pois falava com lentidão. — Sabe que não queria terminar como minha mãe, destruída por meu pai. Ela era boa e carinhosa, mas ele só respeitava aqueles cuja força de vontade rivalizasse com a dele. — Elene parou para lamber os lábios secos. Ao ouvir aquela admissão, Geoffrey sentiu seu corpo sendo dilacerado.

— Eu só o imitei — ela disse, rindo de modo amargo, como costumava fazer. — Deixei que acreditasse que era rude e cruel para que ele e todos os outros me deixassem em paz.

Geoffrey ficou assustado ao descobrir a verdade. Sempre tinha imaginado que ela se comportava assim para chamar a atenção, mas ela só queria afastar os outros para se proteger. Ironicamente, ao fingir ser forte, tornara-se mais corajosa que qualquer um deles.

Ele balançou a cabeça, sentindo orgulho dela. Embora se considerasse inteligente, não fora capaz de ver além das aparências. Ali, na lúgubre escuridão da caverna, sentiu seu coração doer, tamanho era seu amor por ela.

Mas Edred não parecia tocado com a verdade.

— Suas palavras são carregadas de mentiras, embora não seja sua culpa. Está possuída, Elene — o padre disse, baixando a voz enquanto encostava a lâmina na garganta dela. — Eu sou o único que pode salvá-la da condenação eterna. — Geoffrey viu Elene piscar assustada.

— Você fornicou com o demônio, e só poderá ser salva pela purificação do seu corpo. Se copular com alguém puro de coração, sua alma será salva — Edred disse, com uma expressão tresloucada nos olhos.

Geoffrey engoliu em seco, a espada preparada, pois já estava bem claro o que Edred pretendia. Trocando um olhar com Dunstan, Geoffrey avançou no exato instante em que Elene chutava violentamente seu captor, desequilibrando-o. Aproveitando-se disso, Geoffrey entrou na câmara acompanhado por Dunstan, o urro de fúria do Lobo ressoando em seus ouvidos.

Geoffrey saltou por cima de Elene, brandindo a espada no ar e a apontando para Edred, que estava caído no chão e cuja arma deslizara para longe.

— Morra, padre — ele disse, erguendo o braço, mas o murmúrio de Elene o impediu de continuar.

— Ele é louco, Geoffrey.

Surpreso com a demonstração de misericórdia, Geoffrey fitou a esposa no exato instante em que Edred gritou.

— Não ficará com ela! — Ignorando a espada pressionada em seu peito, o padre se ergueu, cravando o próprio corpo na pesada lâmina. Assustado, Geoffrey balançou a cabeça.

— Louco, realmente — murmurou. — Espero que encontre a paz.

Retirando a espada, Geoffrey a limpou em um dos panos que havia na caverna e a embainhou novamente. Então, pegando a própria adaga, cortou o grosso saco que prendia a esposa.

Ela se sentou, trêmula, e Geoffrey se ajoelhou para libertá-la do restante do saco. Jogando-o longe, olhou para ela e se lembrou de uma outra ocasião, na qual suas posições estavam invertidas. Fitando-a, tão linda e extraordinária, Geoffrey sentiu seu coração se agitar.

— Elene — ele sussurrou.

Ela o fitou, os olhos cheios de cautela, atitude que estava determinado a eliminar, mesmo que levasse a vida inteira. E começaria naquele instante. Engolindo o nó que sentia na garganta, Geoffrey disse as palavras que havia muito evitava.

— Eu amo você — ele disse, sorrindo de sua surpresa. Dividido entre o riso e as lágrimas, puxou a esposa de encontro aos seus braços, murmurando palavras carinhosas. Ele a amava, passaria o resto da vida provando isso a ela. Provando ao mundo inteiro.

Ouvindo o resmungo de Dunstan, Geoffrey finalmente deixou a esposa e ajudou o irmão a embrulhar o corpo do homem morto para que fosse transportado e enterrado. Quando se abaixou para pegar o punhal, Geoffrey lembrou-se de algo importante. Erguendo-se, lançou um olhar furioso para Elene.

— O que deu em você para chutar aquele louco? — ele perguntou com voz baixa. — Poderia ter morrido! O que planejava fazer, presa em um saco?

Elene baixou a cabeça e corou, mas justo quando Geoffrey achou que seria atacado com suas injúrias, ela ergueu o queixo e deu de ombros.

— Aparar o punhal com os dentes? — ela sugeriu.

Antes que Geoffrey pudesse responder àquela alegação tão ridícula, Dunstan jogou a cabeça para trás e gargalhou. Virando-se para o irmão, Geoffrey o olhou, zangado.

— Não a encoraje — ele murmurou. No entanto, ele se sentia encorajado com a atitude do Lobo em relação à antiga inimiga. Sorrindo para Elene com certa admiração, Dunstan sacudiu a cabeça.

— Geoffrey, se alguém fosse capaz de fazer isso, essa pessoa, certamente, seria sua esposa!

Epílogo



Geoffrey olhou pela janela e sorriu ao ver as colinas que circundavam Campion brilhando ao sol de fim de tarde sob a fina camada de neve. Ele e Elene tinham chegado um dia antes, graças às condições propícias da estrada, mas a maioria dos moradores estava fora, vagando pelo bosque à procura de uma árvore de Natal, a pedido de Marion.

Mas logo todos estariam reunidos no grande salão para a ceia, e depois seguiriam para o solar, para beber vinho e trocar doces. Tudo era muito familiar e, ao mesmo tempo, diferente, pois Geoffrey não estava no antigo quarto que dividia com Stephen, mas num quarto de hóspedes. Embora pequeno, era mais luxuoso que o de sua casa, Geoffrey pensou, melancólico. Mesmo assim, não desejava ficar ali, pois aquele não era mais o seu lar.

Ele olhou para a imensa cama, onde uma figura esbelta estava deitada, os cabelos longos espalhados pelo travesseiro, e seu sorriso se alargou. Seu lar agora era ao lado daquela mulher, que encheria a casa com o riso dos próprios filhos. Suspirando contente, Geoffrey se inclinou para beijar a face de Elene, corada pelo sono. Embora o corpo ainda continuasse delgado, ela descansava com mais frequência e ele já podia notar as mudanças provocadas pela criança que carregava.

Os seios se projetavam contra o corpete do vestido, e a visão deixou Geoffrey tentado a se juntar a ela na cama, mas pretendia falar com Dunstan antes da ceia. Deixando-a descansar, roçou os lábios nos cachos sedosos e saiu.

Todos pareciam alvoroçados no salão, e Geoffrey logo encontrou Dunstan se encaminhando para a mesa.

— Geoff! Desculpe por não recebê-lo, mas Marion não nos daria sossego enquanto não achássemos a árvore perfeita para o Natal. Ela está determinada a fazer com que o bebê aprecie as festividades, mas acho que ele não nota nada que não seja a fonte de seu leite!

Geoffrey sorriu, pois o orgulho de Dunstan era evidente, apesar dos resmungos. Imaginou o próprio filho crescendo no ventre de Elene e então lembrou-se do motivo que o levara a procurar o irmão.

— Dunstan, depois do que aconteceu no verão... bem, nunca tive a chance de dizer o quanto estou grato. — Dunstan resmungou, mas Geoffrey insistiu:

— Acho que nunca serei capaz de retribuir o que fez por mim. Devolveu-me a esposa, minha vida. — Dunstan sacudiu a cabeça, embaraçado.

— Não, eu é que devo a você, Geoff, pois se bem me lembro, foi você quem me tirou dos meus próprios calabouços. — Foi a vez de Geoffrey menear a cabeça.

— Todos estavam lá. Só fui o primeiro a alcançá-lo. Nosso pequeno De Burgh foi quem salvou o dia, então. — Ele olhou para Dunstan, cheio de convicção. — Pelo que posso perceber, poderia aprender algumas coisas com o pequeno Nick, o mais observador de todos nós.

— Céus, não o deixe ouvir isso, senão se tornará insuportável! — Dunstan reclamou. Então fixou o olhar no irmão. — Fico feliz por termos ajudado, mas você teria resolvido tudo sozinho. — Ergueu a mão para impedir a negativa de Geoffrey, e continuou, determinado: — Sua mente não é páreo para mais ninguém, sei que teria conseguido descobrir tudo. Eles não iriam a lugar algum, portanto, teria tempo de encontrá-los. — Geoffrey suspirou. — Talvez, mas ela poderia ter sido ferida, ou... — Não conseguiu terminar a frase. Dunstan rosnou.

— O padre não conseguiria machucá-la. Assim que a poção perdesse o efeito, sua esposa o teria reduzido a pedacinhos! — Geoffrey riu, sentindo-se melhor, pois carregava essa culpa consigo desde o verão. Talvez Dunstan tivesse razão, mas ficava feliz pelo apoio.

— Sim, mas valorizo a ajuda dos meus irmãos — ele disse.

— Então, estamos de comum acordo, porque também aprendi a dar valor a minha família — Dunstan comentou. Como se sua confissão o deixasse desconfortável, desviou brevemente o olhar. — Mas me diga como está o castelo. Já faz meses que não visito você.

— Não reconheceria o lugar — Geoffrey disse, animado. — Até já vejo alguns criados sorrindo. — Com a risada de Dunstan, Geoffrey continuou, mais sério desta vez:

— Os ânimos estão diferentes, como se uma nuvem negra tivesse se afastado das terras. O padre estava usando sua influência e sua posição para dominar as pessoas. Primeiro, espalhando mentiras a meu respeito; depois, intimidando as pessoas e até as ameaçando com punição divina. — Geoffrey franziu a testa. — Ele estava desesperado. Mesmo os que percebiam que ele não era um homem são tinham medo de falar. — Dunstan sacudiu a cabeça.

— Conseguiu muitos inimigos, Geoff, mas derrotou a todos. É um feito que poucos teriam conseguido.

— Mas, pelo que ganhei, acho que valeu o esforço.

Dunstan não parecia muito convencido disso. Nesse exato instante, Marion se juntou a eles, sorridente e corada.

— Geoffrey! — ela disse, estendendo as mãos. Ele as segurou, apertando-as levemente. — Acabo de ver sua esposa, e posso dizer que está bem diferente — Marion disse, com certa malícia.

Geoffrey assentiu, sem ter certeza se ela falava da gravidez de Elene. Ainda não tinham contado a ninguém, pois insistira em fazer o anúncio no Natal. Elene, compreensivelmente, não estava tão entusiasmada para visitar sua família, mas concordara em vir.

Logo Geoffrey se viu recebendo os cumprimentos dos outros irmãos.

— Geoff! — Nicholas gritou, adiantando-se com seu habitual entusiasmo.

Robin também se aproximou, dando-lhe um tapinha nas costas, enquanto Simon e Stephen mantinham-se afastados, relutantes em demonstrar afeição. Reynold ficou mais atrás, o problema na perna acentuado por ter passado o dia cavalgando.

Quando todos tomaram os seus lugares, falando ao mesmo tempo, Geoffrey se perguntou se deveria ir buscar Elene. Embora ela não admitisse, sabia que estava nervosa por ter de enfrentar todos os De Burgh novamente. Mas quando olhou para a escada, viu que ela já vinha, acompanhada por ninguém menos que o próprio Campion.

Geoffrey sorriu, então ficou sem fôlego quando pôde vê-la claramente. Agora entendia a afirmação de Marion. A irmã tinha oferecido um presente a Elene, um vestido novo, mais distinto que qualquer coisa que ela já tivesse usado.

Era escarlate, realçando sua pele e as novas curvas como nenhum outro vestido teria conseguido. O cabelo estava solto, como sempre, caindo como uma cascata além dos quadris, mas os cachos que costumavam cair sobre o rosto estavam presos com um laço vermelho. Sedosos e brilhantes, não cobriam mais as lindas feições, a pele macia e os lábios delicados.

Ela estava linda!

Mesmo Geoffrey, que admirava as sutis mudanças na aparência de Elene nos últimos meses, estava atordoado. Seu coração respondeu como sempre, batendo apressado, porém outra parte de seu corpo deixava sua exaltação mais evidente. Sentou-se rapidamente.

Então notou os irmãos. Todos observavam a aproximação de Elene com admiração, e Geoffrey sorriu, orgulhoso. Finalmente, viam sua esposa como uma mulher atraente. Sentiu-se vingado porque não teria mais de temer gracejos e comentários rudes, ou mesmo se controlar para que não dirigisse sua raiva contra eles.

Mas quando Stephen se recostou na cadeira, com um sorriso de apreciação surgindo nos lábios, Geoffrey não achou a cena mais tão divertida. Olhando ao redor, notou que Nicholas parecia pasmo e que Robin tinha uma expressão muito interessada no rosto.

Por um lado, estava contente por sua esposa, que merecia ser mais bem-tratada pelos irmãos, mas, por outro, sentia-se como um homem cujo tesouro tivesse sido revelado aos olhos cobiçosos do mundo. Afinal, ele sempre vira a beleza da esposa. Franzindo a testa, Geoffrey olhou para o Lobo, que tinha rosnado surpreso, e viu Marion silenciando o marido e cochichando algo em seu ouvido. Estranho, pensou, mas olhando novamente para os irmãos, começou a suspeitar de alguma coisa. Logo confirmou o que pensava quando Stephen, sem afastar os olhos de Elene, dirigiu-se a Marion.

— Trouxe uma nova dama de companhia? — perguntou com voz rouca.

Rindo muito, Marion negou e impediu Dunstan de fazer comentários, colocando a mão em seu braço.

Aparentemente, o Lobo tinha adivinhado o que os outros ainda não haviam percebido. Geoffrey franziu o cenho, aborrecido, ouvindo os murmúrios que vinham das outras mesas.

Ninguém reconhecera sua esposa.

Simon se virou para Geoffrey com um olhar malicioso.

— Pensei que traria a Fitzhugh. — Geoffrey se retesou ligeiramente.

— A Fitzhugh já não existe mais.

— O quê? Você a matou? — Simon perguntou com estrépito. O olhar espantado no rosto do guerreiro o fez conter a risada. Até Reynold o encarava, alarmado.

— Não, ela agora é uma De Burgh. — Erguendo-se, Geoffrey estendeu a mão para a esposa. — Elene, lembra-se de Simon, não é mesmo? — Inclinando a cabeça como uma verdadeira dama, Elene cumprimentou o irmão com graciosidade. Geoffrey notou seis pares de olhos a fitarem, espantados.

— É uma bela aquisição para a nossa família — Campion disse, entregando-a a Geoffrey. — E estamos todos satisfeitos com sua presença, não é mesmo? — ele perguntou, observando a reação dos filhos.

Geoffrey teve o prazer de vê-los olhando para o pai com descrença, enquanto um silêncio mortal tomava conta do salão.

Gradualmente, murmúrios, acenos e cumprimentos encheram o ar, e Geoffrey notou que alguns de seus irmãos pareciam envergonhados.

— Ótimo — disse Campion, dirigindo-se à cabeceira da mesa e parando atrás da cadeira. — Aliás, deixe-me ser o primeiro a dar os parabéns. — Geoffrey sorriu. O pai percebia as coisas melhor que ninguém, e sentiu um alívio no peito diante da promessa de aceitação de sua esposa. Ele assentiu, sentindo-se incapaz de falar, quando Campion continuou:

— Tenho certeza de que todos também celebrarão a iminente chegada de mais um De Burgh. Geoffrey, não deixe sua esposa em pé — ele o repreendeu.

O grito de alegria de Marion foi logo superado pela algazarra e pelos festejos dos irmãos quando entenderam o anúncio. Geoffrey notou que ninguém lançava olhares furtivos, todos comemoravam genuinamente. Acomodando Elene, sorriu orgulhoso e tomou o lugar a seu lado, certo de que a vida não parecia tão desanimadora quanto um ano atrás.

Os gritos já tinham alcançado um volume ensurdecedor, e Elene apertou o braço do marido em vez de procurar o conforto de seu punhal. Não estava acostumada ao comportamento efusivo dos irmãos, mas quando a balbúrdia diminuiu, conseguiu relaxar um pouco. Era difícil visitar o antigo lar de Geoffrey, mas a promessa de que Marion estaria presente a fizera concordar em vir. Elene piscou, lembrando do cumprimento feliz da mulher de cabelos escuros, mas não esperava ser tão bem recebida pelo pai de Geoffrey.

Embora os De Burgh falassem todos ao mesmo tempo, silenciaram-se para ouvir o pai. Elene não podia culpá-los. Reconhecia nele a mesma sabedoria que via em Geoffrey, o mesmo homem gentil em corpo de guerreiro. Mas o olhar de Campion era desconcertante, parecia desvendar sua alma, e Elene se surpreendeu segurando a respiração, temendo não ser aprovada em seu julgamento.

Aparentemente, isso não acontecera, pois o conde a tratara com a mesma cortesia que o filho, oferecendo-lhe o braço e levando-a ao encontro dos outros. Elene tinha de admitir a sensação de triunfo que tivera ao ver que não a reconheciam. Tolos, pensou, com olhar zangado. Queria se vingar de cada um pela maneira como fora tratada antes.

Menos de Geoffrey e de seu pai. Havia algo nele que inspirava... lealdade. Mesmo Elene, que achava difícil responder educadamente a qualquer um que não fosse o marido, sentia-se atraída pela aura de poder que emanava do conde.

Curiosa, estudou o mais velho dos De Burgh, até que ele, subitamente, a fitou, como se tivesse percebido que era observado. Ela estremeceu, tomada por uma estranha sensação que logo desapareceu quando ele lhe sorriu. Então, sentiu o carinho de seu olhar, tão parecido com o do filho, que foi seguido de uma piscadela que a convidava a compartilhar de alguma brincadeira.

— É o segundo Natal em que damos as boas-vindas a uma nova dama em nossa família e à criança que carrega — Campion disse, olhando para os filhos reunidos ao redor da mesa. — Talvez devêssemos tornar isso uma tradição. — Ele fez uma pausa significativa, e Elene se perguntou o que ele pretendia. — Qual de vocês será o próximo?

Surpresa com os ruídos abafados que se seguiram, Elene olhou ao redor e viu que os audazes cavaleiros De Burgh estavam pálidos e aterrorizados. Na verdade, os homens que uma vez lhe pareceram tão assustadores praticamente tremiam nas cadeiras com a mera sugestão de casamento. Contendo um riso zombeteiro, Elene percebeu que nunca mais veria os irmãos De Burgh da mesma maneira, agora que descobrira seu ponto fraco.

Retribuindo o sorriso de Campion, Elene concluiu que nenhuma vingança seria mais doce do que ver todos eles apaixonados e casados um dia.